

Gil Fox



NA PASSARELA DO

Amor

SPIN-OFF DE O CUPIDO BEBEU





Na passarela do amor

Gil Fox



Sumário

[Sinopse](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Epílogo



Sinopse



Oi, eu sou a Mônica, a amiga anjinha de Chay. Venho aqui contar a minha história.

A verdade? Estou quebrada de tal maneira que não sei se algum dia vou juntar os pedacinhos e me tornar inteira. Ser chamada de vazia foi o estopim em direção à mudança da minha vida. Fiz uma lista, coloquei cada coisinha que gostaria de mudar em mim, dei o primeiro passo e... consegui me envolver em um caso de polícia internacional. Agora preciso resolver as coisas com o Eduardo, não ser presa, não morrer e tentar me colar. Apesar de tudo, eu não estarei sozinha nessa busca por mim.



Noia da Aurora



Por favor, se você conhece alguém que é vítima de violência doméstica, denuncie. Não tem essa de: entre marido, companheiro, namorado, ficante, amigo colorido, contratinho, enrolo, ninguém mete a colher. Se você ver qualquer uma das violências listadas abaixo, ligue 180. É de graça, não precisa se identificar. Salve uma vida. Seja o herói ou heroína de alguém.

VIOLÊNCIA FÍSICA ^[1]

Entendida como qualquer conduta que ofenda a integridade ou saúde corporal da mulher.

1. Espancamento

2. Atirar objetos, sacudir e apertar os braços
3. Estrangulamento ou sufocamento
4. Lesões com objetos cortantes ou perfurantes
5. Ferimentos causados por queimaduras ou armas de fogo
6. Tortura

VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA

É considerada qualquer conduta que: cause danos emocional e diminuição da autoestima; prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento da mulher; ou vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões.

1. Ameaças
2. Constrangimento
3. Humilhação
4. Manipulação
5. Isolamento (proibir de estudar e viajar ou de falar com amigos e parentes)
6. Vigilância constante
7. Perseguição contumaz

8. Insultos
9. Chantagem
10. Exploração
11. Limitação do direito de ir e vir
12. Ridicularização
13. Tirar a liberdade de crença
14. Distorcer e omitir fatos para deixar a mulher em dúvida sobre a sua memória e sanidade (gaslighting)

VIOLÊNCIA SEXUAL

Trata-se de qualquer conduta que constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força.

1. Estupro
2. Obrigar a mulher a fazer atos sexuais que causam desconforto ou repulsa
3. Impedir o uso de métodos contraceptivos ou forçar a mulher a abortar
4. Forçar matrimônio, gravidez ou prostituição por meio de coação, chantagem, suborno ou manipulação

5. Limitar ou anular o exercício dos direitos sexuais e reprodutivos da mulher

VIOLÊNCIA PATRIMONIAL

Entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades.

1. Controlar o dinheiro
2. Deixar de pagar pensão alimentícia
3. Destruição de documentos pessoais
4. Furto, extorsão ou dano
5. Estelionato
6. Privar de bens, valores ou recursos econômicos
7. Causar danos propositais a objetos da mulher ou dos quais ela goste

VIOLÊNCIA MORAL

É considerada qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.

1. Acusar a mulher de traição
2. Emitir juízos morais sobre a conduta
3. Fazer críticas mentirosas
4. Expor a vida íntima
5. Rebaixar a mulher por meio de xingamentos que incidem sobre a sua índole
6. Desvalorizar a vítima pelo seu modo de se vestir

Tudo que você precisa fazer é mover as pessoas só um pouquinho para mudanças acontecerem. Não precisa ser algo enorme. - Viola Davis



Capítulo 1



Eu estou vivendo em uma história do Jorge Amado.

Escrevi essa mensagem para Chay e enviei.

Trabalhava como assistente administrativa em uma empresa de administração de condomínios e incorporadora, além de cuidar de todos os aspectos de prédios já construídos. Também acompanhávamos prédios em construção. Foi lá que conheci a minha melhor amiga, Chay, uma terceirizada que cuidava do departamento de informática. A amizade nasceu do nada e cresceu muito.

Recentemente, ela se casou com o meu chefe, Joaquim, um ruivo que é completamente oposto a ela. Os dois mantinham uma tensão sexual

reprimida há anos, que estourou quando a doida resolveu bancar uma de cupido para o meu lado e me arranjar com o engenheiro Eduardo.

Virei uma piada pronta, Eduardo e Mônica. Diferente do famoso casal da banda Legião Urbana, a história com esse Eduardo não deu muito certo. Devo confessar que noventa por cento foi por minha causa. Acabei envolvida em um sequestro e quase fui morta se não fosse a maluquice da Chay em puxar o freio de mão em alta velocidade na rodovia dos Imigrantes e lançar o Bruno pelo para-brisa. Em seguida, um caminhão vindo atrás o transformou em hambúrguer, hoje provavelmente ele está a sete palmos debaixo da terra.

Peguei a referência, você é a Dona Flor e tem dois maridos.

Veio a resposta em sequência.

A nossa amizade era em um nível diferenciado. Como a doida gostava de dizer, somos irmãs gêmeas de mãe, cor e idades diferentes. Temos uma sintonia tão boa, que às vezes parece que dividimos a mesma alma.

Acidentalmente aceitei um convite do Michael e do Edu para o mesmo dia.

**Avisei a você que um dia isso ia dar merda. E agora, go-go ou
Duuu, eis a questão.**

Coloquei a mão no rosto e ri gostoso do apelido que Michael ganhou. Conheci o policial há algum tempo, quando investigava o meu ex-namorado, Bruno. Ainda não sabia no que exatamente o falecido se envolveu, bloqueie tudo que o envolvia e mandei para um canto da mente.

Quando Michael chegou ao escritório ao lado de Chay portando um buquê de flores, imaginei tudo exceto sua real profissão. O cara é grande, deve beirar os dois metros de altura, ombros largos e cintura estreita formando o triângulo perfeito, peitoral avantajado em uma camiseta apertada; conhecendo-o como o conheço agora, sei que não foi proposital, não há roupas para ele em lojas comuns, com aqueles os braços largos e as pernas que dariam para estudar anatomia de tão definidos que são os músculos.

Conhecendo a capacidade criativa da dona Chay, imaginei que tinha contratado um dançarino como pedido de desculpas. Em meus poucos anos de modelagem, vi muitos homens bonitos, mas nada comparado a Michael

entrando de jeans e camiseta segurando flores azuis. Quando nossos olhos se encontraram, alguma coisa dentro de mim ganhou vida. Não consigo colocar em palavras, mas aquilo me desconcertou de tal maneira, que acabei o chamado de go-go boy.

Claro que não sabia onde enfiar a cara depois de descobrir que ele é na verdade um investigador de polícia; até hoje, ao lembrar do fato, sinto o rosto arder.

Edu quer que eu saia com ele para irmos ao cinema, como em um encontro.

Eduardo, um dos engenheiros da empresa, o cara com quem eu mantinha um relacionamento aberto, queria um compromisso sério, mas eu não. O problema? Não me sentia segura o bastante para ser a namorada de alguém. Parte desse sentimento vinha por ter vivido um relacionamento abusivo anteriormente? Sim, a outra parte era porque não estava certa de o amar o suficiente.

Havia química entre a gente, e se fosse comparar Edu e Michael fisicamente, seria um páreo duro, sendo o engenheiro mais baixo que o policial, mas com um corpo tão definido quanto o do loiro, e ainda tem a tatuagem pecaminosa, não o maldito Sansão, o coelhinho de pelúcia azul

criado por Mauricio de Sousa, tatuado na despedida de solteiro dos nossos amigos, tudo por causa do meu nome, na bunda, mas sim uma tribal no braço.

— Céus, sou uma vaca fútil que se importa com a aparência — resmunguei comigo mesma ao me levantar da cama, um arrepio frio subindo quando o ar gélido da manhã de inverno colidiu com meu corpo. Havia desligado o alarme fazia uns cinco minutos e tentava a todo custo me convencer de levantar e ir cuidar dos afazeres matinais quando resolvi conversar com a minha amiga.

Saindo do patamar beleza exterior, ambos os caras me atraíam de maneiras diferentes. Eduardo, o cara com futuro estável, como dizia a música: eu, você, dois filhos e um cachorro. Estava claro para mim ou qualquer pessoa que convivia conosco que, se eu dissesse sim, estaríamos namorando no segundo seguinte.

Porém, da mesma maneira que o cenário era atrativo, me dava um medo danado. E se voltassem os velhos hábitos, viver em função de um homem, me vestir, conversar apenas sobre o que ele queria? Eu via os meus amigos, Quim trocou o carro esportivo por uma SUV, Chay vendeu seus brinquedos por não ter lugar para guardá-los, ambos viviam em função dos gêmeos. Não que a vida de casado com filhos parecesse ruim, longe disso,

um dia queria ter aquela união estável, mas não no momento. Não me sentia pronta.

Sair com Michael me dava certa liberdade, ele nunca falou em sairmos exclusivamente um com o outro. Não sentia da parte dele um eminente pedido de namoro. Ele se tornou um delivery de sexo para mim. É como pizza, às vezes você não tem o que comer em casa ou não está a fim de cozinhar e pede comida por telefone; sacia a fome, mas não é algo que se faça todos os dias.

Ou ele ligava, como ontem, me convidava para fazer qualquer coisa e acabávamos na cama ou eu entrava em contato. Nosso relacionamento mais parecia uma amizade colorida. Algo que Eduardo há algum tempo não aceitava. Fazia quatro anos que vivia naquele esquema de sairmos com outras pessoas. Falei um milhão de vezes para seguir adiante e procurar uma boa moça, mas quem manda no coração da gente?

— Agora me sinto uma vaca fútil sem alma e maníaca por sexo.

Enquanto divagava, fui me arrumando, aproveitei os minutos sobrando no meu horário cronometrado, fiz um chocolate quente e coloquei na caneca térmica de viagem sem derramar uma gota ou me queimar, estava quase fazendo uma dancinha da vitória por sair de casa sem grandes problemas quando abri a porta e vi a bolsa indo ao chão e espalhando todos

os trecos para tudo que é lugar. Respirei fundo e mandei uma mensagem antes de agachar e pegar tudo.

Vou desmarcar com o Edu.

Por que com ele?

Pousei a caneca no chão e apertei o botão para mandar um áudio:

— Como você bem me disse e vive me lembrando, preciso pôr um ponto final nessa relação com o Edu, ele acredita que vai me vencer pelo cansaço e que vamos ter algo exclusivo.

Amém, senhor. Mudando de assunto, vai passar aqui para ver toda a papelada da empresa?

Em seu recente negócio, basicamente fazia a mesma coisa de quando tinha a carteira assinada: montava redes de computadores e todas as coisas de informática rotineiras que eu não entendia muito bem. Eu ia cuidar da contabilidade, desde que me formei e tirei meu CRC, fazia

pequenos trabalhos como freelancer. Gostaria de um dia ter meu próprio escritório, mas para isso teria de economizar bastante e criar uma carteira de clientes. Não poderia me dar o luxo de sair de algo concreto para um projeto duvidoso sem pensar bem.

Passo, sim.

Digitei depois que peguei todos os meus pertences e coloquei de volta na bolsa, o que não vi foi o batom na beirada da escada, então, quando fui descer, acabei chutando-o. Cada vez que a embalagem batia no piso, trincava e doía meu coração, ao mesmo tempo em que o celular tocava.

— Alô — Atendi sem olhar quem era e fui atrás do pobre batom.

— Tudo certo para hoje à noite? — A voz de Edu chegou aos meus ouvidos.

— Merda. — O maldito batom finalmente parou de cair. De onde estava, pude ver vários pedaços espalhados por todos os lugares.

— Que foi? Vai cancelar?

— O quê? — Eu me distraí tentando dar um jeito na maquiagem. — Não. Sim. Quer dizer, derrubei o batom, ele quebrou inteiro e ainda sujou o

chão, por isso disse “merda”.

— Então, está tudo certo?

— Ah! Acabei marcando com duas pessoas ao mesmo tempo...

— É o policialzinho? — Pude notar o desprezo de longe na voz. — Estou com entradas para o teatro, um stand-up comedy, você disse que gostava de ir.

— Eduardo, disse que gostaria de ver alguma peça de teatro, uma releitura de um clássico, esse negócio de stand-up não é muito a minha praia. Além disso, não íamos no cinema?

— Vamos lá. Vai ser divertido. Hoje é quarta, onde é que o policialzinho vai te levar? A um bar para assistir futebol? — Algo na risada cínica e no diminutivo da profissão de Michael me irritou.

— Eduardo, com quem vou sair ou deixar de sair não te diz respeito. Você não sabe se é com o *policial* — enfatizei. — Que por sinal tem um nome, Michael.

— Vocês andam saindo muito ultimamente...

— Vamos parando por aqui, antes que faça algo que vá se arrepender. — Fechei os olhos e contei até dez. — Sempre fui clara com

você sobre sair com outras pessoas, não me lembro de ter dito que seria com Michael.

— Ok. Desculpe. Cancela com essa outra pessoa e saia comigo. Podemos jantar depois, que tal?

— Não sei. — Uma vozinha na minha cabeça gritava: *vaca egoísta*. — Tudo bem, vamos sair, mas precisamos conversar. — Sim, ia colocar um ponto final definitivo e deixar de ficar em cima do muro.

— Ok. Te pego às oito? — Concordei, e desligamos. Mandeí mensagem logo em seguida para Michael:

Podemos nos ver outro dia? Esqueci que marquei com alguém.

Quando estava saindo na estação Brigadeiro, veio a resposta do loiro.

Tudo bem. Divirta-se, marcamos outra hora.

Eduardo, você não poderia ser assim?, perguntei em pensamento.

— Alô.

— Monicota, delícia açucarada, quero você. — A voz esganiçada e um tanto feminina de Rafaelli chegou aos ouvidos. Há quanto tempo não escutava aquela pessoa gritando? Uns dez anos? — Deusa de ébano, luz do meu viver, me socorre, estou passando por aquela crise, e só você pode me ajudar. — Já podia imaginar qual seria. Meu “não”, na ponta da língua, mas por respeito a ele e por um pouco de carinho, deixei que continuasse. — Diva, me escute antes de bater a porta no meu lindo rostinho, que acabei de fazer preenchimento e um peeling divino que prometiam rejuvenescer uns dez anos.

— Certo.

— Tenho um novo cliente, superbadalado, com uma coleção de joias divina precisando de modelos diversificadas para mostrar a cara do Brasil. Esqueça o padrão de sempre, ele quer mulheres de todos os tipos e formas, incluindo LGBTQIA+, o que adorei. — Mesmo não estando mais por dentro do mundo da moda, eu acompanhava de perto as tendências e evoluções. Hoje você abre uma revista e não vê modelos de baixo peso

ilustrando os anúncios, e sim pessoas comuns, aquelas que se vê em qualquer lugar. — Estou sem opções para montar um *casting*^[2].

— Ah, Rafaelli...

— O gatíssimo de Luca Albiero vai querer você todinha para ser a nova estrela quando vir seu novo book...

— Que novo book?

— Aquele que você vai fazer assim que vier até a agência amanhã. Nada de Justine LeGault, Fluvia Lacerda ou quem você estiver pensando.

— Conhecia o nome das modelos, e me comparar com elas era algo totalmente fora da casinha. Poderia ter passado anos desde a última vez que vi o dono da Beauty Now, mas conhecia suas técnicas de persuasão. — Ele vai querer você todinha, não do modo divertido, pois fiquei sabendo que a esposa e co-criadora das peças é uma diva poderosa, a mocreia...

— Rafaelli...

— Calma, diva. Sério, a mulher é inteligente, gerencia a própria marca, tem duas filhas, é simpática e ainda é casada com um Albiero. Ai, que raiva! Nem para ser feia, a mocreia.

— Rafaelli...

— Tá, ela não é mocreia, muito pelo contrário, totalmente diva, não como você, é claro. Mas ela é tão fofa, carinhosa, linda, simpática...

— Está mudando de lado, *bee*? — Tive de interromper.

— Cruzes! — O berro fez com que eu afastasse o celular da orelha. — Já nasci de cesariana para nem passar perto. — Dei uma gargalhada com a frase. — Eles são totalmente meu novo casal Brangelina. — Então a coisa era séria, Rafaelli amava Brad Pitt e Angelina Jolie, pelo que me lembro, acho que vi uma postagem no Face um tempo atrás quando o casal acabou; Rafaelli fez um discurso emocionado como se fosse amigo íntimo do casal.

— Vamos com calma, sim?

— Estou calma, querida. — O bufar do outro lado da linha dizia o contrário, era como se Rafaelli estivesse correndo e falando ao celular ao mesmo tempo. A voz dele ficou séria. — Sei que estou pedindo demais, mas pense em mim, pelos velhos e bons tempos.

— Isso é golpe baixo.

— Me desculpa, não teria te ligado se realmente tivesse outra opção.

Rafaelli esteve ao meu lado tanto na fase boa quanto na ruim. Foi o meu primeiro agente, me encontrou em uma feira de profissões, ainda na escola. Ele me convenceu que eu levava jeito para ser modelo, tinha o rosto

certo, as medidas corretas para o mercado plus size, defendeu que as câmeras iriam amar capturar cada um dos movimentos que eu fazia naturalmente. Fiquei deslumbrada com a possibilidade de ser famosa no ramo e convenci meus pais a pagar pelo book.

Conheci o Bruno no dia das fotos, ele era o fotógrafo responsável. Iria fazer sessenta cliques^[3] com duas trocas de roupa; desses, retiraria dez fotos que seriam tratadas no computador, formando assim o portfólio de apresentação que seria ofertado a clientes que desejassem que eu participasse de suas campanhas publicitárias.

Passei pelo maquiador, depois fui colocar o primeiro look, calça jeans e camiseta preta. Caminhei ao local indicado, uma assistente me posicionou e deu dicas de como manter as partes do meu corpo nos ângulos certos. Achei tão difícil, que a cada posição, minha ansiedade aumentava. Quando Bruno chegou com a câmera, não reparei bem em sua fisionomia, a forte luz do estúdio atrapalhava a visão. Ele se tornou um borrão que me mandava sorrir, virar, levantar a cabeça, inclinar para um lado, posicionar a mão de uma maneira ou de outra.

Não sei quantos cliques a máquina deu até o momento em que ele me mandou relaxar, pois havia acabado tudo, e veio conversar comigo. O sorriso chamou a minha atenção, seus lábios se moviam, e eu não conseguia

olhar para mais nada. Sua mão quente tocou o meu queixo e o ergueu, seus olhos escuros vasculharam a minha alma, a desnudando. Ele me pediu para respirar, relaxar os músculos e tentar se divertir, esquecer tudo ao meu redor. Sua voz sedutora envolveu minha mente, e, quando vi, estava desfrutando do momento.

— Vou pensar e te ligarei nesse número, tudo bem?

— Antes de dizer não, pense com muito carinho, são só fotos promocionais e umas exposições, juro que nunca mais chamo você para nada. O dinheiro é bom também. — Uma luz se acendeu na mente quando a palavra dinheiro foi mencionada.



Capítulo 2



Olhei pela milionésima vez o relógio do celular, perguntando quando o show terminaria. O comediante da vez apelava com piadas discriminatórias, como se fosse engraçado participar da minoria. A plateia vaiava a cada vez que abria a boca, e o cara não se tocava de estar sendo inconveniente. Quando a cortina se fechou e as luzes se acenderam, dei graças a Deus por ter acabado a hora de tortura. Eduardo me conduziu de volta ao carro.

Quando entramos no carro, perguntei se podíamos ir para casa, pressentia que uma das minhas crises de cólica ia começar. Acabamos brigando, pois ele havia feito reservas em um restaurante novo. Tenho endometriose e ovários policísticos, quando vem a dor, não é algo simples

que passa com uma Advil; quantas vezes não acordei em uma maca de pronto-socorro depois de um desmaio?

Vi ali a oportunidade, teria uma conversa definitiva. No final, me senti aliviada, foi como se um peso saísse das minhas costas. Tínhamos os mesmos amigos e precisávamos estar nos mesmos lugares, então nossa relação precisava ser a mais civilizada possível.

Eduardo não gostou, tentou me convencer do contrário, mostrou as alianças de compromisso já compradas, disse que naquela noite ia me pedir em namoro. Quando agradei, ficou puto comigo, vi um outro lado dele que não gostei. Fui acusada de ludibriá-lo, de dar falsas esperanças quando na realidade nunca teria nada com ele.

Ao entrar novamente em casa, repassei toda a conversa tentando realmente entender onde errei. Sempre fui muito franca em nossas conversas, dizia que manter um relacionamento aberto já seria um indicativo de não querer algo sério.

Não consegui dormir direito, e na manhã seguinte, ao levantar, não só estava em um nível sete de cólica, como somava ao panorama uma dor de cabeça insuportável. Meu celular não parava de vibrar com o alerta de mensagens de Rafaelli. Tomei um remédio receitado pelo médico e me arrumei rumo a um novo dia no trabalho.

Em pé, esperando o metrô, olhei fixamente uma propaganda de uma marca famosa de joias em um outdoor. O convite de Raffaelli piscava como um anúncio em meu cérebro. Comecei então a fazer uma lista mental dos prós e contras de embarcar novamente no ramo. Contanto que não atrapalhasse meu emprego número um, não havia grandes objeções a voltar a ser fotografada.

Seria somente esse cliente. Pela descrição do *job* passada por Rafaelli, meu horário na firma não seria prejudicado. Conversaria com Quim, poderia tirar as minhas horas extras na ocasiões das sessões de fotos. E se concordasse com as exposições, provavelmente tudo ocorreria à noite.

Assim que descii na estação Brigadeiro, mandei mensagem para o chefe perguntando se podia tirar a tarde de folga, assim acertaria as questões do contrato. Quando recebi carta branca, confirmei a minha ida à agência. Claro que Rafaelli me ligou no exato segundo em que visualizou a mensagem, e acertamos a hora certa do nosso encontro.

Passei o dia numa ansiedade só, foram três barras de chocolate, um pacote de cookies e não sei quantos cafés.

Colocar os pés novamente na Beauty Now me abriu as comportas do passado, mas fiquei feliz de não só lembrar das partes ruins do meu relacionamento conturbado com Bruno. Ao observar as paredes com fotos de modelos, reconheci um ou outro rosto da minha época.

Ser modelo é um trabalho exaustivo, sorrir, ficar parada, se deixar ser analisada, vestir roupas ou sapatos muitas vezes nem um pouco confortáveis. Havia o lado bom também, ir a lugares que normalmente você só passaria na calçada, conhecer gente famosa, ter um pouco de fama.

Uma porta se abriu à minha esquerda, e foi como se eu recebesse um soco no estômago. Rafaelli saiu em seu terno laranja, com camisa branca e uma gravata vermelha. O cabelo platinado empastado de gel estava ajeitado somente de um lado. Imediatamente voltei à noite em que minha vida deu uma virada de cento e oitenta graus; o mesmo homem ali parado, me encarando, encarava uma versão minha em um leito de hospital, com um braço quebrado e um olho roxo fechado de tão inchado.

— Monicota, diva da minha vida! — Rafaelli colocou as mãos no rosto, vi seus lábios tentarem se mexer; a criatura deveria ter feito algum procedimento estético que não permitir demonstrar qualquer reação. — Que bom que veio. — Ele caminhou rebolando até mim, quando chegou perto e

me abraçou, o cheiro forte de Carolina Herrera me atingiu em cheio, e eu retribuí o gesto. — O tempo só fez coisa boa para você, sua mocreia.

— Também te amo, Raffaelli. — Gargalhei com o cumprimento.

— Olha só para você, toda menina grande. Venha até minha sala, conte tudo o que tem aprontado por aí. Venho te seguindo no Instagram, quem são aquelas gracinhas? Não lembrava de você ter irmã. — Enquanto ia falando, me levava por um labirinto de corredores, não lembrava de o lugar ser tão grande.

— São meus afilhados.

— Já têm agente? São tão lindinhos, que até dá vontade de ter os meus próprios. — Chegamos ao final de um corredor branco e entramos em uma sala onde tudo parecia ter saído de uma revista de decoração futurista. Os tons monocromáticos, em verde, faziam contraste com os móveis de formas e tamanhos diferentes.

— Não... — Meus olhos pareciam ter criado vida, indo de um vaso de flores, parecido com um aquário redondo, em direção a um quadro de pessoas seminuas, voltando até o sofá de couro no canto, a mesa de centro espelhando o teto preto.

— Pois passe o meu contato para a mãe, estou entrando na modelagem kids. — Ele sentou atrás da mesa cromada e de tampo de vidro

e apontou para a cadeira que parecia ter saído do cenário de Os Jetsons^[4].

— Vou passar. — Sorri.

Senti um arrepio correndo pelas costas e meu abdômen se contraindo da mesma maneira do passado, como se não tivesse passado tantos anos e aquela fosse a minha primeira vez.

— O que fez em todos esses anos?

Minha voz saiu baixa e hesitante, contei a ele sobre o tempo em que ficamos sem nos ver, sobre como voltei para a casa dos meus pais e comecei tudo do zero, fazendo um curso técnico em contabilidade e começando a trabalhar onde estou. Depois sobre a ida para faculdade e todo o drama com Bruno e sua morte.

— Menina, sua vida dava uma boa novela, cheia de dor, tristeza, alegria e superação e... E... não tenho palavras.

— Vamos falar de coisas boas. — Encarei o teto tentando não deixar as lágrimas cair. Parece que quanto mais choramos, mas lágrimas temos. — Me conta mais sobre o cliente para quem você quer que eu tire as fotos.

— Primeiro de tudo temos que repaginar seu book. — Rafaelli bateu palmas. — Estou como uma fotógrafa incrível, sério, Monicota, ela tem o olho, consegue pegar a essência e o carisma na lente. Depois disso, vamos

fazer os retoques de praxe e mandar para o cliente. Ele aceitando, coisa que acredito, você vai fazer uma campanha, fotos promocionais para revistas e talvez uma exposição particular usando as peças.

— Onde vai ser a locação? Você já sabe?

— Ainda não. Ele quer pluralidade, então espere diversidade de pessoas. Estou completamente louco correndo atrás de gente de todos os tipos.

— Imagino.

— O contrato é simples, vamos revitalizar seu book. Como é uma amiga querida e está me quebrando um galhão, podemos descontar o investimento inicial do seu cachê...

— Estamos falando de quanto?

— Quatro a oito mil por sessão de fotos, desse dinheiro tiramos os impostos e vinte por cento da agência. Acredito que vamos fazer fotos de dia e à noite, em espaços abertos e fechados, o de sempre. — Enquanto Rafaelli tecia comentários sobre o cliente e o quanto aquele contrato seria decisivo para a empresa, minha mente já estava fazendo os planos de como o dinheiro viria a calhar, encurtando o tempo estipulado por mim mesma para de abrir o meu negócio.

Passei a tarde toda na agência, assinei o contrato e em seguida fui fazer as fotos. Passei por Henrique, o maquiador, antes de me encontrar com a fotógrafa, Dulce, uma mulher negra e baixinha com um sotaque carregadíssimo do Sul, parecia que a mulher cantava em vez de falar. Era de poucas palavras e tirou minhas fotos com dois tipos de roupa, uma mais casual e outra formal, ambas de cores neutras.

— Nem vi o tempo passar — Dulce comentou ao descer a câmera do rosto. — Você tem um rosto expressivo, o que estava pensando durante as fotos?

— Como esta vez está sendo diferente.

— Isso é uma coisa boa ou ruim? — Ela me ofereceu a câmera, olhei seu trabalho. Eu me vi, me vi de verdade, a mulher que me tornei, minhas conquistas, meu trabalho em cada pedacinho, assim como na fábula de Humpty Dumpty, coleí meus pedaços e me tornei inteira.

— É boa, é...

— O que você vê nela? — Dulce me perguntou. Olhei bem para foto e não conseguia colocar em palavras aquilo em que me transformei. — Eu vejo uma mulher enigmática, com um sorriso doce que te convida a sentar e contar sua história. Seus olhos transmitem uma fragilidade e uma garra ao

mesmo tempo, como se você me convidasse para lutar com você. O queixo erguido não é uma mera pose para a foto, mostra determinação e orgulho.

Eu gostei do que Dulce via em mim. Bruno estava morto, e aquela fase da minha vida também. Passou da hora de realmente viver, e não sobreviver.

— Mônica. — Uma voz profunda me chamou. Virei e vi Michael vindo em minha direção assim que coloquei os pés fora da agência. As luzes da cidade começavam a se acender ao longo da calçada, o início da noite trazia uma brisa gélida. Um arrepio percorreu meu corpo.

— Oi, como vai? — Parei e olhei seu jeito simples de se vestir, as costumeiras calças jeans e camiseta, o cabelo com o corte rente, e fiquei imaginando como seria seu cabelo grande: encaracolado ou liso? Se Rafaelli o visse, teria uma síncope, o policial era um anúncio ambulante da Calvin Klein.

— Bem. — Ele se abaixou e me deu um beijo na bochecha. Eu, como sempre, senti a pele formigar e um certo calor. — O que faz por essas

bandas? — A agência de Rafaelli ficava na Vila Olímpia, no extremo da zona Sul, bem longe de onde eu morava e de onde trabalhava.

— Vim para uma reunião. — Olhei a fachada da casa de dois andares transformada em estúdio e escritório. — Acabei de fechar um contrato para ser modelo. — Abaixei a cabeça e esperei sua opinião.

— Meus parabéns, Mônica.

Só isso?

— Você não vai me dizer mais nada?

— Preciso dizer mais alguma coisa? — Michael tocou no meu queixo e o ergueu. — Quer conversar? — Fiz que sim com a cabeça. — Já andou em um carro da polícia?

— Não. — Ri. — Não está na minha lista de dez coisas para se fazer antes de morrer, posso te garantir.

— Sério? — Michael me ofereceu o braço.

— Bem... — hesitei, falar sacanagem por mensagem era uma coisa, ao vivo e a cores, no meio da rua, era outra. — Já pensei em fazer outras coisas com um policial.

— Algo envolvendo algemas, talvez? — As imagens que aquela simples pergunta provocaram em minha mente... Nós viramos em uma

esquina e caminhamos por alguns metros até um carro branco com os adesivos da polícia. Michael abriu a porta, e eu entrei. — Preciso ir até a delegacia deixar o carro e pegar o meu, depois podemos comer algo, o que acha? — ele me perguntou assim que se acomodou ao meu lado.

— Por mim, tudo bem. — O silêncio recaiu entre nós. Não era algo incômodo, não sentia com vontade de puxar algum assunto. Olhei as pessoas andando com pressa pela rua, saindo do trabalho, talvez indo para casa ou a caminho de encontrar alguém, quem sabe fariam compras ou algo trivial assim. — Você sabe que pedi uma ordem de restrição contra o Bruno um tempo atrás.

— Está na ficha dele.

— Bruno chegou um dia em casa, estava arrumando as minhas coisas, finalmente arrumei coragem de o largar. — O carro parou no semáforo, uma criança com um uniforme vermelho com o logo da prefeitura passava. — Sei como fui idiota em ter demorado tanto...

— Já vi vários casos de violência doméstica desde que entrei na força policial aos dezoito anos. Você não é idiota. Nós, humanos, não nascemos para ficarmos só, precisamos de calor humano, caso contrário se cria um vazio dentro de nós, um buraco que tentamos encher com outras coisas. — Michael colocou o carro em curso e voltamos ao silêncio.

Ponderei suas palavras e não consegui contestar. Queria ser uma grande modelo, sair de casa, conquistar o mundo. Bruno me colocou no topo, gostei desse lugar. — Acho que as mulheres que passam por isso e conseguem sair são umas guerreiras.

— Não vi os sinais, no começo o ciúme era bonitinho. Até provoquei um pouco, confesso, talvez por vaidade. — A primeira lágrima escorreu, e não me preocupei em secá-la, as outras seguiram o mesmo caminho. — Achava que era cuidado quando me fazia trocar de roupa, afinal estamos em um mundo onde as mulheres são julgadas pela roupa. — Respirei fundo. — Depois foi a inveja, fui chamada para vários trabalhos por causa da influência dele, então os amigos que tentavam me alertar eram os invejosos.

— Bruno era um sociopata, ele usava o carisma para atrair outras pessoas. Você não foi a única vítima dele. — Passei a mão pelo rosto e dei graças a Deus por usar uma maquiagem à prova d'água.

— Eu fui uma vítima de violência doméstica — disse a ele quando o carro parou em frente à delegacia. — Eu fui uma vítima de violência doméstica — repeti várias e várias vezes até aquilo finalmente ser gravado na minha pele, como se fosse Harry Potter usando a pena da vaca da Umbridge.

— Está melhor?

— Eu acho que sim. — Sorri para ele. — Desculpa por todo esse drama.

— Não tem do que se desculpar, Mônica. — Deitei a cabeça no encosto do carro e comecei a contar todos os detalhes da minha vida com Bruno. Michael ouviu com paciência.



Capítulo 3



Um mês depois...

— Mônica, ergue o queixo. — Fiz o que foi pedido, sentada em uma poltrona na sala de uma grande mansão. Dulce segurava uma máquina fotográfica e me dava ordens. No meu colo, repousava um colar de esmeraldas. Ao redor, várias pessoas trabalhavam de forma rápida e eficiente: maquiador, figurinista, técnicos mexendo na luz, Rafaelli andando de um canto a outro dando palpite nas roupas ou na maquiagem dos diversos modelos que esperavam a hora de estar em frente à fotógrafa.

Uma semana depois de tirar as fotos para o meu novo book, Rafaelli me ligou dizendo que o cliente amou as fotos e me aceitou junto com os outros modelos pré-selecionados. Quando ele falou sobre diversidade, não

estava brincando, nunca vi tantas pessoas de biotipos diferentes reunidos em um só lugar.

Antes de mim, uma asiática, não sabia ao certo diferenciar a ascendência dela, de cabelo roxo foi fotografada usando argolas em formato de dragão, com pedrarias vermelhas por toda a peça. Vi um conjunto de brincos e pulseira prateado com delicadas flores azuis que me encantaram, gostaria muito de ter sido a modelo escolhida para usá-lo, mas ficou com uma loira risonha que conheci mais cedo.

— Obrigada, Mônica — Dulce me agradeceu depois de bater a última foto.

A assistente me conduziu até um canto, onde tirei a peça e entreguei a um homem com cara de poucos amigos, um dos seguranças responsáveis por fazer a proteção das peças. Mexi a cabeça para todos os lados tentando me livrar da tensão de ficar parada sorrindo enquanto posava.

— Monicota. — Rafaelli veio quase saltitante para o meu lado. — Você já pode se trocar e depois disso ir embora, sei que precisa voltar ao trabalho. — Uma nuvem de perfume me cercou novamente quando ele me abraçou. — Obrigada por ter aceitado, se eu não tivesse o conjunto de modelos pedido por eles, não teria conseguido o contrato.

— Foi bom ter voltado. — Eu me despedi e fui mudar de roupa. Vinte minutos depois, ganhei a rua.

— Mônica. — Michael encostado em um carro preto me esperava. Fui até ele e o abracei. — Tudo bem?

Só balancei a cabeça concordando. Meu coração martelava no peito, na minha cabeça havia um zumbido ensurdecedor, uma pressão grande. Imaginei minha cabeça explodindo. Eu me afastei depressa e pousei a mão na parede mais próxima, procurando apoio, e todo o conteúdo do meu estômago saiu. Quando tudo terminou, o gosto ruim permanecia na boca. Senti o calor da mão grande de Michael nas minhas costas. Olhei por cima do ombro, e ele me ofereceu uma garrafa de água.

Na noite anterior, apareci na casa dele, passamos a noite juntos conversando sobre tudo e nada ao mesmo tempo; fizemos um churrasquinho na varanda dele, sentamos, comemos e bebemos. Depois daquele dia, quando contei tudo sobre Bruno, parece que nosso relacionamento evoluiu. Não sabia para onde estávamos indo, mas gostei do caminho que havia se iniciado.

Michael contou sobre sua primeira esposa, Miranda, uma amiga de infância. Cresceram juntos, namoraram e, aos vinte anos, estavam casados. Ela era confeiteira, e ele estava no início de sua carreira de policial. Serviu

um ano no exército e, quando recebeu baixa, quis continuar nessa área de servir e proteger. Um amigo o incentivou a fazer a prova para a Polícia Militar, Michael passou e trabalhou por um ano na força, porém viu que sua vocação envolvia mesmo a investigação criminal. Então voltou a estudar e prestou concurso para a Polícia Civil.

Havia uma estante de livros na sua sala, ao lado da TV gigante e do videogame; passei os olhos por lá e vi vários volumes sobre direito, criminalística; em quatro anos de, bem, algum tipo de relacionamento que tínhamos, nunca parei de fato para o conhecer. Michael se formou em Direito. Quando apontei esse fato óbvio, ele me disse:

— É preciso entender as leis para poder defendê-las — disse, daquele jeito dele meio sisudo.

Minha curiosidade aumentou, então passei a olhar com mais calma seus livros. Reconheci o nome de vários autores de romance policial, Garcia-Roza, Patrícia Melo, Tony Bellotto, esses eram alguns brasileiros que conhecia; Sidney Sheldon, Harlan Coben e Agatha Christie estavam entre os internacionais.

— Espera. — Parei em uma prateleira, os livros estavam alinhados por gênero. — Você lê romance hot?

— Eram da minha esposa, ela gostava desses, então acabei lendo alguns e gostando. Outros, nem tanto, então esses doeii para a biblioteca municipal. — Ver Abbi Glines na prateleira não encaixava muito com a versão que idealizei de Michael na minha cabeça. Isso só me mostrava o quanto nossa relação era superficial.

Aproveitei aquele momento para perguntar mais sobre ela. Quase desisti quando suas respostas monossilábicas pareciam mostrar que não queria falar sobre o assunto, porém Michael sempre falava um pouco. Ele caminhou até um móvel e de uma gaveta tirou uma fotografia. Na foto, ele estava ao lado de uma mulher alta, parecia uma amazona, bem a maneira como eu imaginava uma daquelas lendárias guerreiras, altas, pele de um tom dourado, cabelos negros curtos e lisos, esguias, feições indígenas. A comparação com ela veio instantaneamente, somos opostas. Olhei para o sorriso de Michael na foto e me perguntei o que ele via em mim.

— Mônica. — Sua voz me trouxe ao presente. — Está melhor? — Enrubesci, olhando a água na calçada. Só balancei a cabeça afirmativamente. — Que tal ligar para seu serviço e dizer que não vai agora na parte da tarde? Talvez deva descansar um pouco. — Sua voz saiu meio hesitante no final, trocamos um olhar demorado, até eu balançar a cabeça concordando.

— Acho... — Coloquei a mão no peito, parecia que havia algo entalado lá dentro.

— Olha para mim. — A mão forte de Michel pousou em meu ombro, demorei alguns segundos e fiz o que me mandou. — Respira pelo nariz e solta o ar pela boca, assim. — Ele fez o movimento, e eu repeti, ficamos ali até tudo acabar, a sensação de pânico foi diminuindo aos poucos. — Você não está bem.

Michael tinha razão, sentia fraca, como se minhas pernas não aguentassem meu próprio peso. Agradei mais uma vez a Michael por ter vindo comigo à sessão de fotos. Na noite passada, ele se ofereceu, acho que deve ter percebido a minha agitação e nervosismo.

Assim que entrei no seu carro — Michael estava de folga naquele dia —, deixei que me levasse embora. Talvez o acúmulo de tensão com a ansiedade tenha se convertido no mal-estar que eu sentia.

Devo ter dormido a tarde toda. Assim que chegamos na casa do Michael, fui direto para baixo do chuveiro, precisava me sentir limpa, tirar

tudo o que pudesse estar grudado no meu corpo; quando saí do banheiro, com a pele avermelhada de tanto esfregar, Michael me esperava. Ele perguntou se eu queria comer alguma coisa, e fiz que não com a cabeça; trouxe algumas coisas de casa, então vesti um confortável short e uma camisa dele, deitei na cama e apaguei.

Podia ver através da cortina o céu escuro, meu corpo dolorido como se tivesse tomado uma surra. Amarrei o cabelo em um rabo de cavalo e fui até o banheiro. O espelho mostrava uma cara amassada, marcas escuras debaixo do olho. Lavei o rosto e, de dentro da bolsa, tirei uma escova. Ao acabar ali, fui atrás de Michael, mas parei antes de entrar na sala ao ouvir o meu nome.

— Já vou acordá-la, Charlene. — A voz profunda do loiro chegou aos meus ouvidos. — Sim. Não precisa, fui ao mercado e trouxe sorvete e chocolate, da marca que você me passou. — Ele fez uma pausa e escutou. Olhei e o vi parado encarando a televisão desligada, havia um ligeiro sorriso em seus lábios, como se estivesse se divertindo. — Eu sei cozinhar e já fiz o jantar. — Não sei o que era, mas o cheiro que vinha da cozinha conjugada abriu meu apetite. — Não é nada daquelas coisas congeladas, não. Produtos orgânicos comprados na feira aqui perto, senhora. — Outra pausa. — Eu preciso de carboidratos, mulher, já viu o meu tamanho? — Seja lá o que minha amiga falou, deixou o homem com rosto vermelho,

achei melhor me fazer presente e livrar o pobre coitado de alguma loucura da minha amiga.

Ele me viu e passou o celular para mim. Passei os dez minutos seguintes assegurando que estava bem, que ia comer, descansar e fazer sexo, sim — Chay é doida nesse nível. Ouvi a Tina rindo ao fundo da ligação e gritando um “titio Duuu” animado. Eduardo estava lá, e esperei sentir uma onda de arrependimento por ter finalmente acabado com tudo. Já fazia um mês que não nos víamos ou falávamos, e eu fiquei triste por não sentir sua falta.

Encerrei a ligação e fui sentar na banquetta da cozinha. Observei Michael temperando a salada em cima da pia, aquele ambiente destoava do restante da casa. Ali era tudo vermelho ou branco, os eletrodomésticos, panelas, até alguns utensílios seguiam aquela cor.

— Quem decorou a sua cozinha? — perguntei.

— Minha mãe, ela gosta muito de vermelho. — Ele colocou a travessa de vidro em cima da mesa. — Depois que Miranda... A casa onde vivíamos ficou muito grande para mim, então ela está alugada, e com o dinheiro dela eu pago por esse apartamento. Meus pais e irmãos me deram tudo aqui desse cômodo, na verdade eles deram carta branca para minha

mãe e pagaram a conta no final. — Seus lábios voltaram a se curvar em um sorriso. — Minha mãe é uma versão branca da Chay.

— Impossível.

— Estou falando sério, ela é boca dura, o que tem de pequena em tamanho, tem em língua, vive arrumando confusão e não leva desaforo para casa. Ela tem umas ideias loucas. — Dava para sentir o carinho em sua voz. — Você acredita que ela quase deu à luz na Ladeira Porto Geral?

— Aquela rua perto da 25 de março? O que, por Deus, sua mãe foi fazer grávida em um lugar lotado de gente?

— Comprar roupa, ela não esperava que eu fosse nascer naquele dia, afinal o médico disse que faltavam duas semanas. — Coloquei as mãos no rosto e ri gostoso. — Mas ela ficou um pouco mais ajuizada depois de mim, acabei nascendo com o maxilar torto por ficar muito tempo sem líquido dentro da barriga. Com os meus outros dois irmãos, ela não fez uma loucura dessas... Apesar que cada um tem uma história engraçada para contar a respeito dos próprios nascimentos.

— Vou querer ouvir todas. — Michael pegou a travessa com carne assada do dia anterior e a panela com uma macarronada cujo cheiro estava fazendo minha boca salivar.

— Não vou contar, vou deixar que ela conte a história. — Fomos nos servindo de tudo um pouco que estava na mesa. — Aliás, qualquer dia desse quer conhecê-la?

— Claro. Sei que vou me divertir muito.

— Tem certeza? — Parei o garfo no meio do caminho e olhei em sua direção.

— Por que não teria?

— Bem... — Ele desviou o olhar. — Não estamos em um relacionamento ou coisa do tipo, não sei, eu... — Seu rosto corou, e notei que ficou sem jeito.

— Você quer que os conheça?

— Sim.

— Então tudo bem. — Coloquei o garfo na boca e mastiguei por alguns segundos em silêncio, soltando sem querer um gemido de satisfação. — Meu Deus, isso é muito bom.

— Eu realmente sei cozinhar. — Seu rosto ficou ainda mais vermelho. Aquilo era timidez?

— Com toda certeza, céus, Michael, por que nunca comemos a sua comida?

— Bem, é raro você vir aqui. — Verdade isso, geralmente comíamos fora e íamos a um motel, não levava nem ele nem Eduardo para minha casa.

— Se você cozinhar assim todas as vezes, vai precisar me expulsar daqui para frente.

— Não vejo como isso pode acontecer. — Michael partiu um pedaço de carne e comemos em silêncio por um tempo. — Gosto de ter você dormindo na minha cama, de dividir uma refeição vendo as estrelas, como fizemos ontem — voltou a falar.

— Eu ainda não te agradei por ontem, por me escutar... — Deixei minha voz esmorecer, o sangue começou a correr mais rápido por minhas veias. Não era uma sensação ruim, eu me senti leve, animada.

— Não precisa. Na verdade... eu gostei de falar com você sobre Miranda.

— Como ela morreu?

— Foi assassinada.

— Michael! — Ele se levantou, foi até a geladeira e pegou uma caixa de suco. Voltou a se sentar.

— A culpa foi minha, eu a matei.

O som de vidro se estilhaçando no chão foi ouvido no silêncio que se seguiu depois da sua confissão.

— Fique onde está e não se mexa. — Michael se levantou novamente e foi atrás de uma vassoura. Bati o braço no copo em cima da mesa, e mesmo tentando pegá-lo, o idiota escapuliu da minha mão e foi parar no chão.

— Por que você diz que a matou? — perguntei depois do susto ter passado.

— Eu, um novato na força policial, precisava mostrar serviço, então coloquei todas as minhas energias nisso. Meu casamento começou a ruir, não havia mais tempo para Miranda. Eu a deixava sozinha constantemente, quando estava em casa, usava o tempo para estudar, fazer um curso ou outro na área. Ela ficou em segundo plano. — Ele voltou a sentar, o rosto tingido de pesar. — Uma noite, discutimos feio, ela pegou nosso carro e foi embora para a casa dos pais. — Sua voz falhou. — Um motorista bêbado bateu no carro, ela também estava em alta velocidade, então o veículo capotou inúmeras vezes.

— Oh, Michael. — Eu me levantei e fui até ele, as lágrimas já inundando meus olhos.

— Naquela noite, eu perdi a minha esposa. E ela estava grávida. — Caralho. Pensei comigo, o que devo falar em uma hora dessas? Prefери apenas o abraçar apertado enquanto tentava encontrar palavras para o confortar. — Se eu não tivesse discutido com ela naquele dia, se...

— Se ela não tivesse saído de casa... Se o outro motorista não tivesse bebido... — eu o interrompi. — Foi um acidente, Michael.

— Por minha culpa. — Ele se afastou de mim e levantou. — Você não entende. Naquele dia, estava com tanta raiva dela, por causa das constantes cobranças, por não entender que eu estava criando uma carreira para nós... Nossa vida ia mudar, tentei fazer com que visse meu lado da história. Na verdade, naquela época só a minha opinião importava, eu estava cego.

Eu o deixei falar.

— Ela queria ter filhos. Criar uma família, e não poderia ser comigo daquela maneira. Acabei de chegar aos vinte oito anos, filhos eram a última coisa que eu queria naquele momento. — Michael me encarou. — Não sou contra crianças, não sei se vou ser um bom pai um dia, mas naquele momento, eu não queria.

— Entendo, me sinto assim também. É legal cuidar dos gêmeos, vibrar com cada conquista deles, mas não sei se daria uma boa mãe.

— Nós só saberemos quando precisarmos ser, acredito nisso. — Michael pousou o queixo no topo da minha cabeça. — Ela deu um basta, disse que ia embora, voltaria para casa dos pais. — Ele suspirou. — Miranda estava tão nervosa quanto eu, deveria ter impedido que ela saísse naquele estado. Ela nunca foi uma boa motorista.

— Ah, Michael...

— Senti alívio por ela ter ido embora, finalmente acabariam as brigas, estava confuso, irritado, a deixei ir. Quando horas depois recebi a notícia de sua morte, eu... eu...

— Ei! — Eu o apertei mais forte em meus braços. — Foi um acidente, poderia ter acontecido em qualquer dia.

— Mas...

— Mas nada. Michael, você não pode se culpar por um acidente. — Tentei sorrir e em seguida engoli as lágrimas por aquela situação triste. — Foi um triste acaso da vida, mesmo que tenha se sentindo aliviado por ela ter ido embora naquele dia, isso não significa que desejava sua morte. — Eu me afastei um pouco dele. — De todas as coisas boas que você me contou sobre ela noite passada, você acha que Miranda estaria te culpando?

— Não sei.

— Bom, se eu fosse a Miranda, voltaria do além para puxar seu pé e brigar com você por ficar se culpando.

— Você não faria isso, é um anjinho. — Ele baixou a cabeça e encostou a testa na minha.

— Mas sou um anjinho travesso. — Eu me ergui nas pontas dos pés e lhe dei um beijo na bochecha.

— Obrigado.

— Somos dois quebrados.

— A minha dor não se compara com a sua, você foi maltratada e...

— Dor é dor, Michael, não importa a origem, ela nos quebra em milhões de pedaços, e é difícil colar os caquinhos. Somos o Humpty Dumpty. — Lembrei de ter contado a história para as crianças um outro dia.

— É a primeira vez que alguém me compara com um ovo. Primeiro, um go-go boy. — Meu rosto devia estar vermelho de vergonha.

— Bem, já pedi desculpa, não pode me culpar por imaginar, não é? — Esfreguei o rosto em seu ombro, sentindo seu perfume cítrico. — Apesar que você nunca dançou para mim.

— Não tenho esse tipo de talento, mas talvez possa te prender e fazer uma revista bem detalhada. — Ergui a cabeça depressa e acabei

acertando seu queixo. Arfei pela dor que senti e levei a mão à cabeça, me soltando de seu corpo.

— Ai!

— Isso foi agressão a um policial, minha senhora? — Seu olhar brilhava de divertimento enquanto esfregava o local onde dei uma cabeçada.

— Ser desastrada não deveria ser crime, meu senhor. — Abri um leve sorriso. — Mas longe de mim resistir à prisão.

Nós rimos da situação, e o clima meio tenso desanuviou. Juntos, fomos arrumar a cozinha, em um clima de camaradagem. Perguntei mais sobre sua família, e ele da minha, depois fomos para a sala e assistimos a uma comédia boba. Na verdade, o filme não importava muito, o papo estava muito melhor.



Capítulo 4



Odiava acordar cedo, sair da cama quente e enfrentar a manhã fria do lado de fora, mas precisava, afinal não nasci rica e tinha de trabalhar. Então me espreguicei, enrolando mais um pouquinho — meu chefe com certeza ia me olhar de cara feia pelo atraso, cinco minutos a mais significava acrescentar uns vinte pelo trânsito de São Paulo. Precisava pegar uma condução até o metrô e fazer uma baldeação entre as linhas azul e verde, para assim chegar na av. Paulista, um dos cartões-postais da capital.

Olhei mais uma vez para o celular, tentando buscar forças dentro de mim para levantar e começar o dia. A verdade é que estava protelando, teria de encontrar o Eduardo de todo jeito, tínhamos reunião de equipe com a gerência; todos os funcionários estariam lá. Fiquei sabendo que ele estava me evitando como o diabo foge da cruz. Nem na casa da Chay aparecia, e

nós somos os padrinhos dos gêmeos. As crianças estavam sentindo falta, então, pelo bem da Tina e do Vic, seria bacana se mantivéssemos uma relação amistosa.

Pensando em meu trabalho, sentia uma insatisfação, a rotina de casa, trabalho, casa, trabalho me sufocava. A modelagem por um lado me tirou da mesmice e por outro mostrou a estagnação da minha vida.

Mas o que eu poderia fazer?

Por um instante, uma das frase do Bruno veio na mente.

Você não é capaz de fazer nada direito.

Sentei na cama e agarrei meus joelhos deitando a cabeça neles. Encarei o guarda-roupas cheio de adesivos, o mesmo móvel usando na adolescência. Vi os personagens de filmes que gostava na época. Aquele pedaço de madeira representava a Mônica antes do Bruno. Virei do outro lado e vi a lousa cheia de fotos penduradas, e no centro dele o diploma da faculdade, retratando a Mônica pós Bruno.

Quem é a Mônica de agora?

Lembrar do passado sempre me deixava mal. Perguntei pela milésima vez como fui tão idiota de deixar um homem controlar tudo. Hoje vejo como estava em um relacionamento tóxico. Bruno foi aos poucos

controlando a minha vida, começou com um: *vai sair com essa roupa?* Passou para *fulano não é bom para você*. Evoluiu para: *vê o que você me fez fazer?* Até que chegou em um ponto onde eu sentia culpa por respirar. Precisei ir parar em um hospital com uma mão luxada e hematomas por todo o corpo para ver onde a minha vida estava me levando.

O caminho para sair daquele pesadelo foi árduo, ainda estava sendo. Talvez, por causa disso, pensar em namorar Eduardo me causava calafrios. A vontade de sair correndo dele era maior do que a de ficar. Porém com Michael não era desse jeito. Apesar de o loiro nunca ter dado a ideia de querer qualquer coisa mais séria, depois daquele dia, quando me contou sobre a morte da Miranda, nossas conversas evoluíram, e eu me senti à vontade para falar do Bruno quase ao mesmo tempo em que ele me falava da Miranda. Não sabia que falar seria algo bom, aos poucos parecia que algo dentro de mim ia se curando.

Levantei, finalmente, da cama e fui até o guarda-roupas separar o que usaria no dia. O vento frio me fez tremer. Quando abri a porta, uma blusa branca me chamou a atenção. O tecido era transparente, sempre precisava usar algo por baixo ao vesti-la, o que acabou despertando minha memória.

Estava na casa do Eduardo, naquele dia os gêmeos faziam seu primeiro ninho, e a felicidade me inundava. Passei o dia todo arrumando o salão de festas junto com toda a família e depois fui para casa do engenheiro. Naquela época nós estávamos “namorando”, na verdade, “saindo exclusivamente” seria o termo certo. Terminei de me arrumar e tentava me maquiar sem sujar a blusa branca, quando Edu entrou no quarto e me olhou de cima a baixo e perguntou: você vai assim?

A forma como perguntou, com seu olhar avaliativo e com um tanto de reprovação, quebrou algo dentro de mim.

Sabe quando brigamos com alguém e na hora não temos resposta, mas tempos depois a resposta vem, mas não podemos dar porque a briga já passou? Foi mais ou menos isso que fiz com Eduardo naquele dia. Não estava vendo o moreno na frente, mas sim o meu ex, de modo que tudo que um dia não falei por medo descarreguei nele.

No final, Eduardo estava se referindo à escolha de sapato, por estar chovendo e eu ser a rainha em tropeçar em nada. Ele estava preocupado com uma possível torção de tornozelo ao usar um salto tão alto.

Parei para pensar: quantas vezes não fiz aquilo com ele em todo aquele ano?

Precisava de ajuda, precisava exorcizar meus demônios, me curar, para depois seguir em um relacionamento. Sentei com Eduardo depois do episódio, nós conversamos bastante, ele disse que iria me esperar, que gostava de mim àquele ponto.

Por um minuto, desejei novamente a morte do Bruno, pela influência ainda ser tão grande em minha vida a ponto de não conseguir perceber que estava ao lado de um homem bom.

O som do celular chamou a atenção, estiquei a mão, peguei o aparelho em cima da mesinha de cabeceira e olhei as novas mensagens no WhatsApp:

Chay: Você não vai acreditar.

Louca, acorda para eu te contar a novidade.

*Manooooooooooooooooooooooooooooooooooooo, vamos tomar café para
fofocarmos.*

Esquece o café, não vou conseguir esperar para te contar.

Tive de rir da Chay. *Aposto que lá vem bomba*, pensei, *quando vem com esse “mano”, é porque vai ser algo inacreditável.* Até hoje não

acredito que Quim e Chay já estavam juntos havia quatro e bons anos. O ditado de que os opostos se atraem, no caso deles, está correto.

Se você esfregar na minha cara alguma posição nova que você e Quim testaram, vou bater em você.

**Os gêmeos inventaram de dormir na cama com a gente essa noite, não
consegui dizer não. Graças a Deus Quim pensou em uma cama bem
grande na hora de comprar.**

Sorri, pensando na imagem da família feliz.

Qual é a novidade?

**Adivinha quem está namorando com uma lambisgoia? Tá, ainda não
sei se ela é uma lambisgoia, mas não é você, então o panaca do Duuu
saiu perdendo feio.**

Desejo muitas felicidades para o Eduardo. Já disse um milhão de vezes: ele precisava achar alguém que o fizesse feliz, e eu não sou essa pessoa.

Falando nisso, e o rolo com o go-go?

Soltei uma sonora gargalhada, só ela mesmo para inventar uns apelidos estranhos para as pessoas. Pensar em Michael fez minhas bochechas esquentarem. Depois que todo o drama do Bruno acabou, ele meio que deu uma sumida, na verdade só muito recentemente, questão de uns seis meses atrás, que voltamos a nos ver. Encontrei ele por acaso, estava passeando com os gêmeos na Paulista no domingo, já que a avenida é fechada para o lazer, quando o vi. Senti minhas bochechas ficando coradas, pois automaticamente me lembrei da nossa escapadinha no casamento. Passando aquele mal-estar, trocamos números de telefone. Em uma noite, quando estava sozinha em casa com uma garrafa de vinho do lado, mandei mensagem para ele.

Depois daquela, vieram outras, a conversa virou um encontro aqui, outro ali e hoje estamos saindo.

Estamos nos vendo com mais frequência e, bem, tá tudo coisado.

**Coisado nessa frase significa que seu relacionamento é igual ao
iFood, bateu aquela fome, chamou, ligou, e você é comida.**

Eu parei, olhei para o celular e soltei uma sonora gargalhada, ri a
ponto de sentir dor na barriga.

Acredito que esteja parecendo com a Alexa.

Quem é essa doida?

*O aparelho que você me fez comprar, aquela mulher que ao chegar em casa
vem me cumprimentar toda animada e já coloca um Iris para tocar.*

**A mulher da minha vida, se Alexa fosse uma pessoa, com toda
certeza eu seria bi e pegaria ela facinho. Mas não entendi a
comparação.**

Seu assistente pessoal de sexo.

Eu não li isso.

Falando sério, agora. Eu e ele temos conversado bastante sobre um monte de coisas, sabia que ele tem Julia Quinn na prateleira de livros?

Bem, outro dia eu vi Quim lendo livro hot, ele me disse que queria entender meu fascínio pelo gênero e acabou gostando da história. O mundo tá mudando.

Estamos ficando mais íntimos. Sei lá.

Segura esse pensamento e vamos conversar hoje à noite enquanto você vem ao meu escritório cuidar das coisas.

Sim, senhora, chefinha.

De banho tomado e arrumada, olhei para o relógio pendurado na parede da sala e suspirei de alívio: ainda dava tempo de fazer um chocolate quente antes de sair para o frio do inverno de São Paulo. *Obrigada, céus, por não estar chovendo.*

Já estava toda pronta para sair quando o bendito do celular tocou. Uma sensação de *déjà vu* me bateu, olhei no visor e vi o nome do Edu. Respirei fundo, segurando o ar nos pulmões, e atendi a chamada.

— Alô. — A chave na minha mão voou escada abaixo como se um fantasma tivesse passado por ali e batido na minha mão. Sabe, às vezes acontece cada coisa estranha comigo. — Merda.

— Tudo bem com você? — perguntou Eduardo do outro lado da linha.

— Tudo, deixei a chave cair da minha mão. — Coloquei a bolsa no chão e desci apressada os degraus para buscar a fujona.

— Sempre desastrada.

Revirei os olhos para o comentário, mas não disse nada.

— Chay me disse que contou para você sobre a Pam.

— Quem?

— Minha namorada.

— Ah! Sim. — Peguei as chaves e subi novamente os degraus, arfando. — Parabéns, muitas felicidades.

— Você está de sacanagem comigo?! — Eduardo gritou do outro lado da linha.

— Não, estou falando sério. — Tranquei a porta e quase chutei a bolsa.

— Sério, Mônica? Depois de tudo, vai me dizer só isso? Vai se foder. A mulher que eu queria para me fazer feliz é a única que não quer me fazer feliz. Irônico, não é?

Fiquei sem reação, sem acreditar nos meus ouvidos, sem compreender aquele babaca. Achei que nossa conversa tinha deixado tudo claro entre a gente. Pensei que ele estava me evitando por causa de um orgulho ferido, mas que queria arrumar as coisas entre nós, já que tínhamos os mesmos amigos e a situação ficou meio estranha.

— Você é vazia por dentro. Dane-se, fique sozinha pelo resto da vida, você merece isso.

Você não é capaz de fazer nada direito.

A linha ficou muda. Tirei o telefone da orelha e olhei para o aparelho. Sentei no degrau da escada e fiz a única coisa que podia: chorei, chorei por tudo, pela vida amorosa desastrosa, por ter sido idiota e ter ficado com Bruno, pela incapacidade de acreditar novamente no amor. Queria o amor poético dos livros, aquele que te faz suspirar. *Mas onde está a porra do príncipe encantado no cavalo branco?*

Devo ter passado uma meia hora ali, lambendo as feridas, quando o telefone tocou novamente. Dessa vez, verifiquei quem chamava. Se fosse o idiota do Eduardo, falaria um monte para ele... Mas era a Chay.

— Oi. — Tentei colocar um tom alegre na voz, mas falhei miseravelmente.

— O que aconteceu?

Suspirei, e meus lábios tremeram.

— Nada...

— Mônica, estou cortando completamente o açúcar da dieta, então acho melhor você rever essa resposta. — Ela usou o mesmo tom que empregava com os filhos.

— O Eduardo me ligou e...

— Quim, me leva para o escritório agora, vou matar seu amigo. —
Ouvi Quim resmungando alguma coisa no fundo da linha. — Você sabe muito bem, quando estou puta, você fica sem sexo, então acho bom dar a volta e ir para o escritório, porque vou matar o imbecil.

— Pelo amor de Deus. — Dei uma risada, que logo se transformou em uma grande gargalhada. Eu precisava daquilo, precisava da minha amiga para me fazer rir e me tirar do buraco em que eu queria me enfiar. — Deixa o pobre do Quim em paz, coitado, não merece ser castigado.

— Pobre de mim, isso sim. O tratante me fez correr hoje, estou toda dolorida.

Chay havia criado para si uma necessidade de perder peso. Não era uma simples questão de autoestima, mas sim de saúde. Os problemas articulares começaram a ser um empecilho para cuidar dos gêmeos, o peso agravou a lesão no joelho a ponto de o ortopedista recomendar uma cirurgia para colocar uma prótese que simularia a cartilagem perdida, mas essa opção resultaria em uma recuperação de no mínimo seis meses na cama sem colocar o pé no chão. Com os gêmeos precisando de cuidados, não poderia se dar ao luxo de ficar tanto tempo em cima de uma cama. A opção foi a bariátrica: além de a recuperação ser mais rápida, a perda de peso ajudaria em outros aspectos de sua saúde.

— Fique sabendo que fiz massagem nela, e a mal-agradecida ainda está reclamando. — Quim deve ter tomado o celular da mão de Chay, eu estava ouvindo muito bem a voz dele. — Me diga o que foi que o Du fez, que eu mesmo acerto a cara dele.

— *Devolve!* — Tirei o celular da orelha quando escutei o grito do outro lado. — E você não vai bater em ninguém e tirar o prazer da minha pessoinha.

Visualizei Chay mostrando a língua e Quim revirando os olhos. Os dois formavam o casal *mais diferente e completo já visto*. Um não vivia sem o outro, discutiam e faziam as pazes rapidamente, notava-se de longe como se amavam. Senti um pouco de inveja naquele momento, as palavras de Eduardo fazendo sentido na mente. Será que estou destinada a um futuro vazio?

— Não precisa bater em ninguém, definitivamente acabou tudo com o Eduardo...

— Claro que sim, ele está namorando a lambisgoia.

Levantei do degrau, alcancei meu copo e a bolsa, passando a mão no rosto. Logo vi meus dedos sujos de rímel. *Maravilha, agora tenho que retocar a maquiagem*, pensei antes de entrar no apartamento.

— Ele me ligou e disse algumas coisas. — Larguei a droga da bolsa no sofá e corri para o banheiro. — Talvez ele tenha um pouco de razão.

— Mônica. — *Xi! Falou o meu nome, lá vem bronca.* — Não sei o teor da conversa, mas pelo tom da sua voz, aposto que foi alguma merda. — Coloquei o telefone na pia e liguei o viva-voz enquanto arrumava o estrago na cara. — Fique você sabendo que a senhora é a pessoa mais linda que existe no mundo, tem um bom coração, se acha um docinho... — Revirei os olhos. Não achava, eu sou. — Dramática para caramba, às vezes tenho vontade de dar na sua cara, enfim, você é a melhor pessoa para estar ao lado. Se o idiota do Duuu não enxerga isso, o azar é todo dele.

— O problema é que ele enxergou, mas eu não posso dar o que ele quer...

— Ah! Entendi. Vai deixar o tal do Bruno comandar sua vida até quando? — Suspirei. — Resolve o passado para ter um futuro e poder me dar sobrinhos, de preferência loiros, com cara de Comandos em Ação, porque o Duuu que me perdoe, mas sou totalmente time Michael, muito mais gostoso e... — Quim resmungou algo, e não pude deixar de sorrir. — Desculpa, *mi amore*, Michael é gostoso, mas não tanto quanto meu ruivo lindo e delícia, que vai fazer mais massagem em mim quando eu chegar em casa.

Classifiquei Michael como gostoso para Chay em uma das nossas conversas diárias. Na ocasião, confessei como ficava babando ao vê-lo nu. Não só isso, conversamos sobre toda sacanagem possível relacionada aos nossos companheiros.

Michael, diferente dos modelos que eu conheci no tempo de modelagem, treinava artes marciais para proteção própria, por causa do serviço e por gostar de levar o corpo ao limite. Nos finais de semana, escalava, fazia trilha de bicicleta e tantos outros esportes, que só de lembrar me deixava cansada.

Sem falar na voz, com um tom baixo e rouco que usava para falar comigo, o olhar profundo e o jeito caladão, como se o próprio Sr. Darcy tivesse saído dos livros da Jane Austen, o transformando em um homem perfeito, enquanto eu sou assim, estragada. Eu me perguntava: o que ele e o Edu viram em mim? Uma pessoa vazia.

— Certo, nós conversamos à noite. — Estava poupando dinheiro para entrar como sócia na empresa de telecomunicações da Chay. Ela entrava com a parte de infraestrutura, e eu com as obrigações legais para pequenos negócios, fazendo um pacote completo e atendendo ao público-alvo.

— Muito bem, e a senhora vai precisar me contar direitinho o que o idiota do Duuu fez.

— Sim, senhora. — Encarei meu reflexo no espelho e suspirei. — Diz para o Quim que vou chegar atrasada, mas que levo biscoitos feitos pelos gêmeos ontem comigo.

— Certo, beijo na bunda, até segunda.

Desliguei o telefone, dando outra risada, que logo morreu quando pensei nas palavras de Eduardo. Elas mexeram comigo mais do que eu estava a fim de admitir. Não era vazia, mas estava perto dos trinta, sem filhos, sem companheiro, sem um plano para o futuro. Acordava, me vestia, ia para o serviço, jantava a maioria das vezes na casa da minha amiga, voltava para casa para dormir e repetia isso em um ciclo.

Bem certo que havia as fotos. Rafaelli me ligou dizendo que o cliente ia marcar uma festa para expor o material; nessa ocasião, meu único trabalho seria ficar em pé sorrindo enquanto ricos passariam trajando roupas elegantes e cobiçando as peças que eu usaria. Seria dali a três semanas. Sairia da estagnação da minha vida, veria pessoas diferentes, estaria em um mundo diferente. Confesso que amei voltar a estar em frente a uma câmera.

Isso me fez lembrar que tinha até amanhã para dizer sim ou não. Um evento é diferente de uma sessão de fotos, tem uma exposição maior. Será que daria conta?



Capítulo 5



Não vi Eduardo o dia todo, e aquilo foi bom. Estava com a ligação entalada na garganta, querendo sentar e chorar novamente. Felizmente o dia foi tão cheio, que não parei para pensar muito no assunto.

— Muito bem, vai me contar o que o paspalho do Duuu fez desta vez? — Sabia que aquela pergunta não tardaria a vir. Depois do serviço, peguei carona com Quim até o pequeno escritório da Chay, ele ficava em um bairro menos abastado do que a região da Paulista, e consequentemente mais perto tanto da casa dela quanto do meu apartamento.

— Só depois de comermos, estou com fome. — Encarei Chay e dei um sorriso amarelo; mal almocei e sentia como se um buraco-negro me sugasse a alma. Sabíamos que eu estava protelando aquela conversa. Mais cedo ou mais tarde, precisaria tocar no assunto.

— Fiz pedido no iFood, vai chegar daqui a uns vinte minutos na sua casa, então você pode me contar tudo o que aconteceu, para que quando eu for dar na cara do Duuu já saiba por que estou batendo.

Maldita bicha esperta. Suspirei e comecei a contar sobre o telefone e as palavras que o idiota disse enquanto caminhávamos em direção ao apartamento.

— Eu vou matar o desgraçado, fazer picadinho do corpo dele e jogar no mar. Melhor enterrar, porque os pobres animais não merecem comer carne de segunda.

Alguns jovens que passavam ao nosso lado nos olharam com uma cara estranha.

— Deixa para lá...

— O cacete, não vou deixar. Olha, você não é santa, acha que é um anjo, e a gente deixa você acreditar nisso para não contrariar doido. — Mostrei a língua. — Mas Eduardo precisa virar homem e aceitar que perdeu. Por que ele tinha de ligar e dizer que estava namorando? Você já não deixou claro que não queria mais nada com ele? — Balancei a cabeça afirmativamente. — Vou dar na cara dele quando o encontrar, pela atitude imbecil.

— Ele não está de todo errado...

— Ele está completamente errado, alguém com meio cérebro percebe como você é especial. Não entendi o que ele quis dizer ao te chamar de vazia. Olha como você evoluiu. — Ela me olhou de cima a baixo como se estivesse falando de algo físico, como se eu fosse, sei lá, um Pokémon novo, ou seria um Digimon? Qualquer dessas coisas nerds que ela vive assistindo e usando como exemplo. — Conquistou a sua casa, alugada, mas é sua, fez faculdade, não é uma pessoa vazia. Cuida dos gêmeos como se fosse seus filhos, tem muito amora para dar ai dentro.

— Eu sou estragada...

— Não. É a pessoa mais forte que conheço, mas todo mundo tem algum problema que precisa resolver, se fossemos perfeitos, não seríamos humanos. — Ela entrelaçou os dedos nos meus, olhei o céu estrelado a fim de não derrubar mais lágrimas. — Você não é vazia. É só prestar atenção no ambiente ao redor quando você chega nos lugares. Todo mundo gosta de você e quer estar com você, uma pessoa vazia não poderia ter esse efeito nas pessoas.

— Ai, Chay. — Eu a abracei, mesmo sabendo que ela não gostava; a maternidade não consertou esse traço estranho. Eu a ouvi resmungando um “chega”, mas a segurei uns segundinhos a mais só por pirraça.

— Mônica... — Olhei por cima do ombro e vi Eduardo parado.

Vestido de camisa e jeans, uma parte da tatuagem tribal do braço forte estava visível. Quantas vezes beijei aquelas linhas pretas enquanto fazíamos amor? Quantas vezes não deitei a cabeça no seu ombro, senti suas mãos acariciando os meus cabelos. Pensei nos sorrisos arrancados por me trazer uma flor azul no meio do dia. No lenço emprestado para limpar as lágrimas quando assistíamos aos filmes dramáticos tanto amados por mim. As pequenas coisas, o toque do celular dele quando eu ligava era a música Iris, porque eu a amava e a escutava sem parar.

— Você não me atende, e eu vim pedir desculpas por...

As coisas bonitas foram aos poucos soterradas pelas feias. As brigas, pelo ciúme bobo por postar uma foto nas redes sociais e algum amigo curtir ou comentar. Às vezes, uma frase dele me fazendo me questionar.

Você é vazia...

Bruno me dizia que eu era estúpida.

Eduardo, que sou vazia.

Fiquei irada. Larguei a bolsa no chão e parti para cima dele.

— *Seu filho de uma puta!* — gritei ao dar um senhor de um tapa na cara.

O miserável me fez chorar, me fazendo lembrar do passado e me fazendo sentir como se eu fosse um nada, e ainda vinha pedir desculpas com tamanha tranquilidade?

— Sei que mereço isso e... — Não deixei que continuasse: quando vi, Eduardo estava caído no chão, com as mãos em sua região íntima, resultado de um chute meu. Mas como desgraça pouca é bobagem, o barulho de uma sirene foi logo ouvido.

— O que está acontecendo aqui? — um policial uniformizado perguntou.

— Estamos quebrando ovos de saco podre, senhor policial — ouvi Chay respondendo.

A raiva era tão cega, que abstraí tudo ao redor e só me importei em machucar Eduardo como ele me machucou. Parando para pensar, todos os anos de raiva reprimida e acumulada por causa do Bruno explodiram, e o idiota foi alvo dela. Resultado: eu, Chay e Eduardo fomos parar na delegacia de polícia.

Seria cômico se não fosse trágico.

— Mônica? — Ouvi o meu nome. Olhei para o lado, e uma cabeleira loira entrou no meu campo de visão.

Maravilha, a noite não poderia ficar melhor, não é? Se Rafaelli estivesse ali, diria que eu despenquei do salto Luís XV^[5] e briguei como uma gata vira-lata de rua. Abaixei a cabeça e encarei as mãos machucadas, as articulações vermelhas pelo soco em Eduardo. Fiquei ali, parada, ouvindo um zumbido das pessoas falando ao redor. Perdi a noção do tempo, até Michael aparecer e me arrancar daquele estupor.

Naquele momento, realmente me senti vazia; sentimento algum existia em mim. E isso era assustador.

— Aqui. — Senti algo gelado nas mãos, olhei para frente e vi Michael agachado, colocando gelo nos machucados. — Então você é a tigresa que fez um cara chorar como uma garotinha? — Olhei aqueles olhos claros, algo se quebrou dentro de mim; eu me agarrei a ele e comecei a chorar.

Era tudo demais para mim. Chorei, simplesmente não conseguia parar. As lágrimas desciam, e Michael me abraçava com força, me deixando com a minha dor. Segundos ou minutos se passaram até que me acalmasse.

— Desculpa. — Olhei para cima e vi o rosto com a costumeira expressão grave.

— Pelo quê? — perguntou.

— Eu não sei...

— Não precisa se desculpar por nada. Que tal irmos embora? — Olhei para os lados e não vi a minha amiga. — Ela já foi, depois que eu cheguei aqui, Charlene foi embora com o Joaquim, não sem antes me ameaçar.

— Eu já posso ir?

— Sim. Não houve queixa da outra parte. — Impressão minha ou a voz dele ficou mais grave? — Eduardo já foi embora também.

Olhei as ruas escuras de São Paulo e suspirei. A oferta de Raffaelli veio à cabeça, e um velho sentimento começou a renascer; me lembrei da sensação de ver as minhas fotos em um catálogo de uma dessas revistas de compra de produtos. Usava um vestido creme, sentada em um pufe, com o cotovelo apoiado na coxa. O cabelo escovado para trás escorrendo pelas

costas. A Mônica de dezoito anos se achou tão linda naquela foto, poderosa, e havia tantos sonhos espelhados no olhar... As fotos feitas recentemente me trouxeram a mesma sensação.

Queria aquela mulher de volta.

Mas como trazê-la?

Não conseguia ver um caminho para fazer essa mudança que eu queria. Talvez voltar à psicóloga seria uma boa.

Peguei o celular e abri no aplicativo de lista e comecei a digitar. Escrever às vezes fazia com que eu conseguisse ver uma solução, seria melhor o papel e a caneta, mas não tinha, então digitei a palavra carreira.

O que eu quero?

Ser autônoma e continuar onde estou?

Mudar de emprego para uma empresa que me dê chances de crescimento?

Abrir um escritório de contabilidade?

Ser sócia da minha amiga?

Voltar a ser modelo?

Apaguei aquela frase e depois a reescrevi novamente, deixaria como uma oportunidade a ser mais explorada. Voltar para aquele mundo foi um risco maior do que abrir meu próprio negócio, o mundo da moda tem muitas variações. É difícil para quem está dentro dele compreender, imagine para quem mal esteve e saiu...

Corpo.

Preciso mudar algo em mim?

Talvez cortar o cabelo ou pintar?

Perder peso?

Fazer mais exercícios?

Renovar o guarda-roupa?

Olhei aquelas perguntas, bem, não podia comprar nada se queria juntar dinheiro, mas talvez doar algumas coisas ou me desfazer de outras...

Fazer aquela lista trouxe um sentimento tão bom, como se o simples fato de organizar minhas ideias e fazer um planejamento pudesse mover a vida para frente.

— Você quer parar em algum lugar e comer alguma coisa? — A voz de Michael me tirou do meu devaneio.

— Sim, por favor. — Antes de perguntar o que eu queria comer, já me adiantei. — Você escolhe, pode ser qualquer lugar que tenha sobremesa no final. — Talvez minha cabeça entrasse em curto-circuito se tivesse de pensar em algo tão simples como comida. Havia tantas ideias e decisões para o futuro, escolher a próxima refeição parecia algo complexo.

— Muito bem, então vamos de churrascaria. — Ele apontou um prédio logo em frente. — É a coisa mais perto. — Concordei com a cabeça. Michael manobrou o carro e entrou no estabelecimento. Fomos direcionados a uma mesa de canto, e assim que entramos, o cheiro da comida fez meu estômago rugir. — Então, posso saber o porquê da minha tigresa ter ido parar na delegacia? — ele me perguntou após o garçom ter saído com os nossos pedidos de bebidas.

— Perdi a linha com ele quando veio pedir desculpas depois de me chamar de vazia. — Encarei o prato branco na minha frente. — Eu sou uma pessoa vazia? — Olhei de canto de olho em sua direção.

— Você vai precisar me dar mais informações aqui, tigresa, sou um bom detetive, mas nem tanto. — Seus lábios se curvaram em um sorriso gentil; senti meu coração vacilando uma batida. Comecei a história desde a ligação até parar na delegacia. — Entendi. Bom. — Michael hesitou, então concordava com Eduardo? Eu era vazia? — Não te conheço, digamos, há

tanto tempo, já que a gente só começou a se relacionar de fato há alguns meses.

— A nossa escapadinha na sacristia não conta, né?! — sussurrei, desviando o olhar para o garçom que estava caminhando para outra mesa com um espeto de carne em mãos.

— Aquilo foi uma loucura deliciosa, e não me arrependo — Michael me respondeu, o brilho em seus olhos me deixou quente. Desde o começo do nosso, bem, rolo, Michael sempre me mostrou como gostava do meu corpo, das minhas curvas generosas, não só com palavras, mas com os olhares demorados.

— Não me arrependo também. — Dei uma pequena risada, cobrindo o rosto com a mão.

— Você me fez sair da linha, mocinha. — Michael pegou na minha mão e deu um beijo no dorso. — Tigresa, não concordo, não acho você vazia, acho um pouco atrapalhada, às vezes mandona, muito gostosa, uma boa ouvinte.

— Você quer me deixar vermelha de vergonha. — As palavras dele foram como um bálsamo para mim.

— Só respondi sua pergunta. — Ele deu de ombros. — Mas a pergunta certa é: você se acha vazia?

— Me sinto meio sem rumo, às vezes — hesitei em responder. — Não sei o que fazer da minha vida. Mas uma coisa é certa, depois de hoje, vai demorar muito para eu olhar na cara do Eduardo.

— Não vou lamentar essa decisão. Talvez pudéssemos sair somente um com o outro? — Michael olhava o prato enquanto perguntava isso.

— Você quer que sejamos exclusivos? — Michael balançou a cabeça concordando e em seguida me encarou nos olhos. — Como em um namoro? — Assim que a pergunta saiu dos meus lábios, esperei os sinos começarem a soar na minha cabeça, a vontade de sair correndo ou a sensação de aprisionamento.

Eu esperei, mas não teve nada disso.

— Quer namorar comigo, Mônica?



Capítulo 6



— Se minha resposta for não, o que acontece?

— Bom, não sei, vai ainda querer me ver?

— Não seria eu a perguntar isso? — Um impasse. Não me sentia pronta para dar aquele passo, apesar de o meu relacionamento com Michael ser bem diferente daquele que tinha com Eduardo. Eu precisava resolver a minha bagunça interna. — Não posso dizer sim, Michael, não ainda.

— Tudo bem. — Michael levantou e pegou o prato à minha frente.
— Vou pegar salada para você.

— Michael...

— Tigresa. — Ele deu um beijo em minha testa. — As coisas boas vêm com o tempo, e se há algo que aprendi com a minha mãe é que há

momento certo para tudo. Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito.

— Michael...

— Tigresa, vamos comer, depois vamos para casa. — Ele se aproximou do meu ouvido. — Vamos fazer um amor gostoso, amanhã é sábado, e pretendo curtir esse seu corpo delicioso. Como dizem por aí, nem guindaste me tira de dentro de você. — O safado piscou para mim e saiu andando para o buffet.

Várias cabeças se viraram para olhar aquele homem, ninguém ali poderia ver sua alma bonita. Eu o comparei ao Eduardo, vivi a mesma situação meses atrás com o moreno e no final fui chamada de vazia.

Aquela palavra me trouxe tantas emoções e sentimentos, que parei de me importar com a minha aparência há algum tempo. Meu problema sempre foi o medo de me relacionar, ficar novamente à mercê de alguém, ter minhas vontades e ações podadas e virar um fantoche na mão de outros. Porém o comentário do Eduardo me fez duvidar até do meu corpo, a única coisa que amava em mim mesma.

— Encontrei um brigadeiro no meio dos doces. — Michael colocou o doce na frente do meu rosto. — Garanti para você, o moço responsável

pela comida no buffet disse que não teria mais. Não posso deixar a minha tigresa sem essa maravilha.

Meus olhos se encheram de lágrimas, respirei fundo e peguei o doce.

— Agora eu sou mesmo a tigresa?

— Para mim, sim. — Um garçom veio até nossa mesa com um espeto de carne e, depois de deixar alguns pedaços, foi embora. — O que vamos fazer amanhã à tarde?

— Eu tenho um encontro. — Meus lábios se curvaram em um sorriso travesso. Deixei as questões de lado por um instante e resolvi curtir a noite com aquele homem maravilhoso. — Com um cara incrível.

— Que não sou eu? — Michael estreitou os olhos para mim.

— Não, ele é fofo, gentil, me faz sorrir e querer demais abraçá-lo.

— E eu pensando que com Eduardo fora do caminho não teria concorrência — resmungo. Era nítido por sua expressão a chateação e o conhecia o suficiente para saber que se segurava para não falar mais nada.

— O nome dele é Vicente e tem quatro anos. — Soltei uma sonora gargalhada quando Michael me olhou, espantado. — Vic e Tina querem passar o dia comigo.

— Os gêmeos da Chay? — Balancei a cabeça afirmativamente.

— Não posso aceitar seu pedido de namoro agora, mas não vou sair com outras pessoas, Michael. — Esperei o bolo na minha garganta diminuir. — Preciso me reorganizar.

— Por mim, tudo bem. Se dissesse que não me afetou a sua recusa, estaria mentindo, mas desde que conversamos sobre a Miranda, venho pensando em suas palavras. Resolvi dar uma chance para mim, estou cansado de não ser feliz, de só deixar a vida passar. — Michael fez uma pausa. — Venho pensando no futuro, o que fazer da minha vida, sabe?!

— Sei, e como sei.

— Demorei mais de dez anos para descobrir que preciso mudar, precisou de uma certa tigresa para me mostrar isso. — Gostei do meu novo apelido, me dava a sensação de poder, ao mesmo tempo em que meu lado sensual despertava. Gostava da Mônica refletida naqueles olhos azuis. — Vou te esperar, leve seu tempo.

— Não vai me odiar no final?

— Não sei, não posso prever isso, posso dizer que agora estou bem com o nosso... não relacionamento.

— Então... — disse depois de alguns minutos em silêncio. — Estamos saindo um com outro exclusivamente?

— Sim, por favor. — O sorriso voltou ao seu rosto. — A não ser que a outra pessoa seja o Vicente, ele tem prioridade no seu tempo.

Gargalhei com minha pequena travessura.

— Podemos fazer alguma coisa juntos, nós quatro?

— Claro, como eles são?

Eu, como uma orgulhosa tia e madrinha, comecei a falar dos gêmeos. Nossa conversa, como sempre, foi saltando sobre várias coisas, e quando vimos, já era tarde.

Nós nos dirigimos até o caixa, e me deparei com uma geladeira de sorvete. Peguei um picolé e fui para o lado de fora, a noite quente e gostosa me abraçou; minutos depois, senti os braços de Michael me envolverem.

— Inveja desse picolé — sussurrou. — Queria ser ele agora.

— Quem é você e o que fez com meu policial certinho? — Dei uma risadinha, me imaginando fazendo realmente o sugerido.

— Ele sempre esteve aqui, mas o prendi, pois se ele falasse tudo que pensa, você o acharia um safado descarado.

— Gosto desse seu lado. — Eu me virei em seus braços, me ergui nas pontas dos pés e dei um selinho em seus lábios. — Mas ele pode acordar a verdadeira tigresa dentro de mim.

— Deixa ela sair para brincar, *baby*.

— Safado. — Ri, entrelacei os meus dedos nos dele e saímos caminhando até o carro.

Senti meu coração leve, uma vontade de sorrir; a noite começou como um completo desastre, fui até parar em uma delegacia por agredir outra pessoa! Agora estava indo para casa com um policial que me prometia uma noite de sexo quente. Sim, o mundo dá voltas.

Senti meu corpo batendo contra a parede, foi só a porta se fechar atrás de nós dois, que Michael puxou o rabo de cavalo feito por mim no carro, a caminho da minha casa. Aquela seria a primeira vez dele ali, tentei lembrar se deixei tudo organizado de manhã, quando saí, mas a boca de Michael devorando a minha fez os pensamentos sumirem.

Sua boca fodia com a minha, parecia que o homem queria me devorar. Sua mão grande ainda prendia meu cabelo, me mantendo parada, enquanto a outra amassava a minha bunda, trazendo meu corpo para mais perto do dele, como se quisesse nos fundir em um só.

Podia sentir seu pau rígido preso nas calças; enfiei a mão entre nossos corpos e o acariciei por cima da roupa, Michael gemeu de encontro aos meus lábios enquanto se esfregava em minha mão. Tomei isso como um incentivo, e mesmo me atrapalhando com o botão, abri o zíper.

— Fiquei com dó de você por sentir inveja do meu picolé. — Minha voz falhava devido à respiração entrecortada. — Vou me redimir. — Coloquei as duas mãos em seu peito e o empurrei, para me dar espaço. Ajoelhei, ficando na altura certa para fazer aquilo que queria. Puxei as calças dele junto com a cueca boxer preta, o pau estava duro. Dei um beijinho na ponta.

— Tigresa.

Aquele apelido.

Realmente imaginei estar com um picolé nas mãos, dei tudo de mim, o chupando gostoso, polegada por polegada. Os gemidos de Michael ficavam mais altos conforme eu prosseguia. Michael segurava meu cabelo com força. Olhei para cima e o vi com a cabeça para trás, de olhos

fechados, seu peito subia e descia rapidamente. Aquilo me deu uma sensação de poder.

— Mônica... — ele gemeu. — Eu...

— Sim. — Sentia seu corpo tremendo ao meu toque, ele estava por um fim, então intensifiquei, brincava com a língua e com as mãos, subindo e descendo, dando uma mordiscada de leve. O aperto no meu cabelo ficou maior, chegando a doer, mas não me importei. Ele gozou em minha boca, e senti seu gosto descendo pela minha garganta.

— Porra... — Limpei o canto dos lábios ao vê-lo me olhando fascinado.

Ergui e abracei seu pescoço.

— Descobri um novo sabor de picolé. — Comecei a beijar seu queixo quadrado, descendo pelo pescoço, puxei a camisa e a tirei. O peitoral de Michael era um espetáculo, os músculos do abdômen fazendo aqueles gominhos deliciosos de mordiscar.

Fazer sexo com Michael sempre foi muito bom, o homem sabia fazer uma mulher gozar com pouco. Começava com beijos, evoluía para carícias mais quentes e logo estávamos na cama enroscados um no outro. Sua boca navegava por todos os lugares junto com os dedos, me degustando e apreciando o nosso tempo juntos.

Mas não essa noite.

Michael voltou a me beijar, agarrou meus pulsos e os prendeu contra a parede com uma mão, a outra levou para dentro da minha calça.

— Tão molhada, gostou de me chupar, tigresa?

Não respondi, um dos seus dedos penetrou a minha entrada, havia roupas demais entre a gente; queria falar isso, mas só saiu um gemido. Tomei consciência de cada pedacinho do meu corpo, senti meus mamilos roçando ao encontro do tecido acolchoado, meu coração batendo forte contra o peito dele.

— Minha garota sexy.

— Mi... — Supliquei a ele.

Sim, chupar seu pau foi gostoso e me deixou excitada, ele me tocar estava intensificando as coisas. Ele me soltou e começou a tocar em meu corpo em todos os lados que sentia vontade, e eu deixei.

Essa noite, Michael queria me marcar como dele, senti isso quando me virou contra a parede e começou a beijar e morder o meu pescoço. Minha cabeça foi para trás quando encarei aqueles olhos claros, de um azul profundo, podia ver linhas mais escuras. Vi uma fome ali.

— Tigresa... — Sua voz saiu rouca, em um tom de súplica, como se pedisse minha permissão. Eu me soltei dele, peguei em sua mão e o puxei, Michael tirou as botas e o restante das roupas, caminhando de costas em direção ao meu quarto; claro que tropecei nos saltos, e se não fossem aqueles braços fortes, teria ido ao chão. — Te peguei, acho melhor te carregar.

— Mi... não... — Em minutos, ele me carregava pelo restante do caminho, sem aparentar fazer qualquer esforço. Eu era pesada, sei disso, a balança no meu banheiro não me deixava esquecer, mas Michael não parecia se importar com esse fato.

— Eu adoro vê-la de salto. — Ele me deitou no meio da cama e sentou na beirada, pegando um dos meus pés e tirando a sandália. — Mas fico preocupado de você se machucar com eles.

— Eu me machuco mais de rasteirinha, não tenho culpa do chão me amar. — Dei de ombros enquanto ele tirava um calçado e depois o outro. Subiu as mãos pela minha coxa, senti meu sexo se contraindo com a lenta exploração. — Gosto quando usa jeans, sua bunda fica empinada, redonda, tenho vontade de apertá-la.

— Você não deveria passar vontade. — Levantei da cama e fiquei parada à sua frente. Levei a mão ao meu cabelo e desfiz o rabo de cavalo,

soltando as mechas pretas. Depois desabotoei a calça e abaixei a peça até se amontoar no chão os meus pés.

— Não? — Ele me trouxe para mais perto, dando um beijo em cima do elástico da minha calcinha rendada. Desabotoei a blusa branca e a joguei na mesma direção da outra peça, ficando somente de lingerie.

Aquele homem me olhava como se eu fosse algo delicioso. Michael me puxou pela cintura, me fazendo montar em seu colo. Com os nós dos dedos, tirou meu cabelo do rosto, levou a mão até a minha nuca, me trazendo para perto de si, e me mordiscou no lábio antes de me tomar para si novamente. Eu me estiquei e da gaveta da mesinha de cabeceira tirei uma camisinha, ele tomou das minhas mãos e a colocou.

Eu me entreguei a ele pela primeira vez de corpo e alma; tentei a todo custo expressar os sentimentos dentro de mim naquele beijo, esperando que ele entendesse. Os lábios quentes de Michael deslizaram pelos meus; ele deixava uma trilha de beijos pela minha pele aquecida, cada um me deixando mais necessitada.



Capítulo 7



Ouvi a campanha na manhã seguinte. Ainda estava no chuveiro, as vozes animadas dos gêmeos seguidas por uma mais grave chegaram aos meus ouvidos. Acordei com um telefonema da minha amiga dizendo que o marido traria os filhos. Sentia meu corpo dolorido, na pele branca começava a aparecer um ou outro hematoma. Estava cansada e gostaria de dormir o dia todo.

Saí do chuveiro e alcancei minha roupa, me troquei rapidinho para ver meus amores. Quando parei na soleira da porta, vi Tina e Vic ajoelhados em cima das cadeiras da mesa, olhando Michael fazer um sanduíche.

— Você está namorando com a tia Momo? — Tina perguntou a Michael.

— Talvez, sim. — Vi o loiro ficando vermelho.

— Mas você vai *fazer ela* sorrir? — Tina continuou.

— É o que mais quero — Michael respondeu.

— A tia Momo tem um sorriso muito bonito, aparece uns furinhos no rosto dela. — Vic complementou.

— Sim, gosto bastante deles também.

O que fazer numa hora dessas? Fiquei sem saber se me fazia presente ou os deixava interagir. Nada como uma criança como juiz de caráter.

— Mas você vai dar seu brinquedo do lanche para tia Momo? — Tina questionou.

— Você acha que devo dar?

— Sim, o papai faz isso com a mamãe, porque a mamãe adora os brinquedos. — Michael deu um sanduíche para Tina. A menina olhou o pão com mortadela e deu uma mordida generosa. — Papi diz que se ela fica feliz, ele também fica, então não se importa dela ficar com o brinquedo dele.

— Eu também não me importo, Valentina, sua tia Momo pode ficar com os meus.

— Então você pode ser namorado dela. — Tina sorriu.

— Mas tem que a proteger, porque nós, homens, protegemos as mulheres.

— Você está coberto de razão, Vicente. — Michael deu um pão para o menino também. — Precisamos cuidar das nossas princesas.

— Mas eu sou uma princesa guerreira, igual à Merida. — Tina flexionou o braço para cima. — Sou forte.

— Fiquei sabendo que a senhorita brigou na escola. — Achei melhor me fazer presente, os gêmeos largaram a comida e vieram me abraçar. Devolvi o carinho e voltamos para minha pequena cozinha. Ao chegar perto de Michael, ele me deu um beijo na testa. — E agora está de castigo.

— Não devemos brigar, só nos defender. — Tina baixou o olhar, a bochecha se tingindo de um rosa gracioso. — Mas o menino era um mala sem alça e sem rodinhas. — Segurei a gargalhada que queria dar com a frase tipicamente da mãe dela. Peguei o próximo sanduíche feito por Michael e o analisei.

— Eu tirei a beirada da mortadela. — Ele apontou para a mesa. — Sei que não gosta, nunca vou entender isso. — Dei um sorriso mostrando todos os dentes. — O que vamos fazer hoje?

— Eu não sei, não tenho planos, alguma ideia?

— Bem, eu ia cortar o cabelo hoje. — Ele passou a mão na cabeça.

— Seu cabelo também é ruim, tio Michael? — Ambos olhamos para Vic, o menino brincava com o pão na mesa e logo depois passou a mãozinha na própria cabeça.

— Por que, Vicente? — Michael e eu nos entreolhamos.

— A namorada do tio Duuu. — As crianças chamavam o Eduardo igual a mãe, alongando a vogal. — Disse que é bom sempre manter o cabelo cortado quando ele é ruim. — Eu abri a boca e fechei logo em seguida, sem conseguir encontrar palavras para me expressar. — Mas o cabelo da Tina tem que ser grande porque é bonito.

— Não, Vicente, meu cabelo não é ruim — Michael falou, o tom duro em sua voz. — E nem o seu é, nossos cabelos são diferentes, são únicos, como nós dois somos. — Lágrimas vieram em meus olhos, e eu me virei para ir até a geladeira e pegar qualquer coisa. Uma palavra mal-colocada poderia acabar com a vida de uma pessoa. Queria não acreditar que o ser que disse essa monstruosidade a uma criança não fez por querer.

— Seu cabelo diz quem você é, tenha orgulho dele, tenha orgulho de você inteiro, nada, ouviu bem, nada em você é ruim. — Coloquei o leite em cima da pia e fui abraçar o menino. — A tia tem cabelo grande, o seu pai

tem cabelo curto, a mamãe coloca aquelas tranças engraçadas. O cabelo da tia Maria é amarelinho, e o do vovô, branquinho, todos diferentes.

— Eu gosto dele assim. — Vic deu um pequeno sorriso. — Gosto quando o Tito tá lá no salão e faz uns riscos da hora.

— Quero cortar o cabelo também, tia Momo. — Eita, que agora seria dose.

— Que tal fazermos trancinhas? Podemos ir à lojinha aqui perto e comprar uns apliques coloridos para colocar no seu cabelo. — Dei uma alternativa.

— Vamos fazer assim. — Michael veio ao meu socorro. — Que tal o Vicente me levar até o salão do Tito, quero ter riscos da hora no meu cabelo, enquanto as meninas vão comprar seus trecos de cabelo? Depois vamos brincar em um parque, o sol lá fora está bonito.

— Eu não gosto da *labasgoia*. — Tina cruzou os braços e fez carinha de emburrada.

— A quem? — perguntei para a menina.

— A nova namorada do tio Duuu, a *labasgoia*. — Quando ela repetiu pela segunda vez a palavra, uma memória veio à mente.

— Tina, onde você ouviu isso?

— A mamãe estava falando para o papai sobre a Pam.

— Lambisgoia é a palavra certa. Onde você estava quando ouviu isso, mocinha? — A menina abaixou a cabeça.

— Atrás da porta — sussurrou. Vi pelo canto dos olhos Michael rindo. — Não conta para a mamãe, por favor, tia.

— Será nosso segredo, mas você não deve chamar a Pam de lambisgoia, fechado? — Vaca seria mais apropriada, mas não ia falar isso em voz alta. As crianças repetiam tudo que os adultos diziam, era impressionante. Minha vontade era pegar o telefone, ligar para Eduardo e pedir a ele que desse um jeito naquela mulher. Eu não conhecia o ser, mas já odiava por fazer Vic ter seu primeiro contato com o racismo.

— É uma palavra de adulto que criança não pode falar como a palavra com m? — Vicente perguntou. Umas semanas atrás, Chay me contou que o menino começou a falar “merda” sempre quando algo saía errado.

— Exato. — Dei um beijo no topo da sua cabeça. — Que tal prepararmos comidas gostosas e irmos fazer um piquenique no parque? — Isso animou as crianças, ambos começaram a contar de uma vez em que fizeram isso na escola.

Sentei na cadeira em frente a eles e escutei com atenção, Michael fazia perguntas e interagia com as crianças. Parecíamos uma família feliz tomando café da manhã. Acho que senti o famoso relógio biológico que algumas mulheres dizem ter, aquela vontade de ter meus próprios bebês veio com força.

Mas será que seria uma boa mãe?

Ser tia era fácil, você ficava com as crianças por curtos períodos depois entregava aos pais. Não precisava tomar decisões importantes que mudariam a vida deles.

— Quer que eu fale com Joaquim quando vier buscar as crianças à tarde? — Michael perguntou para mim enquanto eu calçava as botinhas no meu quarto, minutos depois de termos terminado o café da manhã. — Você já se indispôs muito com Eduardo. — As crianças estavam na sala e sairíamos dali a pouco.

— É melhor, não quero estar na pele dessa mulher quando Chay chegar nela.

— Infelizmente o racismo estrutural está dentro de nós, e não percebemos. Não acredito que tenha dito por mal, mas é uma criança, temos de ter cuidado redobrado perto delas.

— Tia Momo, seu celular não para de tocar. — Tina entrou no quarto e me deu o aparelho. Desbloqueei e vi várias chamadas perdidas, todas do Raffaeli.

— Jesus, esqueci do Raffaeli.

— Vai aceitar fazer o evento?

— Estou pensando seriamente em aceitar, o dinheiro é bom.

— Será que esse seu amigo não me arruma um bico?

— Quer ser modelo? — Já podia ouvir Raffaeli gritar como um louco.

— Não. Seria segurança, você me disse ontem que era algo sobre joias, algo bem visado.

— Posso perguntar para ele, vi bastante segurança no ensaio fotográfico. — Quis dizer que me sentiria melhor o tendo por perto também, vai que o episódio do vômito acontecesse novamente.

Abri o aplicativo de mensagens, enviei um texto pedindo desculpas pela demora na resposta e aceitando o trabalho. O telefone tocou, e passei os minutos seguintes falando com o dono da agência, perguntei sobre Michael, mas Raffaeli disse que não dava, o dono das joias já tinha contratado uma empresa de segurança.

Fiz tudo isso enquanto via o loiro dando toda sua atenção às crianças, havia um sorriso diferente em seus lábios ao responder às inúmeras perguntas de Tina e uma seriedade ao escutar os comentários de Vic. Os meninos se sentiam à vontade com Michael. Meu coração saltou no peito, em um ritmo diferente, e vi por um momento um garotinho loiro ali, sentado no meio da minha sala junto aos três.

Vamos com calma, coração bobo, eu me repreendi. Para quem não conseguia nem dizer um sim a um pedido de namoro, imagine ser mãe de um bebê do Michael. Eu nem sabia se ele queria ser pai.

— Olha, papai, minhas trancinhas — foi a primeira coisa que Tina disse quando Quim, no começo da noite, foi buscá-los. Estava verdadeiramente cansada, os gêmeos consumiram cada gota da minha energia. Junte isso com a noite mal-dormida devido a um certo loiro, eu só queria meus lençóis Santista^[6]. — Eu estou parecendo a mamãe.

— Estou vendo, meu amor. — Quim pegou a menina no colo. — E essas tranças coloridas? — Enquanto Michael e Vic foram cortar o cabelo

em uma barbearia, nós duas compramos um monte de apliques de cores diferentes; no momento, meu cabelo tinha mechas rosa, vermelhas, roxas e verde-limão, igual às da menina.

— A tia Momo que fez, mas é cabelo de boneca, de mentirinha. — A menina colocou a mão na boca e deu uma risadinha, como se aquilo fosse um segredo. — O Vic cortou o cabelo igual ao do tio Mi e fez um desenho animal. — Quim sentou no meu sofá, e o menino chegou perto dele para mostrar os riscos na parte detrás da cabeça; o desenho reproduzia uma onda.

— O tio Mi fez um igual a mim. — Vic olhou para o policial na cozinha preparando café. Dali a pouco, ele sairia para trabalhar, então passamos na casa dele para que pudesse pegar suas coisas e tomar um banho.

— Ei, crianças, precisamos arrumar as mochilas. — Chamei-as, e os dois correram para o quarto. Arrumamos as mochilas e voltamos em seguida para a sala. Quim tinha um olhar duro, maxilar apertado, raramente o via perdendo a paciência.

Mais um motivo para se pensar antes de ter filhos: mesmo as crianças não sendo minhas, a vontade era de arrastar a cara da lambisgoia no asfalto quente e, ao mesmo tempo, sentar e chorar, colocar Vic dentro de

um potinho para protegê-lo do mundo, de comentários racistas maquiados de boas intenções.

Oi, como você está?

No momento, escondida no banheiro chorando.

Quer conversar?

Agora não, só preciso me acalmar.

Nesses mais de dez anos de Chay, sabia ler nas entrelinhas. A bicha era explosiva, queria ter sempre a última palavra, brigava com Deus e o mundo, mas tudo isso era fachada, por trás escondia a pessoa vulnerável que é. Uma vez, Chay me confessou que seu maior medo de mãe era não poder proteger os filhos.

Seria o meu também. Apesar de que cuidar dos gêmeos era muito natural, como se tivesse nascido com o manual de instruções. Talvez esse fosse o tal instinto materno. *Mas por que cargas d'água estou pensando*

tanto em ter filhos? Deveria me preocupar com a exposição, com meu negócio, minha vida amorosa.

Tentei dormir e não consegui, por mais cansada que estivesse, então resolvi colocar em prática o primeiro item da minha lista de mudanças: o guarda-roupas. Comecei com as prateleiras de cima, é incrível como jogamos qualquer coisa ali. Em uma pasta com papéis, encontrei papel de carta, cadernos, cartinhas, uma caixa de bombom vazia com recortes de revistas com meus ídolos de adolescência. Foi como abrir a caixa de Pandora do passado.

Ali, naquelas coisas amareladas e envelhecidas, estava a Mônica de várias idades. Tentei lembrar daquele tempo, pela primeira vez fui inundada pela nostalgia. Não havia medo, vergonha ou tristeza por ter deixado Bruno me afastar das pessoas daquelas lembranças. Nem todas as minhas amizades antigas voltaram depois de tudo ter acabado.

Queria dizer que eles não eram meus amigos de verdade, mas a verdade é que eu não fui atrás deles. A amizade é uma via de mão dupla, e eu não fiz nada para reatar com aquelas pessoas.



Capítulo 8



— Eita, que a coisa foi boa! — Levei um susto quando a menina que me ajudava a colocar o primeiro modelo da noite gritou.

— O que foi? — Rafaelli veio correndo ao ouvir o estardalhaço da menina.

— Olha isso.

Eu tentei me virar para ver do que diabos eles estavam falando.

— Monicota, quem é o bofe selvagem que te pegou de jeito? — Senti o rosto corar. Agora todos da sala estavam vendo as marcas da paixão de Michael em minha pele muito branca.

Só nos vimos algumas vezes no decorrer do mês, ao que tudo indicava, Michael se envolveu em um caso grande; não me deu os detalhes,

provavelmente por não poder compartilhar informações. Trocamos um caminhão de mensagens nesse tempo, e digamos que dei uma provocada. Então ontem, bem, ele apareceu no meu apartamento e fizemos um sexo quente e gostoso que resultou nas marcas.

— Lembra que perguntei sobre o trabalho de segurança? — perguntei para Rafaelli. — Então, essa cara com quem estou saindo é policial, daqueles gatos dignos de cinema.

— Ahhh, mocreia, me conta tudinho, a pistola é grande? — Soltei uma sonora gargalhada e comecei a me gabar do meu homem.

Meu homem.

Uau! De onde surgiu o sentimento de posse?

Senhora Michael Brito não soava tão ruim assim, mas Veloso também não soava, o sobrenome do Bruno também ficava bom junto ao meu ou o Almeida de Eduardo.

Meu celular vibrou, e eu o alcancei em cima da mesa improvisada. A menina pediu para eu me sentar, pois ia mexer no meu cabelo.

Muita merda para você. Ou não, talvez isso só sirva para o teatro.

O que eu quero dizer é boa sorte. Como você vai voltar para casa?

Quer que eu te busque?

Fala o horário, que programo minha janta para coincidir.

Meus lábios se curvaram em um sorriso.

— Uau, esse bofe é dos bons. — Rafaelli tocou em meu queixo e ergueu o meu rosto. — Esses olhinhos estão brilhando mais do que as joias no seu pescoço.

— Ele é especial — disse, sentindo meu coração transbordar de alegria.

Não precisa esperar até tão tarde para jantar por minha causa, pego um Uber.

*Eu tiro a minha hora de jantar no horário que você sair, como qualquer coisa na minha mesa mesmo, não me sinto contente de você
pegar um Uber tão tarde da noite.*

Eu agradeço, mas, não, vou pegar o Uber.

Mônica.

Endireitei a coluna e foquei no celular, esperando a próxima mensagem.

Tudo bem, mas vai compartilhar a sua localização quando entrar no carro, me ligar e mencionar a delegacia, não confio muito nesses caras. Todo cuidado com sua segurança.

Tudo bem!

Estou me gabando para todo mundo que estou saindo com uma supermodelo.

O super está bem longe, foram só umas fotos e agora esse evento.

E daí? É um trabalho de modelo?

Sim.

***Então estou saindo com uma supermodelo que vai me mandar
várias fotos.***

— Mônica. — A moça que arruma meu cabelo me chamou. — Terminei aqui com você, boa sorte lá fora. — Agradei a ela e levantei da cadeira, dando espaço para outra modelo. Caminhei até um grande espelho e me vi inteira. Um vestido de gala na cor azul-creme com uma única alça se ajustava às minhas curvas. O decote grande deixava um bom espaço para o colar ficar à mostra. Tirei uma foto e mandei para Michael.

Caralho, olha essas pernas de fora.

Cerrei os dentes, comecei a digitar uma mensagem, mas antes de terminar, veio outra resposta dele.

*Elas vão ficar lindas ao redor da minha cintura, enquanto estiver
bem enterrado dentro de você.*

Porra, ele não estava criticando a minha roupa! Michael é um safado pensando em sexo. Ele... ele não é o Bruno.

— Monicota, não pode tirar foto. — Rafaelli veio até mim. — O que foi?

— Michael, ele... ele... — Entreguei o celular para ele.

— Caceta, esse homem está deixando meu hormônio em polvorosa.
— Ele leu a mensagem. — Quero fotos desse *boy*, como assim só tem esse símbolo sem graça da polícia?

— Ele não criticou a minha roupa.

— Claro que não, né, more, *tu tá* gostosa e... — Rafaelli inclinou a cabeça para o lado. — Ah! Entendi. — Ele colocou as mãos em meu rosto.
— More, ele não é o Bruno. Aquele escroto teria dado o maior piti comigo e nunca te deixaria usar isso, ainda mais com esse decote gigante.

— Sim...

— Já gostei desse bofe, esse Michael — Rafaelli disse o nome dele com um sotaque exagerado. — Ele foca nas coisas importantes, ou seja:

comer você. Vadia sortuda.

— Ah, Raffe, eu já estava escrevendo um textão para repreendê-lo sobre eu poder usar qualquer tipo de roupa.

— Ele pega no seu pé por causa de roupa?

— Não, nunca pegou, mas...

— Então, more, relaxa e pensa em quantas maneiras diferentes esse homem vai te dar orgasmos. — Ele me devolveu o celular. — E não tire fotos, pelo amor de Deus. — Concordei com a cabeça.

Você gostou da minha roupa?

Sim, você está gostosa. Qual a possibilidade de você sair daí com ela e aceitar a minha carona, só meia hora, Mônica.

Meia hora para quê? Ela não está mostrando demais?

Uma rapidinha. E, sim, o decote está grande demais, se eu fosse o dono das joias mandaria cobrir, a joia perdeu totalmente o brilho.

O que responder numa hora dessa? O cara quer uma rapidinha comigo, céus. Abanei meu rosto quente.

Agora sério. Se algum babaca disser qualquer gracinha para você, quero que diga a ele que assédio é crime e que vou colocar o filho da puta na cadeia.

Ai, caramba, talvez meu príncipe encantado não venha em um cavalo branco, mas sim em um camburão da polícia.

Pode deixar.

Boa sorte, Tigresa.

Ficar parada sorrindo por duas horas em um salto alto não é para qualquer um. Ser analisada por estranhos não incomodava muito. Quando

deu meia-noite e todas as modelos foram chamadas no pequeno palco, eu agradei aos céus, tudo que queria era colocar minhas pantufas e me largar no sofá da minha casa.

Precisei ainda desfilar no curto espaço disponível para que olhassem mais uma vez a peça no meu pescoço. Depois todas se juntaram para fotos promocionais e por fim caminhei até o segurança, que passou o tempo todo ao meu lado, e entreguei o colar e os brincos.

Esse era o momento em que eu poderia circular e curtir um pouco a festa. Procurei um garçom e pedi água a ele, minha garganta precisava muito do líquido precioso. Ficar aqui seria ótimo para fazer um *network*, uma forma de conseguir alguns *jobs*.

Quero ir para casa.

Então vai, se eu sair daqui agora, chego aí em uns vinte minutos.

A ideia de ter uma rapidinha dentro de um carro de polícia passou pela minha mente.

Não é incômodo?

É um delicioso prazer.

Mic, não estarei com aquele vestido.

Agora eu sou o Mic?

*Tudo bem, o que eu quero fazer com você não carece de roupa
mesmo.*

Coloquei a mão no rosto e dei uma risadinha.

Se eu sou a tigresa, você agora é o Mic.

Valentina me deu esse apelido, quero um seu.

Uma tigresa precisa do seu tigrão.

Dona Mônica, pode inventar outro apelido, a senhora que lute aí.

Agora a gargalhada foi alta e espalhafatosa.

— Acredito que não terei chance de conseguir seu número. — Um homem parou na minha frente e me olhou. Passou um bom tempo me admirando ou admirando colar no meu pescoço. Não sei.

— Desculpe, mas meu namorado não vai gostar nem um pouco disso.

— Ah! Mas poderíamos nos divertir os três. — Encarei o moreno vestido com um terno sob medida, não usava gravata e dava para perceber o peito peludo. Olhei o cabelo cheio de gel, o sorriso de dentes brancos, o discreto brinco dourado.

— Desculpe. — Sorri. — Mas ele é muito ciumento, não gosta de dividir.

— É uma pena que existam pessoas tão egoístas no mundo. — Ri mais uma vez da maneira espontânea do cara. Ele deu de ombros e saiu.

Acabaram de nos chamar para uma suruba.

Caminhei na direção na qual eu tinha vindo, onde minhas coisas estariam. Assim que coloquei o pé no corredor, o telefone tocou.

— Mônica, estou indo te buscar, que história é essa de suruba?

— Um cara veio pedir meu telefone, e quando soube da existência de um namorado, ele perguntou se você também não queria ir se divertir com a gente. Em um trio.

— Espero que você tenha dito que seu namorado não te divide.

— Sério? Não é um sonho de todo homem transar a três?

— Não deste homem aqui, e muito menos se tiver outro na jogada.

— E se for uma mulher?

— Não também. Vamos deixar as coisas só entre a gente, por favor.

— E se eu quiser? Se for uma fantasia minha.

— Olha, podemos conversar sobre isso em um outro momento?

Pessoalmente.

— Podemos.

— Vou te buscar.

— Não precisa, sério, estou bem cansada, vou direto para casa, nos vemos amanhã quando você sair do serviço e for para minha casa. Estarei te esperando com o café.

— Tudo bem. — Ouvi o suspiro que deu. — Vai me ligar quando chegar em casa?

— Sim, e te enviar minha localização e dizer que estou falando com um loiro gigante e policial do meu namorado.

— Gostei disso.

— Eu também. — Ficamos em silêncio por uns instantes, uma confusão só. Em um minuto, não quero namorar e, no outro, estou chamando Michael de namorado. Foi muito espontâneo dizer aquilo em voz alta.

Cheguei ao quarto onde me troquei da primeira vez, vi as araras com cabides pendurados e procurei a que tinha o meu nome dentro da embalagem; minha calça jeans e camiseta estavam lá. A troca de roupa não demorou muito.

Preciso só achar um banheiro.

Cheguei a um corredor, sem saída, parei e fiquei olhando para os dois lados, tentando descobrir como voltar. Foi aí que escutei uma espécie de choro, parecia um cachorrinho ou um gatinho miando, algum filhotinho. Apaixonada por animais desde sempre, fui atrás do som, não me importando se o dono da casa achasse ruim. O pobre animalzinho deveria estar preso por causa da festa.

Abri uma porta e encontrei um quarto vazio. Fui para a porta da frente e a abri, o cômodo parecia um escritório, uma grande mesa de carvalho ocupava boa parte do lugar, a janela estava tapada com uma cortina grossa que deixava tudo escuro. O barulho que eu ouvi ficou mais alto.

— Além de deixar o coitado trancado, deixou tudo escuro — reclamei ao tatear a parede e achar o interruptor.

O cômodo foi iluminado, e pude ver que a decoração seguia o mesmo padrão da casa, com a diferença que havia um grande quadro de um homem de terno parado ao lado de uma poltrona chique. A meu ver, parecia o Gru, de Meu Malvado Favorito, até a careca e o nariz pontudo eram os mesmos.

— Oh, meu Deus! — Olhei para o pé da mesa, no local havia uma gaiola grande de cachorro, daquelas de transporte de animais que vemos nos aeroportos. Todavia, o que eu vi pelas grades não era nenhum animal, mas sim uma criança. — Quem foi o filho da puta que te colocou aí?

Fui até ele, e o menino, ao que tudo indicava, se afastou o máximo que sua prisão deixava. Olhei para a portinha e vi um cadeado. Revoltada, levantei e procurei por todos os lados a chave ou algo para abrir aquele negócio.

Tentei com um abridor de carta, mas quem eu estava enganando, não era o MacGyver, claro que não consegui. Fui para as gavetas da mesa e abri todas, tentando achar uma chave, que era a primeira coisa que eu deveria fazer. Nada. Olhei para o lado direito, onde tinha uma espécie de estante com alguns livros e mais alguns artefatos, e vi uma pedra preta. Fui até ela com a ideia de quebrar aquela coisa. Funcionava nos filmes, né?

Mas na vida real era bem mais difícil.

Bati, bati, bati, meu braço estava quase caindo de dor, mas a determinação era maior, precisava tirar aquela criança dali. Que monstro colocaria um menino dentro de uma gaiola de cachorro? O sorriso contido de Vic e o largo de Tina me vieram à mente, aquelas duas crianças eram minha vida.

Já estava quase desistindo e procurando outra coisa quando ouvi o barulho de algo quebrando. Ver o cadeado pendurado me animou, e eu dei um pulo de alegria. Acabei tropeçando no tapete que cobria o chão e caí de bunda.

— *Farabutto*^[7]!

Viver com crianças era algo difícil, então recorri às aulas de italiano para xingar perto deles. Estudei italiano no colégio, em um projeto do governo no qual universitários davam aula ou atividades nas escolas em

troca de bolsas. Todo sábado, durante quase quatro anos, eu ia aprender o idioma, até Bruno dizer que era tolice e eu deixar de ir. Tina, arteira, sempre queria saber o que eu falava, então comecei a ensinar poucas palavras para ela sair do meu pé.

— *La signorina sta bene*^[8]? — O menino, todo sujo, com roupas maltrapilhas, magro, de cabelo grande, saiu da jaula engatinhando e me perguntou.

— *Parla portoghese*^[9]? — perguntei a ele. O garoto balançou a cabeça negando. Parece que teria de usar aquela língua para saber o que estava acontecendo.

Deus, espero que meu italiano enferrujado dê conta.

— Qual é o seu nome? — Sentei no chão, e ele seguiu o meu exemplo. Queria ir até ele e o abraçar, sua carinha triste era de cortar o coração.

— Pietro. — Um lindo nome para um lindo garotinho.

— Por que você estava ali? — Apontei para a jaula.

— Os homens maus querem algo que está dentro da minha barriga.

Não entendi muito bem a última parte da frase. Porém o “homens maus” ligou uma sirene na mente.

— Acho melhor sairmos daqui então. — Levantei-me e ofereci a mão para ele. O menino balançou a cabeça em negativa. — O que foi?

— Os homens maus vão matar a moça bonita. — Dava para ver em seu rostinho magro que tentava segurar as lágrimas.

— Bem, a moça bonita tem um namorado policial bem fortão que vai proteger a gente dos homens maus. — Era meia verdade, eu não tinha certeza se ele nos protegeria, afinal é um homem da lei, e eu provavelmente estava cometendo alguma infração.

Foda-se, não ia deixar aquele menino em uma jaula.

— Policial? — Fiz que sim com a cabeça, ele hesitou um instante até pegar a minha mão.

— Bem, agora temos que pensar em como sair daqui. — Meus peitos começaram a vibrar, alcancei o celular e vi no visor o nome da minha amiga, parecia que estávamos em sintonia total.

— Oi, doida, como está aí? — Chay me perguntou do outro lado da linha.

— Hum, acho que você terá que me levar cigarros na cadeia — respondi.

— Quem vamos ter que enterrar? — Amiga boa é assim, não pergunta se sou culpada ou não, já ia se oferecendo para ajudar a esconder o cadáver.

— Preciso fugir igual ao James Bond de uma mansão com homens maus.

— Se isso for algum fetiche estranho entre você e o policial, em que vocês resolveram brincar de polícia e ladrão, vou dar na sua cara! — Revirei os olhos.

— É sério, Chay, tenho que sair daqui e não posso ser pega.

— Você vai ter que me contar tudo depois. Melhor, vem já para casa.

Ouvi um choro infantil do outro lado da linha e a voz de Quim, os gêmeos pegaram uma gripe na última semana, deviam estar com o casal na cama.

— Se você se encontra em uma mansão, deve ter entrada de funcionários. Nos filmes, essas entradas não são tão vigiadas, seria uma boa rota de fuga.

— Não sei onde fica e preciso levar algo comigo até a polícia.

— Menina, no que você se meteu? Deixa para lá, está no primeiro ou segundo andar?

— Primeiro, dentro de um escritório, e tem um quarto no mesmo corredor.

— Vá para o quarto!

— Por quê? — perguntei, já puxando Pietro pela mão. O menino estava descalço, então seus passos não faziam barulho, mas foi só eu pisar no chão sem tapete que o clique do meu salto se fez presente. Achei melhor tirar os saltos, vai que eu precisasse correr?

— Quartos tem janelas e geralmente mansões tem jardim, então se eu tivesse uma mansão com jardim, meu quarto teria vista para ele. — Fazia sentido.

Abri a porta e olhei o corredor vazio. Dei um passo para fora, e o menino parou. Virei e disse em italiano: “Confie em mim”.

É engraçado como nosso cérebro age em uma situação de perigo, assim que pronunciei as palavras, lembrei do romance de Harlan Coben com o mesmo nome. Eu me vi pedindo aos anjos para viver no mundo de Harlan em vez de no de John Green, no primeiro teria chances de sobreviver, no segundo, não.

Sáímos do escritório e andamos calmamente sem fazer barulho algum até a outra porta. Meu coração estava disparado. Dentro da barriga, com toda certeza, deu um nó nas minhas tripas, que deveriam estar todas emboladas.

O quarto era simples, um guarda-roupas embutido, uma cama de casal e uma cômoda, a outra porta provavelmente dava para o banheiro. Mas como minha amiga disse, tinha uma daquelas portas balcão. Fui até lá e testei a fechadura, com três tentativas a porta se abriu. Ao longe, escutei um alarme.

— *Farabutto!*

— Acredito que esteja xingando porque deu ruim. Corre para a entrada, chamei um Uber para você. O carro é vermelho, um Fox, placa CQM1811^[10] — Chay me disse.

— Juro que vou te dar um beijo quando te encontrar, mas tenho que correr. — desliguei o telefone e coloquei o aparelho no meio dos peitos. — Vamos ter que correr — falei para o menino em italiano.

O que é um pontinho branco e azul no meio da noite? Uma Mônica correndo pelo quintal de um ricoço com uma criança que estava presa em uma jaula de animais, sendo perseguida por seguranças e indo até um Uber.

Há coisas que parecem acontecer somente comigo.



Capítulo 9



Eu e o pequeno Pietro saímos correndo pelo jardim em direção ao barulho. O bom de estar de noite e de a festa ser feita dentro de casa é que o jardim estava livre. Quando chegamos quase na entrada da mansão, ouvi um segurança falando. Parei em uma parede e me encostei. Olhei o menino e coloquei as duas mãos na boca, esperando que ele fizesse o mesmo. Não sei se me sentia insultada pelo grandalhão não me ver ou aliviada. Vamos lá, eu não parecia um graveto, tive até de encolher um pouco a barriga e segurar os peitos para sair do campo de visão. Uma coluna nos protegia de quem virasse em nossa direção.

Depois que o brutamontes desapareceu de nossas vistas, mergulhando nas sombras da noite, agachei perto do menino e sussurrei em seu ouvido:

— Vê as árvores? — Apontei para a entrada da mansão.

Havia um caminho de pedra, que naquele momento estava coberto com um tapete vermelho, margeado por árvores pequenas dos dois lados. Antes de chegar ao portão de saída, o caminho se bifurcava, à direita era a entrada, e à esquerda, a saída.

— Vá por ali. Escondido. — Apontei para mim. — Eu, por ali. — Apontei o tapete vermelho, esperando que ele entendesse. Pietro olhou as árvores e depois para mim. Eu estava a ponto de pegar o celular e buscar algum tradutor, quando o menino concordou com a cabeça e apertou minha mão, não sei se para ser corajoso ou para me dar coragem, e começamos a andar.

Antes de colocar o pé no tapete, fiz uma oração aos meus anjos e comecei a andar, tentando parecer ser a dona de tudo aquilo. Rafaelli sempre dizia que colocássemos isso na cabeça ao desfilar. Quando eu estava quase chegando, acabei tropeçando nos meus pés e quase indo de boca no chão.

Por que o chão me adora, Senhor?

Só não fui porque braços fortes me seguraram.

— Opa! Parece que a mocinha bebeu um pouco a mais. — Um moreno com cara de fuinha brincou. Em um dia normal, teria feito cara feia

e xingado mentalmente, mas aquilo só podia ser ajuda divina. *Obrigada, Senhor.*

— Só um pouquinho. — Dei uma risada espalhafatosa. — É por isso que Deus criou o Uber, o meu deve estar por aí, com a placa do aniversário da minha amiga.

— Qual seria? — Pelo canto dos olhos, vi um vulto passar pelo portão. Esperava que fosse Pietro.

— Uma raposa de novembro. — Eu ri.

— Como?

— Fox, raposa, placa 1811, foi o que minha amiga disse para mim quando me ligou, estou indo para casa dela, e ela chamou um Uber.

— Ah, tá. — O homem olhou em minha direção como se saísse outra cabeça do meu pescoço. — Vou te levar até lá fora...

— Não precisa, sou uma menina grande, posso me cuidar sozinha. — Empinei o nariz e deixei de tocar nele. — Vá procurar outra donzela em perigo.

O homem ia falar alguma coisa quando seu rádio tocou, aproveitei a distração e saí. Foi o tempo de colocar os pés na calçada e ouvir os portões

se fechando atrás de mim. Tinha um carro vermelho parado a alguns metros, então andei para ele sem olhar para trás.

— Senhorita. — Pietro saiu de trás de uma árvore. Fui até ele e o peguei no colo, dando graças a Deus que estava bem. Agora precisávamos sair daquele lugar o mais rápido possível. Corri até o Uber e entrei no carro.

— Senhorita Charlene? — Fiz que sim com a cabeça. — Tem alguma rota específica, ou posso seguir o aparelho?

— Moço, só me leve para o endereço. — Tentei lembrar a rua certinha de Michael e recitei para o homem depois de uma breve discussão sobre o destino ser outro. Abri a carteira e fiz com que aceitasse numa boa para seguirmos para o local.

Peguei o celular entre os peitos e mandei uma mensagem para minha amiga avisando sobre as mudanças de planos. O menino deitou a cabeça do meu lado e estremeceu. Perguntei para o homem se havia aquecimento no carro enquanto pensava no próximo da lista para entrar em contato: o policial loiro.

Como você informa para o seu sei lá o quê que acaba de sequestrar uma criança?

— Ei, como estão as coisas por aí? — Michael perguntou assim que atendeu.

— Mic, preciso muito que você vá até a sua casa imediatamente. —
Respirei fundo. — Assunto policial.

— O que aconteceu, Mônica? — Sua voz mudou, deu para perceber.

— Só vai para sua casa como policial, lá nós conversamos.

Desliguei o telefone e abracei o menino colocando-o no meu colo e tentando esquentar o corpinho magro e trêmulo.

— Vai dar tudo certo, prometo — disse para o menino em italiano.

A viagem foi rápida, naquela hora da noite a grande capital estava silenciosa e vazia. Pedia para todos os anjos de plantão que protegessem aquela criança em meu colo. A ficha caiu, eu era uma sequestradora de crianças presas em jaulas de cachorro. Minha Nossa Senhora da Bicicletinha, eu ia para a cadeia.

— Mônica. — Assim que desci do carro e agradei ao motorista com Pietro em meu colo, vi Michael e um outro homem, tão alto como o loiro, negro, um tom mais escuro que Chay, cara fechada. Dei um passo para trás, já me imaginando em um macacão laranja ensinando como se

maquiar com Tang, igual a Orange is The New Black. — O que está acontecendo? Quem é esse menino?

— Quem é esse? — perguntei.

— Valentim, meu parceiro...

— São policiais — falei para o menino em italiano enquanto caminhava até Michael. — Michael. — Toquei no ombro do loiro. — Valentim. — Aponte o outro. — Vão cuidar de você.

— Senhorita, não vão cuidar de você? — Segurei as lágrimas para não chorar. Deixei Pietro no chão, ao lado de Michael, e ergui meus braços para o negro ao seu lado.

— Cometi um crime, pode me prender. — O policial olhou bem para mim, da cabeça aos pés, e não se mexeu. — O que foi? Não vai ler os meus direitos e colocar as algemas?

— Para eu prender alguém, preciso o acusar de algo. Do que exatamente tenho que te acusar?

— Sou modelo, estive em um evento de demonstração de joias, após acabar o meu *job*, teve uma festa estranha com gente esquisita. — Lembrei de Eduardo e Mônica numa hora daquelas? — Fui convidada para fazer uma suruba. — Nessa hora, Michael começou a tossir. — Mas não é a

minha praia, estava cansada e queria ir para casa, então eu peguei as minhas coisas, mas antes tinha que ir ao banheiro. Acabei me perdendo porque virei à esquerda em vez da direita. Aceitei o *job* por causa do dinheiro e porque eu não sou vazia, você me entende? — Não o esperei responder. — A minha vida é uma merda, sou vítima de abuso doméstico, não consigo me relacionar bem com as pessoas, não sei por que não aceitei o pedido do Eduardo, mas quero aceitar o do Michael, e eu nem o conheço como conheço o Edu. Estou com tanta raiva desse ser desprezível que me chamou de vazia, queria matar... — Um soluço interrompeu o meu relato.

— Você não respira? — Vi tudo embaçado e me senti sendo acolhida por braços fortes. — Quem é Eduardo? E por que quer matá-lo?

— Um engenheiro idiota.

— Seria uma notícia meio cômica, Mônica matou Eduardo. — O policial tentou fazer uma piada que não achei a menor graça, ele não percebia que tudo era sério. — Querer matar alguém não dá cadeia.

— Ainda não cheguei nessa parte. — Revirei os olhos para ele. — Então eu fui procurar o banheiro e ouvi um chorinho baixo, achei que era de um gatinho ou cachorrinho, eu amo esses pequenos. Saí à procura, e quando entrei em um escritório, encontrei uma gaiola grande, aquelas que vemos em pet shops, e quando vi ele estava lá dentro. — Apontei para o Pietro

enroscado na minha perna. — Então tive que tirá-lo dali. Quem em nome de Deus coloca uma criança em uma jaula?

— Isso vamos investigar...

— Então a Chay me ligou, deve ter ficado acordado a noite inteira por causa dos gêmeos, e ela me ajudou a sair da casa, com um plano estilo James Bond.

— Quem é Chay? — Valentim perguntou.

— Minha irmã gêmea de alma. — O policial me olhava com uma cara estranha, Pietro agarrou em minha perna e lembrei que ele deveria estar morrendo de frio. — Michael, me dá sua jaqueta, o coitado está com frio e descalço. — Ele tirou a jaqueta de couro e tentou colocar no menino, que se escondeu atrás de mim com medo. Aquilo cortou o meu coração. Agarrei a peça de roupa e tratei de colocar em Pietro, para logo em seguida o pegar no colo. — Olha o estado dele. Quem pode fazer isso com uma criança?

— Quem é a criança, Mônica? — Michael perguntou.

— Seu nome é Pietro. Ele deve ser italiano, pois me entendeu xingar nesse idioma. — Encarei Valentim novamente. — Não sei bem se o entendi direito, mas há algo dentro de sua barriga.

— Como? — ele me perguntou.

— Não sei, mas é por isso que você pode me prender e me levar por sequestrar uma criança, eu não sabia o que fazer.

Michael achou melhor conversarmos dentro de casa. Nós quatro subimos no elevador em silêncio, Pietro agarrado no meu pescoço com a cabeça escondida. Entramos no apartamento, a primeira coisa que fiz foi sentar com Pietro no sofá e usar a manta para nos cobrir. O menininho se encolheu ainda mais em meu colo, com a cabeça baixa, não encarando os homens.

Valentim me pediu para contar tudo de novo, mas desta vez com mais calma. Respirei fundo e voltei a fita, e toda vez que acelerava, precisava voltar um pedaço.

— Certo, vamos ligar para central e comunicar o que você disse, mas acho que podemos enquadrar você no artigo 136 do código penal...

— Isso quer dizer que vou ser presa...?

— O artigo 136 é o artigo que protege as crianças de maus tratos. — Mic sentou ao meu lado. — O fato de você recorrer à polícia depõe a seu favor, vamos chamar uma assistente social e cuidar do caso.

— Tem que ser uma assistente social que fale italiano. — Olhei para o menino e ouvi a barriguinha dele roncar. — Está com fome? — Recorri à sua língua.

— Sim, mas não posso comer por causa das coisas da minha barriga. — Olhei sem entender.

— Que coisas são essas ?

— O homem mau mandou eu engolir uns saquinhos antes de me colocar na jaula e me trazer para esse lugar.

— Gente. — Olhei para os homens. — Por que pessoas obrigam outras pessoas a engolir coisas antes de viajar?

— Como por exemplo? — Valentim perguntou.

— Saquinhos.

— Do quê? — Dei de ombros para o policial e me virei para Pietro.

— Sabe o que tinha nos sacos?

— Pedras brilhantes.

Repeti a informação aos rapazes. Antes de falarem qualquer coisa, a porta do apartamento foi esmurrada. Ambos os policiais sacaram as armas, Michael fez sinal para o parceiro, foi olhar no olho mágico e relaxou.

— Chay — ele disse ao abrir a porta.

— Titio Mi! — Duas crianças se jogaram nas pernas do policial.

— Onde está minha amiga? — Michael apontou para o sofá, Chay entrou como um furacão, só parando quando viu o outro policial. — Diga que você não é policial...

— Sou, sim, senhora — respondeu Valentim.

— O que acontece com o departamento de polícia de São Paulo, que só tem *go-go boy*? — Tim abriu a boca ao ouvir aquele comentário. Quim entrou na sala e foi até o homem.

— Ela quis dizer que você é bonito, não ligue para o resto, ela é meio louca. — O ruivo deu tapinhas no ombro do policial.

— Não a deixe chegar perto da minha esposa, é capaz das duas criarem o caos — respondeu Valentim, revirando os olhos.

Chay sentou ao meu lado e perguntou o que aconteceu, e mais uma vez eu contei a história, acho que a terceira vez devia ser a da sorte. Tina largou Michael e veio até mim, olhando para o menino no meu colo. Ela usava pijama de ursinhos e carregava sua inseparável pelúcia de emoji de cocô.

— Crianças não podem ficar em jaulas, tia Momo, você fez certo, ele precisa de leite quente e biscoito de chocolate. — Ela sorriu e subiu no colo da mãe. — Mããe, precisamos de biscoito.

— Você precisa perguntar para seu tio Mic se tem biscoito na casa dele.

Chay deu um beijo na filha e a apertou. Vi em seus olhos a dor e o sofrimento, não precisava que ela falasse nada, sabia que pela cabeça passava o mesmo que na minha. Tínhamos crianças da mesma idade e na mesma sala, ambas inocentes e que tiveram um tratamento diferente em sua pouca vida. O mundo era tão injusto.

Pietro olhou para a menina com interesse, tirou um braço do cobertor, pegou uma mecha de cabelo vermelho de Tina e olhou para mim.

— Parece fogo. — Eu sorri.

— Bonito, não? — Ele fez que sim com a cabeça. Virei para Tina e disse em português. — Esse é Pietro, e ele gostou do seu cabelo, disse que parece fogo. — A menina gargalhou e esticou a mão até a cabeça do menino.

— O dele parece um ninho de passarinho.

— Que tal dar um banho nele? — Chay perguntou. — Eu sempre levo roupa dos gêmeos no carro, porque esses dois adoram se sujar. As roupas do Vic vão servir nele.

Olhei para Michael, e ele concordou com a cabeça. Levantei com Pietro no colo e caminhei com ele para o quarto. O apartamento era bem espaçoso, com dois dormitórios, sendo um suíte, além da sala, cozinha, banheiro social e varanda gourmet.

Vicente, Tina e Chay me seguiram, enquanto Quim disse que ia buscar a mala. Eu estava tão encrencada, que não sabia o que aconteceria comigo. Mas deixei o medo de lado e foquei em cuidar do menino em meus braços.

Pietro tomou um banho quente; as roupas de Vic ficaram largas, e isso só ressaltava como o menino estava desnutrido. Quando voltei para o quarto, Tina estava pulando na cama, e Chay brigando com ela.

— Seu Tio Mic vai te prender e jogar a chave fora, Valentina. — A menina caiu sentada na cama, rindo. Não dava para ficar brava ao ver aquele sorriso arteiro.

— Tio Miiiiic — a menina gritou, e eu vi o loiro entrando no quarto com uma bandeja cheia de comida. — Você vai me prender e jogar a chave fora?

— Você está desobedecendo a sua mãe, mocinha? — A menina parou de sorrir. Michael deixou a bandeja em cima de uma cômoda e colocou a mão na cintura, com seu olhar neutro.

— Desculpa, titio. — A menina desceu da cama.

Pietro, que estava atrás de mim, andou até o loiro e disse:

— *Deixa ela* em paz. — E em um português carregado de sotaque italiano, surpreendendo a todos.

Suas mãozinhas estavam cerradas e o semblante, carregado, parecia que estava a ponto de atacar Michael para defender Tina. O loiro se agachou para que ficasse na altura do menino.

— O que você vai fazer se eu prender a Valentina? — Vi o começo de um sorriso nos lábios, Michael estava provocando o menino. Pietro ergueu os punhos para ele. — Assim você vai se machucar. — O policial colocou as duas mãos do menino em frente ao rosto. — Tem que se proteger para depois atacar, e nunca abaixar a guarda.

— Você vai prendê-la? — Pietro não saiu da posição.

— Não. Valentina e você estão seguros aqui. — Ele olhou para mim e complementou: — Ninguém vai preso até eu entender tudo.

Entendi muito bem o recado.

— Que tal comer um pouquinho? — perguntei para Pietro assim que Michael deixou o quarto. — Tem sanduíche, leite e bolacha. — O menino só relaxou quando a porta se fechou. Ele olhou para mim e fez que sim. — Então você me entende? — Outro aceno.

— Você fala engraçado. — Tina veio até ele e pegou sua mão. — O titio Mic faz um sanduíche muito bom. Ele é um cara legal, prende homens maus e faz a tia Momo ficar feliz. — Por aquela eu não esperava. A gargalhada da minha amiga me deixou vermelha. Tal mãe, tal filha mesmo. Tina puxou Pietro para cama, e Vicente veio se juntar à irmã, o menino só observava o outro sem dizer nada. Levei o lanche para eles.

— Bolacha de carinha. — Tina pegou um Trakinas e mostrou para Pietro. — Vou te ensinar a comer. — Ela separou as duas metades e comeu o recheio de chocolate e depois a massa crocante.

Vicente seguiu o exemplo da irmã. Pietro olhou para mim, como se pedisse permissão, e só fez que sim com a cabeça. Ele pegou o item no prato, seguindo o exemplo dos outros dois.

— *Gustoso...*

— Não, é gostoso — Tina o corrigiu.

— Ele falou em italiano, Tina. Gostoso em italiano é *gustoso*. — A menina me olhou e depois para Pietro e repetiu a palavra. — Isso mesmo.

— Tia Momo, me ensinou italiano também, *ti amo* é eu te amo. *Uno, due, tre*. — Ela contou nos dedos. — Um, dois, três.

— Sim, minha pequena. — Olhando para Pietro, perguntei: — Onde você aprendeu a falar português?

— *Papá* me ensinou — o menino respondeu em uma mistura das duas línguas.

— Onde está seu *papá*?

— Os homens maus *machucaram ele* muito, até não abrir mais os olhos, depois jogaram no rio e me trouxeram para cá. — Olhei para Chay com os olhos arregalados. Aquela criança passou por um inferno inimaginável.

— Onde estão as crianças? — Michael me perguntou assim que coloquei os pés na sala. Deixamos os meninos na grande cama e voltamos para onde os adultos estavam reunidos.

— Estão dormindo. — Fui me sentar no sofá de dois lugares onde Michael estava, Chay foi para o colo de Quim, e Valentim não estava em lugar nenhum. — Onde está seu parceiro?

— Voltou para delegacia, estamos de serviço, ele vai me cobrir. — Michael olhou para o relógio de pulso. — Nosso turno acaba daqui a uma hora. — Pela janela, já dava para ver os primeiros raios de sol do dia, aquela confusão toda me fez perder a noção do tempo. — Mônica, você vai precisar ir lá também, e vamos ter que levar Pietro junto.

Ia falar alguma coisa quando ouvimos os gritos de uma criança. Não sei quem correu mais rápido, eu ou a Chay, só sei que quando chegamos no quarto, Pietro chorava enquanto segurava a barriga,

— *Un sacco di dolore, un sacco di dolore* — ele repetia e repetia.

— O que ele está falando? — Michael perguntou.

— Muita dor. Ele está com muita dor — respondi.



Capítulo 10



Pietro não parava de chorar e apertar a barriga. Quim pegou o menino no colo.

— Vamos para o hospital — disse ele, já caminhando em direção à porta. — Chay, fique com as crianças, eu venho aqui pegar vocês depois.

— O que posso fazer? — perguntei, indo atrás dele. Michael nos alcançou e foi abrindo a porta da frente.

— Vá com ele. — Michael me disse. — Eu estou sem carro, vou chamar Valentim de volta.

Só concordei com a cabeça. Meu coração doía dentro do peito de tão rápido que estava batendo. Eu me sentia uma inútil, sem saber o que fazer, apenas queria tirar a dor daquele menino. Entramos no elevador e me

aproximei dele, passando os dedos pelas madeixas escuras, gotículas de suor apareciam em sua testa.

— Vai dar tudo certo. — Olhei em direção a Quim. — As crianças são mais fortes do que imaginamos. — Eu o encarei, me perguntando como ele poderia ter certeza daquilo; vi que não era convicção, mas sim esperança. Pietro murmurava em uma mistura de italiano e português, suas mãos agarradas à camisa.

As lágrimas escorriam livremente por meu rosto, tentei me agarrar ao que dizia, mas um monte de cenários horríveis passava por minha cabeça. Eles só foram criando um mundo de caos conforme corríamos com o menino para o hospital mais próximo. Não sabia o que fazer e nem entendia o que estava acontecendo. Quim dirigiu rápido para o pronto-socorro, o cara tinha experiência em emergências médicas na madrugada — a gravidez da esposa não foi nem um pouco fácil.

Entramos no pronto-socorro pela área de ambulância, e um enfermeiro, ao ver Pietro gritando, me mandou colocá-lo em uma maca. A equipe médica começou a trabalhar, uma moça veio até mim e começou a me fazer perguntas as quais eu não sabia as respostas, falei que poderia ser os tais saquinhos que ele engoliu e que eu não sabia exatamente o que era.

O médico mandou levá-lo, e não me deixaram ir, precisava fazer a ficha de entrada do paciente.

Como faria isso?

Quim novamente tomou a frente e informou para enfermeira que não sabíamos quem era o garoto, o encontramos perdido e o abrigamos, chamamos as autoridades e, nesse meio-tempo, o menino começou a sentir as dores. Não deixava de ser verdade a história.

Fomos encaminhados a uma sala de espera. Sentei em um banco e olhei ao meu redor os poucos rostos abatidos ali também. Mordi o lábio, as imagens ruins deram lugar a memórias péssimas, já estive em um outro hospital de madrugada esperando descobrir se uma pessoa iria viver ou não.

Passei a mão pelo meu peito tentando aliviar a dor que não era física. Abaixei a cabeça e vi meus dedos dos pés, estava descalça. Uma risada começou a se formar, em um momento eu era uma aspirante a modelo, no outro, uma sequestradora de crianças em jaulas. As minhas unhas em cor nude pareciam zombar de mim quando comecei a rir.

— Vou ter que ensinar as meninas a se maquiar com Tang — murmurei.

— Preciso de mais informações, Mônica. — Olhei para o Quim e abri a boca para responder quando vi Michael chegando.

— Ei, o que aconteceu com o menino?

Quim explicou, enquanto eu tentava me acalmar e parar de chorar.

— Muito bem, vou conversar com o pessoal do hospital e ver se consigo saber de algo. — Ele veio até mim e me deu um beijo na testa. — Vai ficar bem? — Balancei a cabeça concordando, porém só Deus sabe se aquilo era verdade.

Sentei em um dos bancos frios da sala de espera, tentando organizar meus pensamentos, e o cansaço me atingiu com força total. Fechei os olhos e senti como se o mundo ao meu redor fosse desligado.

Pietro ficaria bem?

Depois que saísse da cirurgia, onde ficaria?

Será que vou para a cadeia?

E os bandidos?

— Mônica. — A mão quente de Quim me despertou daquele torpor. — Trouxe um chocolate quente para você. — O copinho marrom foi posto em minha frente, e eu o peguei por puro reflexo.

— Obrigada — disse antes de dar um gole e queimar os lábios.

— Gostaria de correr e abraçar meus pequenos, aquele menino deve ter a idade de Vic e Tina.

— É loucura querer o levar para casa e o proteger?

— Acho normal querer protegê-lo.

Uma ideia começou a se formar na mente.

— Talvez ele pudesse se recuperar em minha casa até encontrar a família...

— Mônica, tomar conta de uma criança não é fácil, Pietro vai precisar de cuidados intensos nos primeiros dias...

— Ele viu o pai ser morto, foi colocado em uma gaiola e transportado pelo oceano. Ele está em um país estranho sem ninguém. — A faxineira aproveitava o pouco movimento para dar uma boa limpada em tudo. A placa amarela chamou minha atenção, tentei ler as letras pretas nelas. — Ele ficaria comigo enquanto toda a investigação fosse feita...

— Mônica, deixa só eu te interromper... — Quim hesitou, como se estivesse procurando as palavras certas. — Ele foi testemunha de um assassinato e uma mula para pedras preciosas, as pessoas por trás disso vão procurar por ele, e você estaria em perigo também.

Não pensei naquela possibilidade, a imagem do segurança grandão no portão vindo de encontro a mim, me pegando e levando a um lugar sombrio, me torturando com agulhas; eu não aguentava nem um corte de papel.

Michael entrou na minha linha de visão, o caminhar decidido, sua expressão não me permitia descobrir o que pensava.

— Pietro saiu da cirurgia — disse ao se aproximar. — Realmente, encontraram diamantes dentro dele, o invólucro onde as pedras foram colocadas se rompeu e perfurou o intestino, por isso toda a dor — sussurrou. — Agora ele foi levado ao pós-cirúrgico, já pedi para Valentim uma escolta.

— Posso vê-lo?

— Ainda não, a área é restrita, ficará ainda umas duas ou três horas lá.

— E agora?

— Vamos arrumar um sapato para você e te levar até a delegacia para pegar seu depoimento. Valentim deverá chegar a qualquer momento para nos buscar.

Havia gentileza em sua voz, como se não quisesse me assustar. Ergui meu braço e toquei o rosto másculo, a barba começava a crescer, ele precisava fazer todo dia. O que me pedia fazia sentido, mas estava muito cansada. Concordei com a cabeça apenas.

Meia hora depois, Valentim e dois outros homens apareceram na entrada, um deles com uniforme e o outro com uma blusa preta. Nas costas pude ler “perito criminal” em amarelo.

— Vamos? — Valentim chamou.

Dei tchau para Quim e segui os policiais, e mais uma vez me encontrava no banco traseiro de um carro de polícia.

E mais uma vez contei como foi a minha noite, dessa vez me sentia mais calma e consegui lembrar de detalhes. Uma mulher digitava cada palavra dita, o som das teclas sendo apertadas me dava um certo conforto, não sei explicar direito. Valentim foi bastante atencioso, e Michael segurava a minha mão o tempo todo.

— O que vai acontecer com o Pietro agora? — perguntei quando a mulher saiu da sala para buscar o meu depoimento para assinar.

— Não sabemos ainda, no momento ele é uma vítima de tráfico humano e uma mula de pedras preciosas — Valentim disse.

— Talvez possa se enquadrar como refugiado. — Olhei na direção de Michael. — Se me lembro bem das minhas aulas na faculdade de advocacia, o Brasil caracteriza uma pessoa como refugiada se ela estiver sendo perseguida por causa de sua raça, religião, nacionalidade, opinião política ou grupo social ou por existir uma situação de grave e generalizada violação dos direitos humanos que a leve a fuga de seu país. ^[11]

— Ser colocado em uma jaula é claramente uma violação dos direitos humanos, ver o pai morrer é uma grande violência. — Michael tombou a cabeça de lado como se tivesse em frente a uma equação difícil. — Então ele pode ser enquadrado como refugiado?

— Vamos depender agora da justiça.

— Enquanto isso?

— Entraremos em contato com a embaixada italiana e verificaremos os fatos contados pelo menino, para tentar achar seus parentes.

— Nesse meio tempo, vai ficar sozinho? — Imaginar o menino sem ninguém ao lado me dava um aperto no coração.

— Com assistentes sociais.

— Em um orfanato?

— Não existem mais orfanatos — Valentim disse. — São abrigos, que muitas vezes não têm estrutura nenhuma para pessoas sadias, imagina enfermos.

— Precisa de alguém que fale italiano, não sabemos o nível de português dele — complementei.

Talvez pudesse ficar comigo.

A ideia veio de repente, em primeiro momento achei absurda.

Como eu poderia cuidar de um menino ou qualquer outra criança?

Porém a imagem de Tina e Vic se divertindo na cozinha me veio à mente.

Só que ele precisa de cuidados médicos, e o seu emprego, como vai fazer?

Havia férias vencidas, e Quim já tinha me dito que eu precisava tirar, pois o segundo período estava chegando. Além do mais, meu banco de

horas estava cheio e eu precisava descontar.

E os bandidos atrás dele? Poderiam aparecer novamente.

Sou também um alvo, uma vítima das circunstâncias, tirei o menino da casa, levei para delegacia e agora os diamantes não poderiam ser pegos pelo... bom, dono.

— ...com a minha esposa. — Enquanto eu debatia comigo mesma os prós e contras de ser a guardiã de Pietro, Valentim ainda falava.

— Como?

— Disse que posso ver com a minha esposa se ela tem algum conhecido na embaixada italiana ou alguém conhecido com o prefeito.

— Quem é sua esposa? — indaguei.

— Ericka é a CEO das empresas Ravenas, que começaram como uma empresa têxtil, mas hoje são um conglomerado de outras empresas. Ela recentemente ganhou uma licitação para fornecer uniformes para a prefeitura e está negociando para fornecer ao estado também, mas eu não entendo nada disso, só sei que o prefeito foi jantar um dia desses em casa.

A maneira despreocupada como disse tudo aquilo me chamou a atenção. Ao que parecia, ele não se importava com a mulher ganhar mais. Como seria a relação dos dois? Olhei em direção a Michael e pela primeira

vez notei que nunca perguntei muita coisa sobre seu trabalho, sabia pouca coisa acerca da sua família e amigos. Sou uma péssima, hum... mulher que saía exclusivamente com ele e não era namorada.

— Mas ele corre perigo. — Foquei em Pietro e deixei de lado essa parte da minha vida. — E é uma testemunha de vários crimes, não tem aqueles negócios de proteção à testemunha? Ou delação premiada ou qualquer coisa que vá deixá-lo seguro?

— Delação premiada é só para quando a pessoa se envolveu no crime também, nesse caso Pietro só poderia ser acusado de entrar ilegalmente no país — Michael explicou. — E vamos tentar enquadrá-lo como refugiado.

— Com isso, ele ganha proteção extra — Valentim continuou. — O que podemos fazer... — Ele olhou para o loiro ao meu lado como se estivesse se comunicando em uma linguagem não verbal.

— O que foi? — perguntei, a cadeira embaixo de mim fez um barulho quando me mexi.

— Mônica, estamos investigando a agência para qual você trabalha.

Abri a boca e depois a fechei, lembrei do dia em que estive lá e encontrei Michael do lado de fora. Achei estranho, mas minha cabeça estava tão focada nos meus problemas, que nem questionei. — Podemos

colocar você junto a Pietro no programa de proteção à testemunha, você talvez possa identificar alguns nomes.

— Teria que me mudar daqui para algum lugar onde ninguém me conhece? Viver sem minha família e amigos... sem você?

— Calma, não chegamos nesse ponto ainda, não sabemos qual é o grau de proteção que você vai precisar, por enquanto é somente uma boa samaritana que topou com alguém ruim. — Ele apertou a minha mão. — Vou te proteger com a minha vida, ninguém vai te machucar.

— Não só ele como eu. — Escutei Valentim dizendo, mas não conseguia desviar os olhos dos de Michael. Acreditei nele, nunca me decepcionou nesse tempo todo em que nos conhecemos. Nossa situação amorosa estava um caos, mas Michael sempre foi um homem de palavra. — Conheço uma pessoa que pode nos ajudar enquanto não conseguimos nada pelas vias legais... Já foi um parto conseguir alguma proteção para Pietro.

— Quem? — Michael desviou o olhar.

— Bom, ele tem uma empresa de segurança.

— Você acha que uma empresa de segurança particular é melhor do que nós? — Michael perguntou com desdém.

— Todos os membros da empresa são ex-militares, ele me ajudou no caso da Ericka quatro anos atrás, recentemente pude retribuir o favor. — Fiquei quieta observando a conversa dos dois, pairou um sentimento de segredo no ar, mais tarde questionaria Michael.

— Suas férias de uma semana não-programadas?

— Bem, sim. — Valentim sorriu. — Conheci pessoas bem interessantes nessa viagem que adorariam nos ajudar.

— A troco de quê?

— Acredite, meu amigo, essas pessoas fazem isso para ajudar as pessoas por pura bondade e porque desejam ver pessoas ruins pagando por seus crimes.

— Justiceiros?

— Não, é uma organização legítima de apoio a vítimas sem fins lucrativos, tem site e tudo mais.

— E o que tudo isso tem a ver com a empresa de segurança?

— Marcel, meu amigo militar, saiu do exército e montou uma empresa de segurança de elite, presta serviço para ricos e figurões na maior parte do tempo. Ele me apresentou essa empresa, Amazonas, uma ONG

humanitária que trabalha no combate à violência contra mulheres e crianças em zonas de guerra.

— Por que acho que tem algo a mais nisso tudo?

— Até onde eu sei, não tem. Eu pesquisei a fundo, dediquei todo meu tempo extra procurando qualquer coisa, e tudo que achei é legítimo, tem apoio da ONU e tudo mais. Entre os membros estão esposas ricas de gente famosa, mulheres que passam seu tempo arrecadando dinheiro para ajudar os mais necessitados.

— Mulheres?

— Só há mulheres no grupo. — Valentim olhou para mim. — Tenho certeza de que poderão ajudar o menino, tanto na parte legal quanto na parte de segurança. Tem uma sede delas aqui no Brasil.

— Nosso país não está em guerra — comentei.

— Não é uma guerra como na Síria, por exemplo, mas infelizmente temos muitos casos no Brasil de crianças desaparecidas, comércio de sexual, violência contra mulher... O feminicídio aumentou e muito, entre muitas outras coisas. As Amazonas estão tentando ajudar o máximo possível onde conseguem.

— Ligue para seu amigo e para esse grupo aí — Michael disse depois de algum tempo pensando. — Se conseguiram entrar com um menino no país, provavelmente devem ter ajuda em aeroportos e afins, provavelmente têm algum dedo dos nossos também.

— Provavelmente. — Valentim se levantou da cadeira.

— Vou levar a Mônica para ver o menino enquanto você vê com seus amigos essa questão. — Michael levantou e esperou que eu me levantasse também. — Estaremos na minha casa, ela precisa descansar, à tarde voltamos aqui para ver como esse grupo pode nos ajudar em nosso caso.

— É um bom plano. — Valentim olhou para mim. — Vamos cuidar de você, mocinha.

— Obrigada.

— Vamos, sim. — Michael deu um beijo na minha testa, o abracei apertado enquanto pedia ajuda aos meus anjinhos protetores.



Capítulo 11



Voltamos para o hospital, por um momento achei que nunca tinha saído dele, o cheiro pungente do ambiente veio de imediato enquanto atravessava seus corredores de um branco sujo por pontos de mofo nas paredes. Senti o cheiro da podridão humana com desinfetante. Michael ia ao meu lado calado, desde que saímos da delegacia ele não falava nada. Eu estava com medo de abrir a boca e ele brigar comigo pela loucura que fiz.

Chegamos à ala onde um dos guardas na porta nos informou que Pietro se recuperava. Havia figuras coloridas de carros, bonecas, estrelas, corações e várias imagens alegres, em uma tentativa de afastar a tristeza de se estar internado em um hospital. Passamos por uma salinha onde mulheres e crianças interagiam com brinquedos e uma televisão no alto da

parede passava algum programa. Caminhamos até o final de um corredor, onde um policial uniformizado sentado em uma cadeira nos cumprimentou.

Vi a pequena figura engolida por lençóis e cobertor, parecia até menor do que lembrava. O soro estava pendurado no suporte e ligado ao pálido menino. Quando entramos, ele abriu os olhos, e por um momento senti a solidão que refletiam. Lembrei de mim mesma deitada em um outro leito de hospital, tão machucada em meu corpo físico quanto na alma. A dor de ter seu corpo violado, sua vontade tomada e seu destino incerto. Um policial, assim como Michael, também estive em meu leito de hospital, começou a fazer perguntas que eu não sabia ou não estava disposta a responder.

Peguei em sua mão e tentei ser forte por ele, mostrar que estava seguro, assim como fizeram por mim.

— Pietro. — Ouvi Michael o chamando. — Preciso saber algumas coisas sobre você, podemos conversar? — O menino olhou em minha direção, esperando que eu falasse alguma coisa.

— O Michael é um homem bom que vai nos proteger dos homens maus, estamos seguros com ele. — Estendi a minha outra mão para o loiro ao meu lado, que a segurou sem hesitar. — Ele é... — Fiz uma pausa

tentando escolher as palavras. — Alguém em quem confio minha vida, além de ser um policial. Você pode falar com ele.

— Senhorita — Pietro falou em italiano. — Os homens maus...

— Não vão mais fazer mal para você, meu amorzinho. — Pietro olhou mais uma vez para Michael e assentiu com a cabeça. — Você pode falar seu nome completo?

— Pietro Rossi Nascimento.

— E o nome do seu papai?

— Giovanni.

— E da sua mamãe?

— Eu não a conheci, papai disse que se chamava Gabrielli, ela virou um anjinho. — Meu Deus, a desgraça acompanhava o menino desde sempre. — Papai disse que ela tinha cabelos cor de céu à noite, como da senhorita. — Sentei na cama ao seu lado. — Um sorriso capaz de deixar qualquer um feliz, igual daquela menina de cabelo de fogo.

— A Tina? — Ele fez que sim com a cabeça. — Gostou do cabelo dela?

— Sim, é bonito. — O menino respirou fundo, os olhos se fecharam por uns instantes. — Parece as pinturas de papai.

— Pietro — Michael falou. — Você sabe onde morava, o nome da cidade?

— *Si*. San Marino.

— E o seu pai, o que ele fazia?

— *Insegnante*.

— Professor — traduzi.

— Em escola? — Pietro balançou a cabeça negando. — Universidade?

— *Si, signore*.

— Pode me chamar de Michael, ou talvez Mic. — Vi seus lábios se curvarem. — Valentina me chama de Mic.

— Mic — testou Pietro.

— Ela é a Momo. — Michael colocou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha. — Mas eu prefiro chamá-la de tigresa, porque ela é feroz, valente, não acha?

— *Si*. — Minhas bochechas deviam estar cor-de-rosa.

— Bonita também, não acha? — Pietro abriu um sorriso hesitante, acabei me descuidando e quase parei no chão ao escorregar da cama. —

Mas é um pouquinho desastrada, ela está parada, você pisca os olhos, e alguma coisa caiu ou então ela mesmo caiu. — Michael me segurou.

— O problema é a gravidade. — Mordi o interior da boca ao bater o joelho na cama tentando me ajeitar. — Ela gosta de me mandar para baixo. — Fiz uma careta cômica, e Pietro deu uma risadinha.

— Pietro, sei que passou por coisas muito ruins, mas vamos cuidar de você. — Michael apontou para a porta. — Ali tem um amigo meu, também policial. Ele não vai sair de perto da porta em momento algum.

— Na verdade. — Uma voz feminina chamou minha atenção. Uma mulher vestida em um terno sob medida, com saltos altos de tiras, cabelo preto com uma trança gladiadora entrou no quarto. — Que tal uma linda moça em vez de um policial feio? — Ela veio até mim e ofereceu a mão. — Eu sou Diana, Valentim me mandou, faço parte das Amazonas.

— Prazer. — Peguei em sua mão por puro reflexo. Os olhos escuros pareciam desnudar minha alma, senti um arrepio nas costas.

— Você deve ser a Mônica. — Fiz que sim com a cabeça. — Michael? — Ela soltou a minha mão e o cumprimentou. — Nesse momento, a minha equipe está conversando com os médicos do menino. Devido à natureza de sua vinda ao Brasil, será melhor levá-lo a algum lugar

onde podemos protegê-lo melhor. Esse hospital é um pesadelo na segurança, talvez seria melhor conversarmos lá fora?

— Sim, é melhor.

A mulher abriu o paletó e tirou um ursinho pequeno de lá.

— Minha filha tem uma coleção desses, pedi a um deles para te fazer companhia enquanto estiver machucado. — Pietro olhou primeiro para mim e só pegou a pelúcia quando concordei.

— Já volto, princesa. — Michael me deu um beijo na testa e bagunçou o cabelo de Pietro.

Fui até a cadeira perto da cama e me sentei ao lado do menino. Pietro bocejou e seus olhinhos começaram a se fechar; comecei a cantar uma velha canção de ninar enquanto acariciava seus cabelos.

Como seria a vida daquele menino dali para frente?

Será que iriam me mandar para uma cidadezinha no meio do nada, teria de mudar meu nome, algo como Stephanie ou Brianda, e teria de trabalhar em um café? Só de me imaginar em um café, consigo saber que gastaria todo meu salário pagando os copos que quebraria.

Pietro se mexeu na cama quando meu celular tocou. Peguei o aparelho de dentro da blusa, no visor apareceu um número desconhecido.

— Alô.

— Monicota! — Tirei o celular da orelha ao ouvir o grito do outro lado. — Onde você está, sua bruaca? Não acredito que foi embora sem se despedir.

Cacete, e agora?

— Desculpa, Raphi, meu... hum... — Olhei em direção da cama tentando pensar rápido. — Meu rolo, sabe o Michael, então... ele veio me buscar, estava muito tarde, precisou sair no horário de jantar e foi me buscar.

— Sua safada, me diga que deu uma rapidinha com ele antes de o boy voltar ao trabalho. — Ouvi a risada estridente do outro lado.

— Mais ou menos, foi uma loucura. — Uma meia-verdade.

— Me conta tudo depois, agora preciso saber onde você está. — Sinos de advertência soaram em meus ouvidos. — Aconteceu algo na festa. Um roubo, menina, a casa está cheia de policiais.

— Não acredito! O que foi roubado? — Tentei usar o meu melhor tom de surpresa.

— Um dos colares de diamante. Ah, menina! A polícia quer falar com todo mundo que esteve na festa.

— Tudo bem. Sabe me dizer em qual delegacia eu tenho que ir? Mic pode me levar...

— Não precisa, estou em frente à sua casa.

— Estou no Mic, ele trabalhou a noite inteira na delegacia...

— Delegacia?

— Sim, ele é policial, não te contei? — Dei uma risadinha.

— Não. — A voz dele diminuiu um tom.

— Me diga em qual delegacia preciso ir. De qualquer forma, não vi nada de mais. Depois que acabou o leilão, me troquei e fui embora, quase me estabaquei na entrada e ainda tive que ouvir uma gracinha do segurança na porta.

— Uma vez desastrada, sempre desastrada, né, Monicota?

— Eu não tive culpa, o chão me ama. — Dei de ombros, mesmo que ele não pudesse me ver.

— Não precisa ir até uma delegacia, os policiais vão nos entrevistar na agência, imagine eu em uma delegacia, para, né, fofa?

— Certo.

— Se ainda fosse uma daquelas delegacias com policiais gostosos de séries americanas.

— Pode deixar, estarei aí mais tarde.

Uma pinoia, completei em pensamento assim que desliguei o telefone.

Deve ter passado uma hora desde a saída de Michael e Diana, uma enfermeira veio verificar os sinais vitais e dar medicação no soro. Fiz um monte de perguntas sobre a cirurgia. Ele fez algo chamado laparotomia, havia um corte considerável na barriguinha magrinha dele, vi quando ela foi verificar. Ficaria no hospital um período pequeno se tudo desse certo.

Questionei a falta de nutrição e ela me disse que tudo dependeria dos exames, eles iriam indicar o tanto de tempo no hospital. O médico receitou vitaminas, e uma nutricionista montaria um cardápio. Eu me sentia mais aliviada, foi como se um peso saísse de dentro de mim.

Um cansaço se abateu em mim. Fechei os olhos e repousei a cabeça em cima dos meus braços cruzados na cama ao lado.

— Mônica. — Dei um pulo na cadeira ao sentir uma mão em meu ombro. — Vamos embora. — Olhei ao redor, e por meio segundo não sabia onde me encontrava. Encarei Michael sem o ver realmente. Minha cabeça latejava, sentia um gosto estranho na boca. — Tudo bem, Tigresa?

— O menino...

— Diana vai ajudar, no momento está trabalhando em uma remoção para um lugar mais seguro.

— Ele acabou de sair de uma cirurgia — sussurrei, não querendo acordá-lo.

— Sabemos, por isso é mais complicado. — Ele ergueu a mão e colocou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha, deitei meu rosto e senti seus dedos me acariciando. — Vai ficar tudo bem.

— Eu sei. — Confiava minha vida a ele. — Raffaeli me ligou.

— O que ele disse? — Contei a ele a estranha conversa pelo telefone. — Esse não é o procedimento da polícia, interrogamos no local e depois na delegacia, quem ele pensa que você é? Alguma garota burra?

O elogio caiu como um bálsamo na minha alma.

— Então por que ele me quer na agência?

— Não sei, mas você fica comigo. — Balancei a cabeça afirmativamente. — Me dê seu celular. — Entreguei o aparelho e o vi retirando o chip. — A partir de agora você precisará seguir as minhas diretrizes ao pé da letra.

— Ok! — A seriedade em seu olhar me fez engolir em seco.

— Diana vai te levar a um lugar seguro...

— E você?

— Preciso arrumar suprimentos, não sei quanto tempo teremos que te manter segura...

— Vou poder escolher meu novo nome e para onde vão me levar?

— Senti os olhos ardendo, pisquei várias vezes.

— Mônica, você assiste a muitos filmes. — Michael deu um meio sorriso. — Só vou te colocar em um lugar seguro até eu estar cem por cento certo de que não tem nenhum problema.

— Tá bom. — Desviei os olhos dele.

— Vamos ser hóspedes na casa de Tim, na segunda casa dele.

— Segunda?

— Ele mora com Ericka em uma grande mansão nos Jardins, e esse imóvel para onde vamos é dele e do irmão, Nando, que trabalha no corpo da paz e deve estar no momento em algum lugar devastado por guerras no Oriente Médio.

— Você tem amigos interessantes. — Eu me segurei para não fazer um monte de perguntas, não era o momento certo.

— Tim tem uma vida interessante, eu só sou um policial civil.

— E eu uma contabilista. — Olhei o menino dormindo. — E acabamos envolvidos em um sequestro, tráfico de pessoas e de diamantes. Agora vou precisar mudar de nome e morar em uma cidadezinha com nome engraçado nos confins do mundo.

— Não se preocupe. — Os dedos de Michael tocaram meu queixo e o ergueu. — Vamos fritar hambúrguer juntos, você será a Thelma, e eu, o Louis.

— Você acaba de nos comparar a duas fora da lei de um filme americano?

— Você vive fazendo essas comparações. — Ele me deu um selinho. — Estou sendo influenciado por você, mocinha, de uma maneira muito boa.

Aquele homem sabia como conquistar uma garota. Aos poucos ia entrando e me devastando, me fazendo acreditar que era possível ter um final feliz, mas Bruno também fez com que eu me sentisse assim no começo. *Será que estou errada novamente? Não sei se vou conseguir sobreviver desta vez.* Quantas quedas uma pessoa suportaria na vida? Não queria ser uma fênix, não queria me consumir e me erguer. Não sabia se seria tão forte.

— Preciso avisar minha família, vão ficar preocupados. — Tentei focar no problema do momento e deixar de lado os sentimentos que nasciam.

— Mocinha, calma. Hoje é sexta, a gente diz que vai passar um final de semana só nós dois. Enquanto isso as investigações estão correndo. — Michael olhou Pietro. — Diana me prometeu cuidar desse mocinho aqui, e quando ele tiver alta, vamos colocá-lo em custódia protetiva até verificar as coisas com a embaixada da Itália.

— Mas...

— Você vai comer e tirar uma soneca, mais tarde vamos ver como você pode nos ajudar com informações do Rafaelli e da sua empresa de modelos.

Respirei fundo e passei a mão pelos cabelos, não havia muito o que fazer, precisava seguir suas ordens. Fui até a cama e dei um beijo na testa de Pietro, algo dentro de mim vacilou, vendo o menino pequeno no meio da cama grande, com lençóis branco. Uma vontade de ficar começou a crescer dentro de mim.

— Não se preocupe, vai dar tudo certo. — Só balancei a cabeça afirmativamente; dar as costas foi mais difícil do que imaginei.



Capítulo 12



— Mônica. — Uma voz masculina me chamava, com uma certa urgência. Precisava correr, por mais que não gostasse disso, precisava fugir, minha vida dependia disso, não só a minha, a de mais alguém, de um garotinho de cabelos bagunçados. — Mônica!

Abri os olhos e vi o rosto de Michael. Coloquei a mão em seu rosto de queixo quadrado, uma gota de água escorreu até tocar em meu dedo; minha mente confusa tentou entender o que ele estava fazendo ali, a respiração saía com dificuldade. Tentei controlá-la.

— Oi — sussurrei, olhando ao meu redor. A cama embaixo de mim fez um barulho quando Michael sentou, e foi como se tudo tivesse voltado.

Cheguei ontem na casa de Tim, consegui ouvir o barulho de crianças gritando do lado de fora, as sombras dançando na parede diziam que já era

tarde, talvez umas seis horas, pois o quarto não estava totalmente escuro.

Chegamos ali um pouco depois de meio-dia, Diana e outra mulher me levaram do hospital a esse lugar. Comi um marmitex comprado no caminho, tomei um banho e deitei em um dos quartos. Ao deitar a cabeça no travesseiro, peguei no sono depois de algum tempo, o cansaço venceu a mente tumultuada de pensamentos.

— Você teve um pesadelo?

— Eu não sei. — Respirei fundo.

— Escutei você gritar, então saí do banheiro correndo. — Olhei bem, Michael só vestia uma toalha enrolada em sua cintura.

— Não me lembro sobre o que era o sonho, só que precisava correr.

— É seguro aqui. — Balancei a cabeça concordando. — Trouxe algumas coisas suas. — Apontou as duas malas perto da porta.

— Quantos dias vou ficar aqui?

— Uma é sua e a outra é minha. Apesar que gostei do que está vestindo. — Puxei o lençol escondendo meu corpo. Depois de tomar banho não encontrei nada o que vestir, então dormi nua.

— Gostou, é?

— Sim, você deveria desfilar para mim usando um lençol preto de seda, combina com sua pele rosada.

— O que você vê em mim? — Apertei o lençol contra o corpo, não sei de onde veio aquela pergunta.

— Quer saber o que acho de você como pessoa ou do seu corpo?

— Hum... Esquece, é bobagem...

— Gosto do seu corpo, das curvas generosas, do sorriso grande, da maneira como fica corada quando bate aquela vergonha e talvez... — Ele puxou o lençol das minhas mãos. — Um pouco insegura? — Deixei que Michael me desnudasse. — Gosto dos seios grandes, das coxas, de sua bocetinha rosada. — Agarrei o lençol do colchão. — Te acho linda com toda aquela maquiagem e sem ela também, com as unhas coloridas, e em uma calça jeans com a bunda arrebitada. — Michael se moveu mais rápido do que eu esperava, quando vi estava em cima de mim. Voltei a deitar na cama. — Gosto de várias partes do seu corpo e de todo o conjunto.

— Mas eu não sou...

— Não termina essa frase, Tigresa, você é uma linda mulher à sua maneira.

— Eu poderia perder alguns quilos, não acha?

— Depende. — Michael deu um beijo em meu ombro.

— Do quê?

— Você quer perder peso? Você acha que deve perder peso por causa de mim?

— Ah, bem...

— Mônica, acredito que todo mundo deva ter uma alimentação saudável, fazer exercícios, não por causa de uma noção de estética imposta por pessoas que não têm o que fazer da vida. Se pensa que eu vou te achar menos gostosa porque seu IMC está acima do normal, pode esquecer. — Ele começou a fazer uma trilha com os beijos, descendo cada vez mais.

— Mic... — gemi seu nome.

— Oi, Tigresa.

— Me sinto bonita quando me olha dessa maneira.

— Como eu te olho?

— Como se eu fosse um grande doce.

— E quem disse que você não é? — Ele parou de me beijar e tirou o lençol que nos separava. Admirou o meu corpo demoradamente, a necessidade de me cobrir não veio, realmente podia sentir o quanto ele

gostava do que via. O volume crescendo embaixo daquela toalha era a prova. — Meu docinho.

Nós fizemos sexo, mas não foi como das outras vezes, não formos consumidos pela urgência da paixão. Michael levou todo o tempo do mundo, beijando todos os lugares que gostava em mim, enquanto isso ia descrevendo os motivos; tentei ver com ele me via.

Michael me colocou sentada no seu colo, frente a frente, naquele momento sentia uma conexão única, enquanto cavalgava em busca do nosso prazer, olhando um nos olhos do outro; via a Tigresa, aquela mulher livre nas profundezas escuras. Aos poucos, as palavras gentis iam se tornando mais quentes, me excitando.

Às vezes surgem aquelas inseguranças de tanto ouvirmos as pessoas falarem coisas sobre nós, as dicas mascaradas por puro preconceito. Na maioria das vezes, eu não ligava, mas tinha aqueles dias que a vulnerabilidade se sobressaía à nossa coragem. Eu me sentia fora do meu próprio corpo, da minha vida.

O medo voltou a querer ser meu amigo, o controle sobre o curso da minha vida estava sendo tomado de mim outra vez. Isso me assustava, não poder tomar minhas próprias decisões.

Deixei Michael dormindo e fui procurar algo para comer depois de me trocar e colocar minhas roupas, não sabia quem poderia estar pela casa. Não sei se ele teve tempo de se alimentar naquele dia doido que tivemos. Na parte de cima da casa descobrimos dois quartos, ambos suítes. No andar de baixo, uma sala ampla com sofás e uma televisão ocupando uma boa parte da parede, a janela dava para a garagem, e no outro canto vi livros em prateleira, a maioria de direito, alguns romances policiais, terror e poucos de fantasia.

Encontrei fotos de Tim e de seu irmão gêmeo. Dava para saber quem era o parceiro de Michael pelo fato de um sorrir abertamente e o outro ser mais contido. Fui à cozinha e abri a geladeira abarrotada de comida, peguei um pouco de tudo e comecei a preparar o jantar.

Lembrei de Pietro no hospital. Será que já tinha acordado, se alimentado, haveria alguém com ele ou foi deixado somente com o ursinho?

— Não sei o que está fazendo, mas vai queimar — uma voz disse atrás de mim. Dei um berro.

— Quer me matar de susto? — perguntei para Tim, levei a mão ao coração descompassado enquanto ele desligava o fogo da frigideira.

— Desculpa, chamei por vocês da porta.

— Não ouvi. — Voltei para a tábua onde cortava os tomates.

— Encontrou tudo que precisava aqui em casa?

— Sim. — Ele carregava uma grossa pasta em uma das mãos. —
Você tem uma casa bem legal.

— Foi meu lar por um bom tempo. — Tim observou o local. —
Agora fica a maior parte do tempo fechada.

— Por que não aluga?

— Não, não gosto de pessoas estranhas aqui.

— Mas você me deixou ficar.

— Você não é estranha, já ouvi tanto sobre a senhorita nos últimos
quatro anos, que já sinto como se fôssemos amigos íntimos.

— Michael fala de mim? — Arregalei os olhos.

— O tempo todo, você é o assunto preferido dele, e agora que é
modelo, não nos deixa em paz na delegacia. — Tim fez uma careta, não de
desagrado, dava para perceber a dramatização. — Fico feliz que estão se
acertando finalmente e que você literalmente deu um pé no tal do Eduardo.

— Não foi bem um pé.

— Um joelho, enfim — Tim puxou uma cadeira e se sentou. — Desde que você e Michael estão saindo exclusivamente, ele tem andado de muito bom humor.

— Você deve ter um conceito bem, digamos, diferente de mim, não é?

— O conceito de que você é uma mulher adulta, que toma conta de si e não deve satisfação para ninguém? — Eu o encarei, não esperava essa resposta. As pessoas não encaravam muito bem uma mulher que tem vários... assim... mais de um homem em sua vida.

— Muitos diriam...

— Muitas pessoas são mal-amadas e projetam sua amargura nos outros, Mônica. O que me importa é você fazer meu amigo feliz. Desde o princípio você deixou as coisas claras, Michael aceitou as regras do jogo, então não tenho nada o que falar.

— Ok. — Ouvimos um barulho no andar de cima. — Michael deve ter acordado.

— Também com esse cheiro maravilhoso de comida, quem não iria acordar. — Tim sorriu. — Trouxe um celular para você, é criptografado. — Ele abriu a pasta e tirou um aparelho de dentro. — Aconselho a só usar o Telegram para mensagens de texto, a segurança deles é melhor do que da

concorrência. Se precisar falar com alguém ou se for muito urgente, não será rastreável.

— Já avisei minha família que ficaria fora o final de semana inteiro.

— Michael me disse que você gostaria de falar com sua amiga e me pediu isso. — *Ele pensou até nisso?* — Já trabalhei algumas vezes disfarçado, e ficar sem falar com quem mais amamos é a parte mais difícil.

— Obrigada. — Peguei o aparelho na mão.

— Ei, Tim. — Michael entrou naquele momento da cozinha, e eu fui até ele e o abracei. — Ei, Tigresa.

— Obrigada. — Não sabia mais o que falar, um bolo se encontrava na minha garganta. Ele me abraçou de volta e ficamos ali por alguns segundos. — Fiz a janta.

— *Tá* um cheiro muito bom, estou morrendo de fome. — Eu me separei dele e voltei para a pia. Enquanto terminava a salada, consegui colocar minhas emoções de volta no lugar. — Trouxe o caso?

— Sim, mas antes de começar, preciso dizer que o menino virá para cá amanhã.

— Por quê? — Michael perguntou, eu o senti olhando por cima do meu ombro. — Precisa de ajuda?

— Não, vou só fritar mais uma omelete para o Tim...

— Não precisa, se eu chegar em casa depois dessas vinte e quatro horas de trabalho e não jantar com a patroa, vou dormir na casinha do cachorro.

— A mulher da foto? — perguntei, colocando os pratos na mesa. — Já vi foto dela, mas não liguei os fatos, disse que era uma CEO, não é?

— Se passar em uma banca de jornal e comprar uma revista de economia e finanças vai vê-la. Minha doçura sempre está revolucionando a maneira de fazer negócios. — Notei o orgulho em sua voz, mas a seriedade voltou. — Uma enfermeira do hospital atentou contra a vida do pequenino, felizmente a equipe de Diana não deixou a mulher nem chegar perto.

— Como assim? — Michael sentou em uma cadeira e me puxou ao seu colo.

— Ia administrar o remédio com cloreto de sódio em vez de água.

— Filha da puta. — Michael me segurou no local.

— Nós já a temos em custódia, mas não fala nada, só chora.

— Ela ia matar uma criança! — A minha voz expressava toda a minha indignação.

— Nunca vamos entender o porquê de um humano matar outro, seja uma criança ou adulto. — Tim balançou a cabeça em negativa. — Pietro ficará essa noite no hospital devido à cirurgia. É mais fácil proteger vocês aqui.

— Sim — Michael concordou.

— Mônica, trouxe algumas fotos de pessoas que nossa inteligência identificou como parte desse bando, gostaria de saber se conhece alguma delas.

— Por que conheceria?

— Você conhecia o Bruno. — Encarei Michael por cima do ombro. — Lembra de como nos conhecemos? Eu o estava investigando.

— Sim. Acho que nunca te perguntei o motivo.

— Bruno estava sendo investigado por contrabando. Como fotógrafo, ele saía muitas vezes do país. — Michael cortou um pedaço da omelete e ofereceu a mim antes de voltar a falar. — Começamos por ele, mas o cara simplesmente sumiu do mapa depois da ordem de restrição.

— Acreditamos que a exposição dele por você irritou os chefes e por isso o tiraram de cena. — Tim continuou. — A Itália serviu como sua

casa e permaneceu lá todos aqueles anos, não sabemos o motivo de ter voltado ao Brasil.

— Temos alguns rostos sem nomes, talvez possa nos ajudar. — Concordei com a cabeça. — Mas primeiro coma, mocinha.

— Sim, senhor. — Peguei o garfo e comecei a mexer no prato.

— Precisa comer. — Eu me acomodei melhor no colo de Michael.

— Não consigo. Posso ver essas fotos logo? — pedi a Tim.

— Muito bem. — Ele tirou várias fotografias da pasta. Michael ofereceu uma garfada para mim, abri a boca e comi, olhando a mulher da primeira imagem. — Essa é Dulce, a fotógrafa.

Passei a meia hora seguinte identificando todas as pessoas com quem entrei em contato não só dessa vez, como da primeira, muitos anos atrás. Precisei me esforçar muito, buscar na memória; no final, identifiquei cinco pessoas.



Capítulo 13



Vi Michael fechando a porta da frente depois que Tim saiu. Minha cabeça latejava, e fiquei imaginando se ele pensou em trazer alguma dipirona ou Dorflex.

— Você precisa descansar. — Bati a mão no lugar ao meu lado, estava há um bom tempo acordado.

— Nós precisamos. — Ele sentou e entrelaçou os dedos nos meus. — O que se passa nessa cabecinha?

— É tudo um pouco louco. Isso tudo podia acabar logo para voltarmos ao nosso cotidiano, uma vida bem chata, por favor.

— Com você nada é chato, Tigresa. — Michael me deu um beijo na testa. — Você torna divertido assistir um filme, começa a brigar com os

personagens, trazendo uma experiência totalmente diferente.

— Essa é sua maneira de falar que não calo a boca quando assistimos alguma coisa? — eu o provoquei.

A imagem de um homem na televisão chamou minha atenção, Luca Albiero falava com alguns repórteres na frente da delegacia.

— É o dono da linha de joias.

— Sim. — Michael encarou a TV. — De alguma maneira, a notícia sobre contrabando de joias caiu no colo de jornalistas, e ter uma pessoa tão importante no meio da história traz uma visibilidade não muito desejada.

— Meu nome vai aparecer?

— Não. Você e Pietro estão sob sigilo, a imprensa só sabe que há algo errado com o Albiero e a importação de joias.

Suspirei, aliviada.

— Ele está envolvido em tudo isso?

— Não sei ao certo. Nesse primeiro momento, apesar do exército de advogados, estão cooperando.

— Um bom sinal?

— Quem tem algo a esconder geralmente dificulta nosso trabalho.

— Ficamos escutando a notícia, Michael me abraçou, e encostei a cabeça em seu peito. Esses momentos só nossos faziam com que eu me sentisse segura, querida e amada.

Quando a mulher da previsão do tempo apareceu, Michael voltou a falar.

— Tem algum problema do Pietro ficar aqui?

— Não, imagina, só que... bem... não sei nada sobre curativos e essas coisas, e meio que desmaio ao ver sangue.

— Nos primeiros dias uma enfermeira vai ficar com a gente. A cirurgia ainda é muito recente, acredito que ele não veio hoje para cá por causa disso.

— Quem é a enfermeira?

— Alguém da ONG.

— Diana é uma mulher interessante.

— Sim, conversei bastante com ela, e foi como se estivesse falando com meu antigo capitão do exército. A mulher falava de estratégia com muita propriedade, antecipando todas as minhas perguntas.

— Ela é bastante inteligente, pelo pouco que conversamos. — Não consegui segurar o bocejo, o sono rápido da tarde não foi suficiente.

— Vamos subir? — Balancei a cabeça afirmativamente. Michael conferiu a porta e ligou o sistema de alarme, desligamos a TV e as luzes e subimos as escadas em direção ao quarto. — Vamos aguardar as cenas do próximo capítulo. — Michael me puxou para seus braços. — Eu posso cuidar dos ferimentos do garotinho, e vamos lidando com as coisas enquanto forem acontecendo, ok?

— Vou manter minha ansiedade sob controle.

Ou pelo menos tentar, pensei comigo.

Acordamos tarde naquela manhã de sábado, tomamos café e arrumamos a cozinha juntos; em um determinado momento, Michael conversamos amenidades quando parei com um prato na mão e encarei aquele cenário. Podia me ver dali a alguns anos, nós dois fazendo essa mesma coisa; a imagem veio de repente em minha mente, esperei os

sentimentos de aversão ou qualquer coisa parecida surgirem, mas a calma e o contentamento foram as minhas únicas campainhas.

— Não tem mesmo problema mandar mensagem para a Chay? — perguntei ao estender o pano no encosto da cadeira.

— Não diga onde estamos e use o Telegram, assim teremos menos problema de rastreabilidade. Todo cuidado é pouco.

Concordei com a cabeça e fui até a mesa onde o aparelho ficou desde a noite anterior.

Oi.

A resposta da mensagem não tardou a vir.

Quem é você, criatura? E o que quer?

Sou o seu anjinho preferido.

Primo do Lúcifer?

Não tenho culpa se meu irmão foi para o lado errado.

**Doida, como você está? O go-go está cuidando bem de você? E o
coroinha do Papa?**

Ri com gosto. Ler aquela mensagem e entender o significado era um outro nível.

Estou bem, acho. Um pouco confusa com tudo e sem saber o que vai ser do futuro. O go-go é um herói digno de livro de época, só falta o cavalo branco. O coroinha vem para cá hoje.

Mandei um áudio explicando tudo que podia falar.

**Quim escutou o áudio, ele disse que vai cuidar de tudo no
serviço.**

Agradeça a ele, espero que tudo se resolva antes.

Mas fale mais sobre você, abra seu coraçãozinho.

Como sabemos que estamos amando alguém?

Enviei a pergunta e fiquei olhando o aparelho. Já me relacionei com algumas pessoas, mas fico na dúvida se com cada uma delas era amor de verdade.

Pergunta difícil, hein?! Não sei dizer ao certo. Amo viver com Quim, nossas discussões bobas, dividir as pequenas coisinhas da vida, ficar fazendo vários nada. Como ele cuida de mim e eu dele, não sei, são tantas coisas ao mesmo tempo.

São as pequenas coisas, não é isso? Como ele esconde chocolate ou faz as crianças ficarem quietas para você dormir mais no final de semana, as pequenas coisas, não?

Sim.

Pedir um celular para falar com a melhor amiga e não pirar.

Ah, sim!

Trazer seu Kindle que estava ao lado da cama.

Também.

E se eu estiver errada novamente?

E se você acertar? E se o go-go for o seu feliz para sempre? E se ele não for? Você nunca vai saber se não se jogar. O medo pode ser bom, te mantém no chão, mas pode ser ruim te prendendo e impedindo de conhecer algo bom.

Eu não sei.

Ele é um bom homem, gosto de quem você é com ele e sem ele. Não te conheci antes, no tempo do hambúrguer, mas sei que você é um mulherão da porra. Olha como cresceu, fez faculdade, tem sua casa, um emprego, é dona de si. Se não for amor, se não der certo com o go-go, beleza, bola para frente, que a fila é grande e a catraca gira.

Ah, Chay...

Usa esse tempo com ele para ver como fica.

Tenho medo de perder o controle de mim mesma, de voltar aos velhos hábitos.

Dê tempo ao tempo, anjinho. Aproveita essas “férias” para descobrir mais sobre ele e sobre vocês dois juntos.

Às vezes acho que vou ficar sozinha.

Qual é o problema nisso? Você é meio atrapalhadinha, mas uma ótima pessoa. Tenha medo de ser infeliz, não de ficar sozinha.

Vou tentar.

Viva o presente plenamente.

Obrigada, precisava conversar um pouco.

Eu estou aqui para você.

Sim, senhora. Te amo.

Eu também.

Fiquei olhando o celular desligado por um tempo. Sabe quando sua mente parece ter saído para passear, te deixando aérea?

Michael entrou na cozinha, indo em direção à geladeira. O corpo se curvou, ele pegou ovos e me encarou.

— Que tal uma omelete para nosso almoço-café? — Acordamos tarde naquele dia, o relógio marcava onze e meia.

— Pode ser.

Michael é um homem bom, o tipo de cara legal e meio raro de se achar por aí. Não roncava ou tinha chulé, lia livros, tinha um emprego, casa e se formou, trata bem os amigos, cozinha...

— Pensa rápido. — Uma embalagem prateada voou em minha direção, e, por reflexo, eu a peguei. — Alguém me deu a dica de sempre ter isso por perto.

— A Chay?

— Não, o Quim. Temos conversado um pouco. — Parecia um pouco hesitante.

— Certo.

— Sou naturalmente um investigador. Por isso me dou tão bem no meu trabalho, gosto de quebra-cabeças e...

— Você está protelando, o que você fez, Michael?

— Me desculpe, mas investiguei você. — Esperei vir a raiva, aquela sensação quente me invadindo ou o ultraje por ter a minha vida invadida, mas não fazia nem vinte e quatro horas que aquele homem esteve dentro de mim, então o esperei continuar antes de gritar. — Depois daquele dia na delegacia, Quim e eu trocamos mensagens constantemente, precisava entender o quadro todo, a sua história com o Eduardo, para ver se eu tinha alguma chance. Realmente gosto de você, Mônica, como há muito tempo não gostava de ninguém.

Abri a boca para falar, mas fechei em seguida.

— Vou voltar do começo. — Ele sentou na minha frente. — Há cinco anos, Tim e eu começamos a investigação sobre uma quadrilha que traficava diamantes vindos pelo porto de Santos. Esse trabalho nos levou até o Bruno, então dissecamos a vida dele.

— Isso te trouxe a mim?

— Sim. — Michael colocou a mão no bolso e puxou a carteira e a abriu, de dentro tirou uma foto e a ofereceu a mim. — Ao seu boletim de ocorrência o denunciando por violência doméstica. — Eu me vi numa versão mais jovem, com um olho roxo, a expressão triste. Parecia outra pessoa, na verdade era, não é? — Sabe, na época eu pensei: que mulher foda.

— Foda? Eu?

— Sim. Precisa ser muito corajosa e valente para sair de uma situação de merda e ainda reconstruir a vida do zero novamente e se transformar nessa mulher valente que é hoje.

— É isso que você pensa de mim?

— Naquela época, sim. — Seus lábios se curvaram em um meio sorriso. — Até você me chamar de go-go boy, aí me senti ofendido.

— Olha, já pedi desculpas por isso.

— Sim, mas vou te lembrar disso o resto da vida. — Rimos. — O caso foi engavetado com a morte do Bruno, não encontramos mais pistas a seguir. Pensei que nunca mais iria te ver, até aquele dia no metrô.

— O casamento.

— Sim. Eu conheci uma outra mulher, não a vítima de violência doméstica. — Apontou para a foto. — Não a mulher assustada que tinha sido sequestrada. A garota com a risada engraçada, dançando uma música dos anos noventa; conversamos muito naquela noite e terminamos de maneira bem interessante.

— Sim. — Abanei o rosto, lembrando da nossa rapidinha na sacristia.

— Assim começamos nosso rolo e terminamos aqui. Vamos lá, eu precisava de uma ajuda, então comecei a conversar com Quim, mas o sacana só me disse para sempre manter chocolate por perto. — Ele deu de ombros. — Agora falamos de futebol, dos filhos dele, de carros, até marcamos de ir à feira de automóveis.

— Você gosta de carros?

— Sim, ainda mais os antigos.

— Espera, você perguntou de mim para Quim porque estava desconfiado de alguma coisa?

— Não. Bem... é que... bom, tudo bem. — Seu rosto se tingiu de vermelho. — Confesso, me senti um pouco inseguro, afinal você e o Eduardo têm uma história, são padrinhos dos gêmeos e bem...

— Ele é um babaca egocêntrico que me fez duvidar de mim mesma, que tem uma namorada boboca sem sensibilidade — apontei. — Olha para você, veio correndo me ajudar, está enfurnado em uma casa protegendo a mim e a uma criança, e não me venha dizer que isso é só o seu trabalho.

— Não, é por você. Estou aqui para te proteger, o menino é só o meu trabalho, é algo que se eu fosse o agente do caso trabalharia com afinco, mas quando acabasse meu turno, iria para casa fazer as minhas coisas. Não consigo fazer isso com você.

— Se eu for para proteção à testemunha, você iria comigo?

— Sim.

— Mas você nem pensou.

— Não preciso pensar, eu te amo, Tigresa. Mas não vamos te alocar em uma lanchonete, você vai quebrar todos os copos.

Levantei da cadeira e praticamente me joguei no seu colo. Pensei nas pequenas coisas, o cuidado dele comigo, meu Kindle, que ele trouxe, o chocolate, a conversa com Quim sobre mim, como se fosse um adolescente, e tudo mais.

— Me pergunta de novo. — Michael olhou para mim sem entender.

— A pergunta que fez no restaurante.

— Mônica. — Depois de uns segundos, vi a compreensão em seus olhos. — Quer namorar comigo?

— Sim — respondi em um fio de voz enquanto balançava a cabeça afirmativamente. — Quero te conhecer melhor, sua família, seus amigos, quero te conquistar assim como você me conquistou.

— Você já me conquistou, Tigresa, sou todo seu.

— Não prometo ser fácil, talvez eu surte com coisinha pequenas e...

— Posso aguentar, quando te pedi em namoro, sabia do seu passado, sei que tem muitas questões para resolver. Estou aqui por você.

Eu o envolvi em meus braços e senti dentro de mim algo se encaixando. Dei um passo importante ali. Finalmente depois de anos estava verdadeiramente confiando em outra pessoa. As lágrimas começaram a rolar pelo meu rosto quando deitei a cabeça no ombro dele. A mulher fodona pintada por Michael há pouco realmente se encontrava dentro de mim, podia senti-la abrindo as portas do meu ser. *Eu não sou vazia.*

— Você é tão bom. — Suspirei.

— Eu também tenho os meus defeitos, Tigresa.

— Quais? — Eu me afastei dele, vi sua imagem embaçada. — Não tem chulé, não ronca. — Quis desanuviar o ar.

— Eu uso Baruel, Mônica, por isso não tenho chulé. — Ri da carinha engraçada que fez. — Vamos com calma, o namoro é para nos conhecermos melhor. — Concordei com a cabeça. — Muito bem, namorada, vamos comer alguma coisa.

— Certo, namorado.

— Olha. — Levantei do seu colo. — Essa é a última vez que vai me ouvir chamando-a de namorada dessa maneira, é meio...

— Idiota? — concordou. — Que bom, porque prefiro Tigresa.

— Ufa.

Senti a leveza do momento. Como se a última amarra colocada por Bruno tivesse caído. Lembro de uma vez ele ter me dito que eu não era nada sem ele.

Então, babaca, seja em que buraco do inferno você estiver nesse momento, espero que veja como finalmente conquistei tudo de volta: família, amigos, uma casa, emprego, a faculdade dos meus sonhos, um amor e, o mais importante, o meu futuro. Eu decido como será de agora para frente.



Capítulo 14



Algum tempo depois, a campainha tocou, ainda estávamos na cozinha comendo. Michael pediu para ficar onde estava enquanto checava os monitores das câmeras do lado de fora. E só abriu o portão quando ficou satisfeito. O circuito interno pegava não somente a frente da casa como a rua inteira. O alarme foi desativado e momentos depois escutei vozes.

Você não imaginava a fortaleza que o lugar era quando olhava de fora; a última casa de uma vila, em um dos bairros mais tradicionais de São Paulo. Sim, com grades em todas as janelas e portões altos, como em qualquer casa na capital paulista. Cerca eletrificada, travas eletrônicas nas janelas, alarme silencioso ligado com a polícia.

Vi Michael abrir a porta da sala e por ela passar Tim com um garotinho no colo. Pietro parecia ainda menor e mais frágil no colo do

grande policial. Sua mãozinha agarrava com força a camisa do homem, os olhos vasculhando todos os lugares, esperando que algo ruim pudesse acontecer.

— Ei, carinha. — Michael o cumprimentou. — Como vai?

— Olá, senhor — disse em um sussurro com forte sotaque, então me aproximei deles para ouvi-lo melhor. — Senhorita. — Um começo de sorriso nasceu naqueles lábios rachados.

— Oi, meu amorzinho. — Tim caminhou até o sofá e deixou o menino deitado. — Você dormiu bem? Está com fome? — Ele apenas balançou a cabeça e tentou se acomodar melhor, o rosto adquiriu uma expressão de dor.

— Ele conseguiu tomar meio copo de suco de amora de manhã. — Uma mulher alta, negra, vestida de branco entrou na casa; assim como Pietro, havia um sotaque em suas palavras.

— Essa é Themis, a enfermeira mandada pela ONG — Tim informou. — Não precisa se preocupar com nada referente a saúde do menino. — Um alívio percorreu o meu ser ao saber que não teria de trocar curativos, seria assustador demais.

— Temos um serviço de *home care*^[12] e um médico de plantão caso seja necessário. Devido à situação, achamos melhor restringir o máximo possível o número de pessoas com acesso a vocês — Diana avisou logo que entrou na sala. — Pê, você esqueceu isso aqui no carro.

O menino esticou a mão para a pelúcia mostrada.

— Onde meu paciente vai dormir? — Themis perguntou. — Queria montar todas as coisas. — Ela apontou a grande mala preta deixada na beirada da porta.

— Lá em cima. — Tim apontou o teto. — Deixa que eu te mostro tudo. Quer conhecer a casa também, Pê? — Ao que parecia, o menino ganhou um apelido também. Ele se virou em minha direção, como se pedisse a minha permissão; meus lábios se curvaram em um grande e falso sorriso, tentava transmitir confiança e segurança.

Os três subiram as escadas em silêncio.

— Podem confiar em Themis — Diana falou. — É uma das minhas meninas, tem treinamento de enfermagem.

— É militar também... — Michael se voltou para ela. — Assim como você?

— Sim — confirmou Diana. — Quero te deixar a par do que descobrimos com nossos amigos italianos. — Ela sentou em uma das poltronas, a aura de poder daquela mulher me fazia questionar de onde saiu. Parecia uma socialite, como essas que vemos em revistas de casa e cozinha, mas ao mesmo tempo se dizia militar; sua aparência era de uma modelo saída das passarelas de Milão. — O pai de Pietro foi encontrado morto, seu corpo foi bem maltratado, e a casa deles no campus de uma universidade estava revirada, pelas investigações, isso ocorreu há um mês.

— Oh, céus! — Procurei sentar no sofá também, minhas pernas se tornaram gelatina ao ouvir os horrores.

— A mãe do garoto sumiu há muito tempo, o pai é brasileiro, estamos tentando localizar alguma família dele lá ou aqui.

— Enquanto isso, o que acontece com o menino? — perguntei.

— Oficialmente, ele se encontra sob custódia protetiva do governo brasileiro. — Diana informou.

— Enquanto não resolvemos o caso. — Michael colocou a mão no meu ombro chamando minha atenção. — Agora, com calma, vamos ver o que ele sabe. Ontem no hospital não quis ir muito a fundo.

— Tim me passou o nome do pai, vamos procurar a família dele, para que, quando tudo isso acabar, ele tenha para onde ir.

— É um bom plano, não é? — Girei a cabeça em direção a Michael.

— É, sim, Tigresa.

— Crianças, preciso ir. — Diana se levantou. — Tenho uma princesa em casa me esperando, literalmente: minha filha será a Cinderela em uma peça da escola. — O orgulho preenchia a voz.

— Obrigado por tudo, Diana. — Michael ofereceu a mão a ela.

— Precisando, estamos aqui. — Fui até ela e a abracei. Notei que a mulher não recebia aquele tipo de atenção, pois demorou a devolver o gesto. — Certo, certo, certo.

Dali a pouco, Tim também desceu. Conversamos sobre o caso, a polícia italiana estava trabalhando junto com a brasileira, então este caso tomou grandes proporções. O chefe deles estava se reunindo com as equipes de imprensa, queria se adiantar em dar a notícia antes que a mídia tomasse a narrativa e atrapalhasse as investigações. Meu nome e de Pietro seriam mantidos em sigilo absoluto, e, para todos os casos, Michael foi colocado como o oficial de proteção à testemunha. Só nos restou aguardar e controlar a ansiedade. Isso era um saco.

— Licença. — Abri a porta do quarto onde Themis e Pietro estavam. Levava comigo um suco de laranja e frutas cortadas em um potinho. — Será que tem alguém com fome?

— Olha, o meu camarada aqui, eu não sei — Themis pendurava um saco de soro de cor amarela em um suporte —, mas eu estou morrendo, acho que tem um alienígena dentro de mim. — O menino olhou para a barriga chapada da mulher franzindo a testa. — Você se importa de cuidar um pouco desse mocinho enquanto vou comer algo?

— Claro que não. — Caminhei até a mesinha ao lado da cama e deixei a comida lá. — O que é isso? — Apontei para o soro.

— Ali dentro tem vitamina C e D, complexo B, depois vem um outro somente com ferro; esse vai parecer Coca-Cola. — Ela piscou para Pietro.

— Ele vai tomar isso por quantos dias?

— Uma vez por semana, durante esse mês, depois repetiremos os exames e veremos se podemos passar para comprimidos até ajeitarmos as doses. — Themis apontou o móvel embaixo da televisão ligada em um desenho. Uma prancheta repousava ali, caminhei até ela e vi a receita. —

Vamos também melhorar o cardápio do mocinho aí, para não precisar ficar tomando remédios.

— E para dor?

— Temos também, os antibióticos são intravenosos, ficaremos de olho na temperatura e no curativo.

— Não quero atrapalhar o seu serviço...

— Você está preocupada, e isso é normal. — Themis foi até os papéis e anotou alguma coisa. — Mas esse pequeno é um guerreiro formidável, já vi homens com três vezes seu tamanho chorando com um corte pequeno.

— Isso ele é. — Sentei ao seu lado com cuidado e peguei o potinho com as frutas. — Vamos tentar comer alguma coisa? Temos banana, uva e mamão.

— Estou indo. — Acenei para Themis com a cabeça.

— Vamos tentar? — Espetei uma uva com o garfo. — Se não conseguir, tudo bem.

Ele hesitou por uns segundos antes de comer. Repeti isso mais algumas vezes até ele balançar a cabeça em negativo. No final, comeu um terço do que eu trouxe e meio copo de suco.

— Ei, pessoas! — Michael entrou no quarto. — Olha o que achei lá embaixo. — Mostrou uma caixa de UNO. — Que tal um jogo?

— Não posso jogar isso, eu perco a linha. — A risada dele ecoou no quarto.

— Perde? — O tom de voz estava tingido de zombaria. Hora de mostrar meu lado docinho.

— Sou muito competitiva no UNO. — Mordi o lado de dentro da bochecha, lembrando de como comecei a jogar aquele jogo: esperando a polícia para denunciar o Bruno. Como demorou muito e acabei ficando impaciente, baixei no celular, e acabou virando um vício, ficava horas e horas.

— Faça seu pior — Michael pediu.

— Ok. Mas o perdedor vai fazer o jantar — propus. Havia uma promessa em seus olhos, uma provocação. — Sabe jogar, Pê? — O menino balançou negando. Mostrei as cartas e comecei a explicar as regras. — Como você não pode sair da cama, vai ser café com leite.

— Ela quis dizer que não vai participar da aposta. — Michael esclareceu. Pietro concordou enquanto embaralhava as cartas. — O que gosta de comer? — O menino deu de ombros. Busquei na mente as aulas de italiano, tentando lembrar o que se comia no país.

— Gosta de panini? — questionei.

— *Sì. Papà* faz os melhores. — Começamos a jogar em silêncio, troquei um olhar com Michael, e ele apontou com a cabeça para o menino.

— E coelho? Você gosta? — Dependendo do local da Itália, seria comum aquele tipo de carne.

— *Sì*, ensopado.

— Eu também já comi. — Michael descartou uma carta. — E carne de rã, jacaré... Isso foi quando estive no exército, há muito e muito tempo.

— É ruim? — perguntei.

— É estranho, mas quando não tem nada para comer, nós nos viramos. — Michael colocou outra carta no monte.

— Prefiro um bom risoto, com salada de tomate — comentei.

— Gosto também. *Mamma* fazia um bem gostoso.

— Sua mãe? — perguntei ao menino.

— A mulher que cuidava de mim enquanto *papà* ia trabalhar. — Pietro colocou uma carta com um +2, e eu ri.

— Uno — disse, animada, colocando outra carta de +2 em cima do monte.

— Desculpa, rapazinho. — Michael colocou uma carta de +4.

— Eu tenho uma dessa.

— Não, não, não, eu ia ganhar — reclamei.

— Compra, Tigresa.

— Não é justo. — Cruzei os braços, indignada. E os dois começaram a rir de mim.

Aquilo foi uma espécie de quebra-gelo. Pietro começou a responder às perguntas de Michael, e eu o ajudei; fazíamos uma pergunta mais significativa e outras mais bobas. No final, descobrimos mais algumas coisas da vida dele: o menino passava o dia todo com a mãe, uma senhora da vila a quem todos chamavam por aquele título, enquanto o pai trabalhava na universidade. A casa onde viviam era pequena, cheia de livros velhos e empoeirados, o pai não sabia cozinhar e tinha um cabelo bagunçado. O menino ficou cansado e o deixamos descansar.

— Vou informar o que descobrimos, isso vai ajudar Tim na investigação. — Michael falou quando saímos do quarto. — E depois faço

o jantar.

— Vou te ajudar, apesar de ter vencido. — Abri um sorriso convencido.

— Quero uma revanche, e talvez possamos apostar algo a mais. — Ele piscou e saiu andando.

Senti o coração leve. Fui até meu quarto e peguei o Kindle na minha bolsa.

— Desculpe atrapalhar. — Em determinado momento, Themis bateu na porta e colocou a cabeça pelo vão. — Está na hora dos remédios. — Pietro se remexeu, acordando. A mulher foi até onde o equipamento médico ficava e começou a trabalhar. — Em um saco de soro está o antibiótico e no outro, remédio para dor — explicou.

— Por mais quanto tempo ele vai tomar esses remédios? — questionei.

— Sete dias de antibióticos, provavelmente vamos entrar com comprimidos daqui a um ou dois dias, e as vitaminas, a mesma coisa. — Themis pendurou os pequenos pacotes em um suporte. — Vou tirar sangue dele no final de semana, e os médicos vão ver como estarão as coisas para mudar a prescrição.

— É um bom plano.

Durante a semana que se seguiu, Pietro foi ganhando forças e melhorando, a ferida da cirurgia teve uma boa cicatrização. Ele começou a comer melhor e não dormir tanto. Como acordava todas as noites gritando e chorando, passei a dormir com ele; eu era a única que conseguia o acalmar.

Na terça-feira, Valentim chegou com informações da Itália, o corpo do pai de Pietro foi encontrado com as mesmas descrições que o menino nos deu. Sua mãe fora achada em um cemitério da cidade, morrera ao dar à luz. Não existia nenhum outro parente vivo. Tanto a polícia quanto Diana procuravam ainda parentes do lado do pai do menino aqui no Brasil. Não tinha mais nada o que fazer.



Capítulo 15



Themis arrumava suas coisas, voltaria para a organização. Pietro não dependia mais de medicações intravenosas, os exames de sangue mostravam que tudo ia de acordo com o esperado e sua ferida cicatrizava muito bem, não existia necessidade de curativos, graças a Deus.

— Vocês vão ficar bem. — Themis olhou para mim. — É uma mulher bem forte e destemida. Quando tudo isso acabar, que tal ir trabalhar nas Amazonas?

— Sou uma contabilista, no que ajudaria? — Sentada na cama, dobrava as roupas lavadas do Pietro.

— Vejo como cuidou do menino, deu atenção. Muitas vítimas só precisam disso, ter alguém ao seu lado, sem julgamento, para escutar ou

somente ficar em silêncio. — Ela tinha razão. — Ou ouvir que mesmo quando chegamos no fundo do poço há uma saída.

Será que ela também leu sobre o meu passado? Peguei as roupas dobradas e fui guardar no armário.

— Talvez um trabalho voluntário? — perguntei.

— Claro. Sempre precisamos de ajuda. Como eu disse, você tem jeito, e bem... ter alguém que sabe mexer com dinheiro é sempre bom. Todo começo de ano eu sofro com imposto de renda e tudo mais. — Ela fechou a última mala. — As mulheres adorariam algumas dicas sobre finanças, não sei... acho uma boa ideia.

— Talvez noções de como abrir seu primeiro negócio? — Lembrei do meu TCC, o tema girou em torno de contabilidade para pequenas empresas, como não falir no primeiro ano.

— É uma boa, temos muitas mulheres sambando para sustentar a casa com o auxílio que recebem do governo e que precisam de ajuda com alguma graninha extra.

— Seria um prazer ajudar. — Minha cabeça começou a se encher de ideias de como poderia fazer aquilo.

Nós nos despedimos da Themis num sábado à tarde chuvoso. Seríamos somente nós três. Ao entrar na sala, vi Michael e Pietro assistindo futebol na televisão, algum canal da Premier.

— *Farabutto!* — Pietro gritou.

— Como é, mocinho? — Parei na sala com as mãos na cintura. — Que boquinha mais suja é essa?

— Desculpa, senhorita. — O rostinho dele ficou vermelho.

— Isso é uma palavra muito feia que não pode ser usada, ok? — Ele concordou com a cabeça. — Bom, que tal macarrão com sachi, sacicha, saichi... meleca. — Quase falei um palavrão, odiava a minha incapacidade de não conseguir falar essa palavra do jeito certo.

Michael se espreguiçou igual a um gato no sofá grande e deu uma risadinha. Que vergonha. Dei meia volta e caminhei em direção à cozinha, mal cheguei na pia, já senti os braços de Michael.

— Salsicha — sussurrou em meu ouvido, dei um tapa no seu braço e tentei me soltar. — Achei uma gracinha você falando.

— Não é nada gracioso.

— Eu acho.

Dei a volta em seus braços, e ele riu. Deveria ficar brava, mas o ar descontraído de Michael me desarmou. A semana toda ficou tenso, no final da noite ficava pendurado em um telefone com o parceiro falando sobre o caso. Ainda sentia culpa por carregá-lo para essa loucura, aposto que ele gostaria de estar investigando, não brincando de casinha comigo.

— Que tal maratona de filmes daquele menino de óculos que você gosta?

— Harry Potter?

— Sim, vai passar na TV a cabo, começa hoje às duas.

— São oito filmes, está preparado para isso?

— Vou abrir o sofá, assim ficamos os três confortáveis na cama.

— Quando eu me imaginei em uma cama com dois homens não era isso que passou na minha cabeça.

— É o único jeito que terá, não vou te dividir com outro cara.

— E outra mulher?

— Já lhe disse. — Michael caminhou até o armário e pegou os pratos. — Isso já passou pela minha cabeça quando tinha uns dezesseis, hoje prefiro só você.

— Sabe como fazer uma mulher se sentir especial. — Ergui nas pontas dos pés e lhe dei um selinho. — Aceito seu convite. Agora vai terminar o seu jogo enquanto faço o almoço.

— Promete não se cortar, queimar ou cair?

— Não, mas vou tentar, agora sai daqui.

— Só se você falar salsicha.

— Vou dar na sua cara. — Michael deve ter previsto meu golpe, pois segurou minhas mãos.

— Tigresa, guarde esse fogo.

— Sai daqui, seu tratante. — Ele procurou meus lábios, tentei fugir por alguns segundos por puro charme, mas me entreguei ao beijo roubado. Entre a investigação e cuidar de Pietro, tivemos poucos momentos sozinhos.

— Não quer ajuda? — Balancei a cabeça em negativo.

— Mic... hum... — Minha conversa com a Themis veio à cabeça. — O que você acha de me candidatar a um trabalho voluntário com mulheres? Depois disso tudo acabar.

— E você vai dar conta de tudo? — Ele me soltou. — O emprego, o trabalho como freelancer...

— Acho que sim, seria uma orientação para mulheres que desejam abrir seus negócios.

— Bem, se isso não te sobrecarregar, não vejo motivo para deixar de fazer. — Ele caminhou até a geladeira.

— Não seria muita coisa, uma ou duas horas por semana. — Ele pegou a caixa de suco e dois copos. — Só um apoio, ou palestras.... Talvez seja uma bobagem.

— Não é, sei que você é ótima no que faz e que vai ajudar muita gente. Onde seria esse voluntariado?

— Nas Amazonas, Themis me convidou.

— Sinceramente? — Mordi o lábio esperando sua resposta. — Sei que você vai tirar de letra.

— Mas?

— Não tem mas. — Michael veio até mim e me deu um beijo na testa. — Tigresa, você é foda.

Não, eu não era. Fazendo o almoço, me toquei que esperei a aceitação de um homem para fazer algo que queria. Quando perguntei o que ele achava, esperava que me apoiasse, mas e se ele não fizesse, se dissesse que seria uma loucura? Pensaria em continuar?

Por outro lado, estávamos namorando, e se fosse evoluir isso para algo mais sério, precisava debater o assunto, porque isso afetaria nosso tempo juntos.

Talvez não estivesse preparada para um relacionamento.

— Muito bem. — Passamos a tarde toda assistindo a Harry Potter na TV, não encontrei uma resposta ao meu dilema, e confesso que ter Michael fazendo carinho na minha cabeça me fez achar que namorar é muito bom.

Pietro dormiu no fim de tarde e ficou lá no sofá enquanto nós, os adultos, nos reuníamos à mesa. Tim chegou um pouco depois das dezoito, o céu começava a escurecer, com uma pasta gorda embaixo do braço.

— Preciso que Pietro veja algumas fotos, consegui as imagens do aeroporto de Guarulhos de todos os passageiros que chegaram da Itália no último mês.

— Eu não sei, esse menino já passou por muito. — Acordar com Pietro gritando toda noite me cortava o coração.

— Estamos sem pistas. Os Albiero estão limpos — Tim argumentou. — Faz dois anos que Lucca esteve na Itália, a esposa nunca esteve, as contas da empresa estão limpas, e exceto uma multa de estacionamento, não tem nada.

— E com o Rafaelli? — insisti.

— Apareceu um exército de advogados com ele na delegacia.

— Ele faliu — argumentei. — Como poderia contratar um exército?

— Estamos esperando os mandados, assim aprofundaremos as investigações. Precisamos do Pietro, precisamos descobrir quem o trouxe para cá.

— Senhorita — Pietro me chamou da porta da cozinha.

— Ei, pequeno. — Fui até ele e o peguei no colo,

— Acho melhor não, Tim. — Michael pegou a pasta e tirou da frente do menino, um papel escapou dela caindo no chão. Pietro desceu do meu colo e foi pegar.

— *Uomo cativo!* — Pietro gritou cheio de medo.

— Uno o quê? — Tim perguntou.

— Homem mau, em português — falei ao pegar a foto e ver um Raffaeli sorridente e cheio de paetês. Ergui a imagem mostrando aos homens.

— Pietro. — Michael abriu a pasta e mostrou outra foto. — E esse? — O menino pegou a foto e me buscou com o olhar.

— Está tudo bem. Estamos seguros com Mic e com o Tim — garanti.

— Você vai proteger a senhorita? — Pietro perguntou para Michael.

— Eu vou, sim, vocês dois, por isso estamos aqui. — Voltei a pegar o menino no colo.

— *Sì. Uomo cativo.* — Pietro identificou dez pessoas das fotos que Tim trouxe, entre homens e mulheres. Depois disso, deixei os homens na cozinha e fui com o menino para sala. Ficamos juntos fazendo atividades de recortes.

— Sabe? — Apontei uma imagem na revista. — A Tina tem um ursinho desse. — Pietro não disse nada. — A menina de cabelo de fogo.

— Parece um cocô com olhinhos. — O menino inclinou a cabeça para o lado.

— Sim, é.

— Ela gosta de cocô?

— Na verdade, o pai dela achou que esse desenho era um quindim, um tipo de doce, moreninho com olhinhos. — Pietro voltou a observar a imagem e depois riu.

— Que bobo ele.

— Pois é.

— Posso brincar com ela e com o outro menino? — Essa era uma pergunta difícil.

— Talvez, sim, precisamos pegar os homens maus.

— Não vou poder mais ficar com o meu *papà*, não é? — Os olhos do menino brilharam com lágrimas não derramadas. — Ele foi para o céu virar um anjo igual a minha mãe. — Não era uma pergunta.

— Sim, pequenino. — Pisquei várias vezes para me manter firme.

— Tudo bem, *papà* diz que os homens devem cuidar das mulheres, agora a minha *mamma* não vai ficar sozinha no céu.

Caralho. Quem vai cuidar desse menino agora? O mundo é muito injusto mesmo.

— Você foi muito corajoso hoje. — Eu o puxei e o coloquei no meu colo. — Um verdadeiro herói.

— Fui? — Balancei a cabeça afirmativamente.

— Lembrei de um livro que li há muito tempo sobre crianças detetives que colocavam bandidos na cadeia.

— Sério?

— Sim, eles se chamavam os Karas, eu acho que tenho o livro no meu Kindle, quer que leia para você?

— Por favor. — Fui buscar o aparelho no quarto, quando voltei para a sala, sentei no sofá, e Pietro veio deitar com a cabeça em meu colo. Comecei a ler, até tentei fazer vozes diferentes. Isso arrancou um ou outro sorriso do menino. Pedro Bandeira foi um dos meus autores preferidos durante a adolescência.

— Pietro. — Tim chamou em um determinado momento. — Já ia esquecendo disso. — Ele trouxe uma espécie de carteirinha com a foto do menino. — Essa aqui é a sua carteirinha de agente da lei. — O brasão do estado de São Paulo vinha do lado e as informações pessoais, do outro. — Como consultor da polícia.

— O que é isso? — O menino pegou o pedaço de plástico e se sentou com dificuldade.

— Um consultor é uma pessoa importante que ajuda a polícia quando não conseguimos seguir com a investigação. — Ele mostrou para mim.

— Obrigado, senhor.

— Nós, da polícia de São Paulo, agradecemos a você, mocinho. — Tim bateu com os dois dedos na lateral da cabeça e se despediu.

— Olha, Mic. — Quando Michael entrou na sala minutos depois carregando pratos com comida, Pietro mostrou para ele o cartão. — Sou um Consultor — ele falou as palavras com cuidado.

— Que demais, carinha.

— E vou ser policial também quando ficar grande como você.

— Então para isso tem que comer toda a comida.

— Vou ter uma arma como o Tim?

— Quando for policial? — Michael ofereceu os pratos a mim.

— Sim. Você também tem uma?

— Tenho. A minha está guardada lá em cima. Mas para que você quer uma arma?

— Não sei, todo policial tem uma. — O menino deu de ombros.

— Uma arma só serve para proteger você e os outros, e só quando for o último recurso, tudo bem? — O menino balançou a cabeça concordando.

— O papai diz que os livros são uma arma.

— Ele está correto. Eles dão inteligência para que não precisemos usar as armas.

— A senhorita está lendo as aventuras dos Karas.

— Essa senhorita tem bom gosto. Será que eu posso ouvir também?

— Pode, sim, não é, senhorita?

— Talvez, só se comer tudinho da comida.

— Opa. Então tenho que ir buscar meu prato. — Michael piscou para mim, indo buscar sua própria comida.

Parecíamos uma família feliz, dividindo uma refeição depois de um dia cheio de atividades. Mas estávamos longe disso, um menino que passou pelas piores coisas, uma mulher confusa com seus sentimentos e um

policial que, bem, certamente desejava ir atrás dos bandidos e não ficar de babá.

— Tigresa. — Michael ofereceu a mão. — Já que vai ler para a gente, a louça é minha amanhã.

— Fechado.

— Será que ele dorme uma noite inteira hoje? — Michael pegou o garotinho no colo.

— Espero que sim. Mas sei que os pesadelos só vão acabar com o tempo. — Lembrei de mim mesma. — A única coisa que podemos fazer é ficar com ele.

— Na segunda-feira, terei de ir à central, tenho uma reunião com a polícia italiana.

— Tudo bem.

— Não se preocupe, terá alguém olhando vocês enquanto eu estiver fora. Vamos pedir mandados para todos que Pietro identificou, e finalmente

isso vai acabar.

— E você vai poder voltar à sua vida de policial — sussurrei, aquelas palavras saíram mais como uma lamúria.

— E você ao seu emprego, vai poder começar seu trabalho voluntário, nem vai precisar servir mesas.

— Não vou. — Michael parou no meio da escada.

— O que foi?

— Nada.

— Tigresa...

— Não é nada, é sério.

— Tem alguma coisa. Quando quiser me falar, estou aqui.

— Você deveria brigar comigo, exigir que eu falasse.

— Não.

— Por que não?

— Você não lida bem com ultimato, se eu te pressionar, vai fugir, e vai dar um trabalho enorme te caçar. Estou igual ao Jaiminho, evitando a fadiga.

— Você não pode citar Chaves para mim. Fui eu que te apresentei a ele.

— Na verdade, eu já conhecia, assisti muito tempo atrás e comecei a rever por sua causa.

— Então não pode citar assim para mim.

— Por que não?

— Eu tenho a custódia da série.

— Você não falou isso.

— Sim. — Ele me olhou como se eu fosse louca, e eu me sentia um pouco assim.

Michael entrou no quarto onde Pietro dormia, colocou o menino na cama e o cobriu. Parecia um pai. Saímos em silêncio e fomos para nosso quarto.

— Muito bem. — Michael cruzou os braços. — Vamos brigar.

— Não quero mais.

— Fazer amor então? — Comecei a rir da carinha de menino sapeca.

— Você queria estar à frente da investigação, na ação?

— Não. — Ele passou a mão pela cabeça. — Sim, eu gostaria de estar junto com o Tim, vão sair os mandados, e ele vai atrás, vai pressionar alguns filhos da puta. Se fosse em outra época, se fosse outro Michael, estaria impaciente, mas sou outra pessoa, Mônica. O mais importante para mim é você, quando vai entender isso? — Michael passou o dedo por cima da minha bochecha limpando uma lágrima. — Aceita, que dói menos.

— Não pode roubar as frases dos meus amigos também. — Coloquei as mãos no rosto.

— Tigresa...

— Se eu precisasse mesmo ir para a proteção à testemunha iria comigo?

— Já disse várias vezes. Sim.

— Por quê?

— Porque te amo, Tigresa.

— Não pode.

— Posso, sim.

— Por quê? Eu sou uma bagunça e...

— Você é divertida, amiga, tem um sorriso tão grande quanto o coração, e ainda é valente. Mônica, você tem tudo para ser amada, se me deixar fazer isso. — Ele me deu um selinho. — Mas se não estiver pronta, tudo bem, vamos esperar, só preciso que converse comigo para juntos resolvermos as coisas.

— Tá bom, vou tentar.

Passei a mão pelo rosto e o encarei, em seguida dei um passo em sua direção. Eu tentaria, por mim, pois merecia meu final feliz.



Capítulo 16



Michael

A segunda-feira começou chuvosa e fria. Levantei cedo naquela manhã e fui preparar o café, sairia às sete de casa, assim não pegava o trânsito muito intenso até a delegacia. Eu ia me reunir com a polícia italiana em uma força-tarefa que trabalhava para pegar os traficantes de pedras preciosas. Um caso que mudava carreiras, dava o status que qualquer policial gostaria. Se fosse alguns anos antes, estaria chutando portas, invadindo casas e revirando o passado de criminosos.

O envolvimento de Mônica mudou tudo, minha prioridade estava voltada para sua segurança, mas se fosse cem por cento honesto, o medo me rondava a mente. Não ajudava em nada sonhar com Miranda todas as

noites. Nos últimos dias, ela aparecia deitada em uma mesa de necrotério me olhando de uma forma acusadora.

Uma investigação dessa magnitude exigia atenção total, e ter a cabeça bagunçada não seria uma coisa boa. Abrir mão dessa investigação foi a coisa mais difícil que fiz e ao mesmo tempo a mais fácil. Sim, olhando para o passado, foi simples ligar para o Tim e passar tudo para ele, para que eu pudesse focar na minha anjinha destrambelhada.

Esses anos todos, nossas saídas ocasionais, ela com Eduardo, e depois sem ele, uma confusão só. Porém, nos primeiros meses juntos, começamos a nos conhecer melhor, consegui me abrir com ela, falar sobre Miranda. Levei vários anos só para esse momento.

Precisava também deixar o histórico dela de lado, tudo que sabia sobre Bruno. Vi as fotos de seus machucados, os hematomas, o olhar triste e assustado nas fotos, havia algumas fotos do raio x; no relatório médico não encontrei fraturas antigas, me levando a crer que os abusos estavam no início. Claro que isso não queria dizer nada. A violência doméstica começa no psicológico, evolui aos poucos para agressão física e culmina normalmente na morte da parceira.

Felizmente aquela história acabou de uma maneira diferente, com Mônica viva. E só Deus sabe como ainda tinha aquele coração bonito e

alegria nos olhos.

Levantei da cama, ela se mexeu e resmungou algo, voltando a dormir em seguida. Caminhei até a cadeira, peguei as minhas roupas e saí sem que ela acordasse. Usei o banheiro do andar. Era uma reunião importante, com todas as agências envolvidas, agentes da polícia italiana estariam presentes junto com a Federal. Dei uma olhada em Pietro, o menino dormia agarrado à pelúcia.

Encostei no batente da porta. Sua vida não seria fácil dali para frente, provavelmente viu o pai morrer, sem qualquer notícia de outro parente vivo, ficou no meio de uma briga jurídica entre países para ver quem ficaria com ele. Ontem deu a primeira gargalhada, um som tão bonito de se ouvir, e ficamos encantados com ele.

Se não achássemos família nenhuma, o Estado tomaria conta. Poderíamos pedir asilo, mas quem cuidaria dele? Quem aceitaria um menino testemunha de um crime internacional? A investigação poderia durar dias, anos, e o perigo no qual o garotinho foi envolvido poderia nunca chegar ao fim.

Se os homens conseguiram entrar com ele no país, a nossa frágil proteção à testemunha não seria nada. Ele seria achado, colocando outras pessoas em risco.

Respirei fundo e ia saindo em direção à cozinha quando escutei Pietro me chamando.

— Ei, garotão, bom dia.

— Mic. — O jovem tentou se sentar, e fui o ajudá-lo. — Vai sair mesmo?

— Só vou até a delegacia...

— Vamos ficar sozinhos. — As mãos do menino agarraram as minhas com força. Os olhos se arregalaram, e a boca se tornou uma linha só.

— Vai ter uma viatura na frente da casa, com dois policiais dentro. — Soltei a mão e o peguei no colo. — Me deixa te contar um segredo, a casa toda tem o sistema de segurança mais poderoso que existe. — Caminhei até a janela e apontei para o batente. — Todas as janelas da casa estão protegidas, se alguém abrir sem desligar o sistema, uma luz vai acender lá na delegacia e um montão de policial virá para cá, inclusive eu.

— Só de abrir a janela? — concordei com a cabeça. — E vai deixar a arma aqui?

Porra! O que responder numa hora dessas?

— Prometo que não vai precisar, vou sair só por algumas horas e volto. — O menino me abraçou forte.

— Bom dia — Mônica disse da porta.

— Ei, morena. — Ela veio até mim, dei um beijo em sua testa enquanto ela nos abraçava. — Vamos fazer café da manhã juntos?

— Só se você fizer pão na chapa. — Amava aquele meio sorriso, os olhos brilhantes e as bochechas rosadas,

— Sim, que tal leite com chocolate? — Pietro concordou com a cabeça. — Então, tropa, avante.

— Sim, senhor, capitão. — Dei um beijo em sua boca.

Passei a hora seguinte na companhia dos dois, deixei, na medida do possível, de lado todos os problemas, a investigação, e foquei em Mônica e Pietro. Fiz uma pilha de pão na chapa, com Pietro me ajudando com a manteiga enquanto Mônica fazia café. Deixei os dois na casa, cumprimentei os rapazes na porta e entrei no carro de Tim.

— Pronto para voltar ao mundo real e deixar de brincar de casinha?
— Olhei pela janela, o portão fechado, a cerca elétrica, a viatura; uma prisão bonitinha.

— Quando sai de manhã e deixa Ericka e a sua filha, você sente medo de não voltar? De acontecer alguma merda no nosso trabalho e nunca mais vê-las?

— Sim. Ontem fui dormir com uma mulher, e hoje acordei com duas. — Tim balançou a cabeça. — Eu nem consigo ficar bravo, me derreto todo ao escutar “papai” vindo de um ser de noventa centímetros. Aliás, você está devendo uma visita.

— Assim que tudo isso acabar, vou com o maior prazer. Eu.. bem... — O carro parou em um semáforo. — Posso fazer uma pergunta bem pessoal?

— Manda aí, cara.

— Uma vez me disse que morou na rua, você e seu irmão.

— Sim. Fugimos de uma casa ruim, moramos um tempo na rua, até um velho ranzinza e turrão nos tirar de lá e nos levar para casa.

— A experiência com o pai adotivo foi melhor?

— No começo, foi bem complicado, eu não facilitei em nada a vida do Heitor, tinha um medo danado de ser machucado. Pior, de alguém fazer qualquer coisa com Nando. Então causei bastante problema.

— Se eu te disser que sou cadastrado para ser pai adotivo, quanto louco acha que sou?

— Não esperava por isso, confesso. — Tim hesitou. — Mas por quê?

— Há um tempo, meu irmão sofreu uma queda no trabalho e quebrou a perna, eu praticamente me mudei para casa dele. Tenho três sobrinhos e ajudei a cuidar das crianças em tempo integral. Quando aquilo acabou, senti muita falta da correria de manhã, levar para escola, buscar, fazer o dever de casa. Cara, não me lembrava que fração era algo tão ruim. — Dei uma risada. — Colocar na cama, levar para passear... cara, o menorzinho estava na fase do porquê, aquilo me irritava e depois ria sozinho pesquisando as coisas.

— Ser pai é uma grande responsabilidade, mano...

— Tenho ciência disso, participei de todas as aulas, repensei sobre o assunto várias vezes, não é uma coisa que decidi de um dia para outro.

— E por que não tenta pelas vias naturais?

— Depois de Miranda, não me via casado.

— Mas se vê como pai?

— Sim, me vejo, porém agora tem Mônica e, bem, terei que ver com ela sobre isso, se vou querer seguir com essa relação.

— Mas de onde veio tudo isso? Essa conversa sobre filhos? — Não respondi, as ideias ainda não concretizaram dentro de mim. A imagem de Pietro veio à mente.

— Quando souber a resposta, eu te digo.

Paramos em um semáforo, e um menino se aproximou do meu carro com uma caixa de doces na mão, magro, descalço, com roupas velhas e desgastadas. Abaixei o meu vidro e, naqueles poucos segundos em que a luz vermelha piscava, comprei dois pacotinhos de balas.

Quantas crianças faziam isso diariamente?

Quantas delas eram obrigadas por adultos a cumprir esse papel?

Quantas delas iriam crescer e virar os bandidos que prendo diariamente?

Pietro foi arrancado de casa, enfiado em uma gaiola, obrigado a engolir pedras, viu o pai ser morto, com pouca idade. O que seria daquele menino dali por diante?

Chegamos à delegacia quarenta e cinco minutos depois, a reunião só começaria às nove. No pouco tempo livre, peguei um café na cozinha,

seguimos em direção à sala de reunião, vimos as paredes revestidas com as informações do caso. Tim tirou a jaqueta e deixou em uma cadeira próxima.

— Bom dia — cumprimentei os colegas já na sala. Caminhei até a mesinha no canto, peguei um pãozinho doce. Imaginei que o delegado queria causar uma boa impressão, não é costumeiro ter aquele tipo de regalia.

Entreguei um pão ao meu parceiro e encarei o primeiro quadro, o nome do Pietro saltou aos meus olhos.

— Tudo começou com nosso carinha e Mônica em um desfile de joias. — Eu me apoiei na mesa e beberiquei o café. — Seu pai, um professor universitário, foi morto por algum motivo, e ele, sequestrado. Não encontramos nenhuma família — continuei. — E nem o motivo do pai dele ter se envolvido — Tim concordou com a cabeça. — Ele identificou Raffaeli e sua equipe, além de mais seis passageiros do voo, no mesmo dia em que Mônica o achou.

— O chefe está conversando com o promotor e juiz. É uma questão de tempo conseguirmos mandados para a agência, além de busca e captura de todos eles. — Tim pendurou as fotos de todos na lousa. — Esse cara é médico, sua licença foi cassada pelo CRM. — Na foto, um homem por volta dos quarenta anos, pele dourada e sorriso amarelo, era exibido. —

Esse aqui é enfermeiro, esses seriam da equipe médica — concordei. — Malone tem uma ficha criminal mais extensa do que a nossa constituição. Tem de tudo lá, começou cedo na vida do crime e hoje faz trabalhos de segurança.

A porta foi aberta, e por ela passou o delegado acompanhando uma mulher vestindo roupa social, os cabelos castanho-claros em um coque no alto da cabeça. Sua expressão era neutra. Entrou olhando todos os cantos, com certeza uma policial. Junto dela, um homem negro, bem-vestido, cabelo raspado, corpo magro, fez o mesmo que a outra. Por fim, uma mocinha com cara de quem acabou de sair do ensino médio apareceu.

Fomos apresentados, Antonella e Dante, os agentes italianos, e Andressa, a intérprete. A reunião começou, ficamos a manhã inteira trocando informações; por volta do meio-dia, veio a notícia de que os mandados foram emitidos.

— Você vem junto? — Tim perguntou enquanto saíamos da sala.

— Não quero deixá-los sozinhos por mais tempo.

— Tem uma viatura na frente de casa, qualquer coisa ela vai te ligar.

Respirei fundo, olhei meus colegas se preparando, aquela adrenalina deixando cada agente em alerta, as expressões graves. Alguns usavam aqueles minutos antes da ação a fim de se conectar com as suas crenças,

fazer algum mantra, qualquer coisa que ajudasse a fazer o trabalho. Poderia ser algo simples, ou poderíamos não voltar para casa.

— Vou pegar meu colete, espero que hoje a gente coloque todos esses caras ali atrás das grades, assim deixando o menino a salvo.

— Essa é a ideia, meu amigo.



Capítulo 17



Mônica

Ele me ama, mas será que eu o amo? Ou só estou gostando muito de brincar de família? Precisava que tudo isso acabasse, precisava voltar à minha vida ao normal e ver qual é a do meu coração bobo. Fui rápido demais com Edu e veja no que deu. Por outro lado, durante todo o tempo em que estive com Edu não senti todos aqueles sentimentos estranhos.

Verifiquei Pietro na sala, o menino assistia a um desenho, então o deixei lá, precisava preparar o almoço. Michael chegaria com fome, conhecendo a peça, não pararia para almoçar. Ia cuidar de tudo o mais depressa possível e voltaria para estar ao nosso lado.

Abri a geladeira e fiquei parada ali por um tempo, esqueci o que vim pegar, minha mente parecia ter ido a algum lugar. Fechei a porta, uma agitação percorreu meu corpo, então comecei a andar de um lado ao outro, estalando os dedos da mão. Ficou difícil de respirar, o som do celular tocando ao longe foi o que me trouxe de volta à realidade.

Desabei em uma cadeira e tentei recuperar o fôlego. A voz do policial veio na minha cabeça, pedindo que respirasse com ele igual ao dia da sessão de fotos. Dessa vez, levou mais tempo para conseguir me acalmar. Precisava sair daquela casa, não aguentava ficar presa ali dia após dia.

Levantei com as pernas trêmulas, abri a porta dos fundos e saí na lavanderia, o ar frio beijou meu corpo. Passei as mãos pelos braços, tentando fazer o corpo reagir, fazia tanto tempo que não tinha crises como aquela...

No começo, depois da separação do Bruno, comecei a ter ataques de pânico, o via em cada canto, nas sombras esperando somente um descuido para me pegar novamente. Precisei de muitas consultas com a psicóloga e alguns ansiolíticos para os ataques diminuírem com o tempo.

Provavelmente essa situação desencadeou tudo novamente, pensei ao voltar à cozinha. Pietro esperava na cozinha. O menino começava a

ganhar um pouco de peso, sua aparência melhorava a cada dia, me dando um certo alívio.

Conversei bastante com Michael na outra noite, com o depoimento de Pietro, o caso iria avançar, pelo menos os bandidos que o tiraram de casa e o fizeram de mula seriam presos, e poderíamos voltar a viver em paz.

— Oi, pequeno, *tá* com fome? — perguntei a ele.

— O Mic não chega.

— Não se preocupe, já, já, ele chega, que tal a gente fazer o almoço? — O menino concordou com a cabeça, meio hesitante. Deixei meus pensamentos tumultuados de lado, não tinha muito o que fazer, precisava acreditar em Deus e que tudo aquilo daria certo.

Muito mais tarde, naquele dia, a campainha da casa tocou. Pietro adormeceu no quarto de cima, consegui fazê-lo descansar; já passava das três da tarde, e nada de Michael chegar. Peguei o controle em cima do sofá e liguei no canal onde podia ver cada câmera da casa. Havia um homem parado, o uniforme da polícia me deu alívio, então caminhei até o interfone.

— Oi — disse ao segurar o aparelho branco.

— Senhorita Mônica, acredito haver algum problema com o alarme. O policial Siqueira pediu para dar uma olhada. — Olhei o painel luminoso ao lado do interfone no hall de entrada, as luzes acesas indicavam não ter problema algum. — Uma vizinha nos procurou dizendo que seu gato fugiu de casa, talvez o bichinho seja o causador do problema. Só quero ver se está tudo bem.

— Ah, entendi. — Na minha cabeça, via o pobre bichinho enrolado em todo aquele arame farpado em volta dos muros altos da casa. No dia que Michael me explicou sobre o sistema de alarme, comentei como Tim parecia meio paranoico com as coisas. Apertei o botão e o portão da frente se abriu. Alcancei a porta, iria ajudar a achar o bichinho. — Onde será que ele está?

Perguntei para o policial olhando na direção dos muros, o que foi uma completa estupidez da minha parte. O portão bateu com força, dei um pulo no lugar e quando virei, avistei não só o policial, mas Raffaeli, parado ali; vestia jeans e camiseta, uma coisa tão comum, que nunca o imaginaria usando algo daquele tipo.

— Olha, Mônica, você é uma mulher bem difícil de achar. — O policial ao lado dele apontava uma arma em minha direção. Por puro

reflexo, levantei as mãos. — Não precisa das mãos levantadas, ainda não vou te matar. — Ainda? Ai, meu Jesus Cristinho.

— O que faz aqui? — Minha voz saiu baixa, hesitante.

— Vim buscar o que é meu. — Seus lábios se curvaram em um sorriso frio, senti um arrepio por todo meu corpo. — Meu amigo aqui me disse que você resolveu brincar de casinha com um gigante loiro e um menininho.

— Como pôde fazer isso? — A minha pergunta servia tanto para Raffaeli pela atrocidade com Pietro quanto ao policial. Ele não deveria proteger e defender as leis?

— Só sou um intermediário, faço o meio de campo entre comprador e vendedor. — Deu de ombros.

— Pietro é uma criança e...

— Poupe seu fôlego, não tenho tempo para escutar sua ladainha moralista, me traga o garoto e te darei uma morte rápida, que tal?

— Não vai adiantar nada. — Dei um passo para trás, precisava entrar em casa e chamar Michael.

— Fica quietinha aí. — O cara vestido de policial sacudi a arma enquanto andava em minha direção; não fui rápida o bastante, deveria ter

corrido e entrado em casa, mas quando pisei no tapete em frente à porta, levei um escorregão e caí de bunda. Soltei um palavrão enquanto uma dor começava em meu braço, que usei na tentativa de apagar a queda.

— Sempre desastrada, não é, Monicota? — Gemi em protesto, o policial chegou até mim, me ergueu de maneira brusca, sua pegada deixaria marcas. Fui empurrada para dentro e jogada de qualquer jeito no sofá. Ele foi até o lado da porta e ligou o alarme, não entendi o motivo.

— Não vai adiantar nada — gaguejei, segurando o braço ainda dolorido. — As pedras já foram tiradas de Pietro...

— Eu sei, o garoto não poderia ter ficado todo esse tempo com diamantes na barriga, não é, queridinha? — Raffaeli sentou no sofá. — Acontece que ele é o único que viu o chefe, ele não pode correr o risco de ser descoberto.

— Tarde demais, Pietro já identificou todo mundo, Michael já deve estar estourando algumas portas e prendendo todos os seus comparsas — falei com um sorriso vitorioso no rosto. Uma bravata, a atitude não passava disso.

— O caso do seu namoradinho se baseia todo no depoimento de um garotinho, se o garotinho não existir, são só suposições. Acha mesmo que se a polícia tivesse um caso forte eu não estaria preso?

Não conseguia refutar sua lógica, acompanhei as investigações através das conversas de Michael e Tim, havia somente indícios, meus vinte e tantos anos de Law & Order me garantiam isso.

— Como você se meteu nisso tudo?

Talvez, se o mantivesse aqui por um tempo, Michael chegaria em casa e nos salvaria. *O que estou pensando? Se ele chegar aqui, aquele policial idiota vai atirar nele, Michael saiu sem colete. Ele pode se machucar. Como vou proteger Pietro?*

— Bruno. Ele me colocou no esquema um tempo atrás. — Fez uma pausa. — Quando você prestou queixa contra ele, Bruno enlouqueceu, o idiota realmente te amava, bebeu todas, pegou uma arma e, por pouco, bem pouco... — Rafaelli fez um gesto com a mão para enfatizar o que falava. — Ele não estourou seus miolos.

— Quer que eu te agradeça? — As chances de sair viva dali seriam nulas, talvez, com a esperança morrendo, minha raiva e bravura fossem alimentadas.

— Deveria. — Rafaelli se recostou no sofá. — Consegui um emprego para ele em uma agência de um amigo, o maldito tinha um olho bom atrás da lente. Foi enviado para uma alocação de três meses na Itália, o

convenci a ir para te deixar esfriar a cabeça, quando o serviço acabasse, ele voltaria e te reconquistaria.

— Você viu o que ele fez comigo! — eu levantei e gritei. — Pensei que era meu amigo.

— Querida, fui atrás de você só para essa merda toda não respingar na minha agência, já estava lidando com toda aquela merda da Janete obrigando as meninas a fazer coisas fora do contrato. Ter mais um escândalo envolvendo a agência seria demais.

Como pude me enganar tanto?

— Enfim, Bruno entrou em um esquema, ele levava coisas de um lugar a outro...

— Que coisas?

— Obras de artes, drogas, diamantes, todo e qualquer tipo de contrabando que possa imaginar. — Queria voar no pescoço dele, a raiva dentro de mim começava a borbulhar. O imbecil estava ali parado, narrando a história como se lesse um livro, como se tudo aquilo não importasse. — Ficou bem por um tempo, mas o maldito gostava mesmo de dar uns tapas em mulher, então se meteu em confusão outra vez e voltou ao Brasil. Sabe como é, maus hábitos.

— Maus hábitos? Mau hábito é largar a toalha em cima da cama, roer a unha, é dormir tarde sabendo que vai acordar cedo de manhã. — Até para os meus ouvidos eu soava meio histérica. — Humilhar uma pessoa até o ponto de ela se odiar não é um mau hábito. Separá-la da família e amigos, ditar a roupa que usava, culpá-la por tudo, bater até ela desmaiar não é a porra de um mau hábito.

— Calma, diva, não tenho culpa que você tenha o dedo podre para homem, a culpa foi sua. — Saltei do sofá na direção dele, minha mão ganhou vida e o acertei em cheio, o sangue começou a escorrer de seu nariz. Eu me preparei para brigar, mas o policial me agarrou pela cintura, me jogou de volta ao sofá e colocou a arma na minha cara.

— Fica aí. Não temos tempo para essa merda, cara, precisamos do menino e vazar daqui... — O barulho de um telefone tocando na cozinha interrompeu o discurso do policial.

— Porra, ela quebrou o meu nariz — choramingou Rafaelli.

— O menino está lá em cima. — O policial o ignorou. Não respondi a pergunta. — Pietro, não é? — O policial foi até a escada e gritou o nome dele. — Desça aqui, garoto.

— Pietro, fique aí! — gritei de volta.

— Vá buscar o garoto, Rafael.

— Rafaelli, meu nome é Rafaelli. E preciso de um médico, não vê?

— Caralho, sobe essa escada e vai atrás do garoto, não temos tempo para isso, daqui a pouco o Siqueira volta. — Ele falava de Michael, seria ele ligando?

— Por que me contratou como modelo? — perguntei a ele. Não podia deixá-lo ir atrás do menino.

— Uma coincidência, procurava a *hashtag* de modelo nas redes sociais, precisava realmente de todo o tipo de biotipo nessa amostra, e vi um vídeo seu ensinando a menina ruiva a fazer maquiagem. Então chamei você. Maldita hora em que resolvi te convidar, sempre uma dor de cabeça.

Maldita rede social, se eu sobreviver, juro que vou excluir todas elas. Por favor, Deus, permita que viva para fazer isso, juro, juradinho, vou ficar dois anos sem chocolate se sair daqui viva.



Capítulo 18



Michael

Abri a porta da viatura e coloquei o sujeito no banco traseiro, o maldito médico, provavelmente responsável por tirar o contrabando de dentro das pessoas. O cara começou a cantar como um passarinho, querendo privilégio, pronto para um acordo se tudo desse certo. O testemunho de Pietro não seria necessário com o caminhão de provas que teríamos.

— Michael, temos um problema. — Tim veio até mim com celular em mãos. — Os alarmes da casa foram acionados.

A notícia desceu amarga pela minha garganta, por um segundo senti o pânico tentando me sufocar. Na minha mente, o rostinho de Pietro surgiu, os olhos arregalados, pedindo uma arma para se proteger. Falhei com ele.

— Vou ligar para a Mônica. — Tim concordou com a cabeça enquanto mexia no celular. Chamou e ninguém atendeu, tentei mais uma vez, mas nada.

— Esquece, mano. — Tim levantou o celular e me mostrou um vídeo que gelou meu coração. Na imagem vi a sala da casa do meu amigo, Mônica sentada no sofá, e um policial apontava uma arma em sua direção. Do outro lado, havia um homem com a mão no rosto, parecia com Rafaelli, não sei ao certo.

— Não adianta ligar na central e pedir reforços. — Devolvi o celular, respirei fundo, buscando me concentrar no problema, precisei invocar meus anos de treinamento, deixando de lado a emoção de ver a mulher amada em tal perigo.

— Tenho uma ideia, bem louca. — Começamos a andar em direção ao carro do meu parceiro, nosso chefe conversava com os policiais italianos. — Provavelmente ficaremos algum tempo amarrados em uma mesa, mas é melhor pedir perdão do que permissão.

— O que tem em mente? — Entramos no carro e saímos dali despercebidos, em um dado momento ligamos a sirene.

— Vamos invadir a minha casa e resgatar a sua garota. Podemos entrar pela lavanderia, vamos precisar pedir permissão ao meu vizinho dos fundos. Se eles estão na sala, podemos pegá-los desprevenidos. — Um bom plano. — Preciso saber se você está com a cabeça no lugar, porque já estive na sua pele, sei o que deve estar passando por aí.

— Só quero aquele menino e a Mônica seguros, não vou fazer nenhuma merda. — Minha resposta deixou Tim um pouco mais tranquilo.

Outra vez deixei o trabalho ganhar a melhor, quando vou aprender?

— Você sabe, estando ou não dentro da casa, isso aconteceria mais cedo ou mais tarde — Tim comentou alguns minutos depois. — Temos um policial armado mantendo a Mônica refém, essa quadrilha é bastante influente e tem muito dinheiro para subornar um dos nossos!

— Eu entro na casa e você chama reforços...

— Não tente bancar o herói, Silveira, somos parceiros e vou cobrir sua retaguarda. — Tim guiou a viatura por entre outros carros, as pessoas saíam de nossa frente como esperado. — Ligue para o chefe e informe o ocorrido, peça a ele para manter silêncio no rádio, chegaremos em cinco

minutos. Vamos invadir a casa e sair com os reféns, e se os anjos estiverem ao nosso lado, com os bandidos presos e não em sacos pretos.

Concordei com a cabeça e retirei o celular do bolso, fazendo a ligação. Nos cinco minutos que levamos para chegar no bairro onde ficava a casa, discuti com o meu chefe sobre o ocorrido. Tim desligou a sirene e avançamos com mais cautela pelas ruas calmas.

Mal o carro parou, eu já estava pulando para fora; Tim fez o mesmo. Ele foi em direção a uma casa com um grande portão de ferro, socou a porta, chamando o morador, enquanto eu verificava as câmeras. Mônica se encontrava sentada na mira de uma arma enquanto Rafaelli descia as escadas segurando Pietro, que se debatia.

Fechei os olhos e procurei dentro de mim o policial frio, aquele treinado para situações como essa. Inspirei fundo, deixando o ar invadir meus pulmões, e soltei pela boca, ouvi o barulho do portão se abrindo e vi uma senhora com a idade da minha avó aparecendo com os olhos arregalados.

Não a esperei, falar, invadi a casa sem permissão. Até escutei Tim me chamando, mas o ignorei. Entrei pela porta da sala, um cachorro deitado no sofá começou a latir para mim, e passei por ele e cheguei à cozinha. O lugar parecia um espelho da do meu parceiro quanto à disposição do

ambiente, sendo assim, a porta do outro lado daria na lavanderia. Ao chegar ali, vi o muro alto, sabia que do outro lado teria uma área com varal.

— Porra, Michael... — Tim sussurrou atrás de mim. — Precisamos agir com cautela, não podemos matar uma senhora idosa.

Eu o ignorei. A máquina de lavar no canto serviria bem, poderia subir nela e alcançar a borda do muro e me içar, mas teria de a puxar do lugar e isso poderia fazer muito barulho.

— A escada. — Senti a mão de Tim no meu ombro.

— Onde? — Ele apontou para o canto mais afastado, não repararei nela ao chegar. Caminhei até lá, a trouxe uma daquelas de alumínio, em formato de V, com vários degraus.

— Aqui. — Tim pegou um tapete grosso em uma prateleira e me deu, apontando o muro. — Jogue por cima dos arames.

Subi os degraus e, no último, conseguia ver o outro lado, com cuidado coloquei o tapete de corda por cima do arame e, com bastante esforço, consegui pular, sem fazer muito barulho. Fui até a porta e testei a maçaneta, torcendo para estar aberta. Só naquele momento percebi o furo em nossa estratégia. Porém o cara lá de cima estava ao nosso lado, a porta se abriu. Olhei por cima do ombro e vi Tim na borda do muro.

Tirei a minha arma do coldre e o esperei fazer o mesmo assim que aterrissou. Ele acenou com a cabeça, e abri a porta, entrando na cozinha. Quando a deixei de manhã, com as duas pessoas que nos últimos dias se tornaram tão importantes para mim, não imaginei retornar daquela maneira. Pelo contrário, na minha cabeça, chegaria com as boas notícias de que aquele isolamento acabaria.

— Maldito moleque! — Escutei alguém gritando.

— Deixo-o em paz. — Essa era a minha Mônica.

— O pestinha me mordeu. — Meu valente amiguinho, o carinha era um lutador desde pequeno.

— Não vai machucar a senhorita. — Suas palavras eram metade em português, metade em italiano.

Não falei?!

Caminhei até perto do armário, usando-o como cobertura. De onde estava, vi Pietro na frente de Mônica, Rafaelli sacudia o braço, havia sangue em seu rosto, e a região do nariz começava a inchar.

— Caralho, Rafael. Demorou muito para pegar a porra de um garoto! — Andrade, reclamou, já o avistei na delegacia algumas vezes, sempre rondando, contando vantagem de alguma coisa que fez no turno.

Não gostava do seu tipinho, falava demais e fazia pouco. Ele era o tipo cara estereotipado que fazia a rixa entre as polícias evidente; provavelmente se ressentia por ser só PM, quando não tinha motivos. Somos todos policiais, temos funções diferentes, mas o mesmo objetivo.

— O garoto se escondeu...

— Senhores. — Dei um passo, e eles perceberam a minha presença. Apontei a minha arma em direção a Andrade, meu foco nele, pois representava a maior ameaça. — Acredito que não foram convidados, poderia fazer a gentileza de abaixar a arma?

— Eu faria o que foi pedido — Tim disse às minhas costas.

— Acho que não. — Andrade puxou Mônica. — Nós vamos sair daqui com o garoto...

Não o deixei completar a frase, disparei a arma. Daquela distância, meu tiro foi como um soco no outro cara, o acertando no meio do peito. O colete reteria a bala, mas o lançaria para trás e tiraria todo o ar do seu pulmão, deixando um belo hematoma no processo. Sei disso porque já tomei um tiro no colete, a dor demora algumas semanas para passar, e, se tivesse sorte, não quebraria nenhuma costela. Como planejado, ele caiu para trás, soltando a arma, fui até ele e a chutei para longe.

— Você tem o direito de ficar calado. — Cai em cima dele, guardando a minha arma e pegando as algemas no processo. — Tudo que disser será usado contra você. — Ele tentava buscar ar, a respiração saía ruidosa, mas eu não ligava. Busquei suas mãos e preendi os pulsos atrás das costas. — Caso não possua, o Estado providenciará um. — Eu o sentei no chão, sua pele branca se tingia de vermelho com o esforço de respirar. — Andrade, está preso por tentativa de sequestro, formação de quadrilha e não sei mais quantos crimes, acredito que tenha entendido seus direitos.

Não o esperei responder. Comecei a revistá-lo atrás de outras armas. Ouvi Tim falando o mesmo discurso para Raffaeli, ao longe, as sirenes eram ouvidas.

— Michael. — A vizinha chorosa de Pietro me fez olhar por cima do ombro, o menino se agarrava à perna de Mônica. Quando nossos olhos se cruzaram, ele a soltou e veio até mim, se agarrando em meu pescoço, seu corpinho sacudido pelo pranto.

— Ei, carinha, acabou, vai ficar tudo bem. — Eu o abracei com força.

Obrigado, meu Deus, por me proteger e me ajudar em minha batalha.

Como no final de qualquer situação difícil ou término de um plantão em que chegava ao fim vivo e inteiro, agradei por aquela dádiva. Levantei com o menino nos braços e encarei o rosto pálido de Mônica.

— Vai ficar tudo bem, Tigresa. — Ofereci a mão a ela.

Seus lábios tremeram, e ela desabou no sofá, levando as mãos ao rosto e chorando. Fui até ela e me sentei ao seu lado, a puxando em seguida de encontro aos meus braços. Dali a pouco, a casa estava cheia de policiais, os prisioneiros foram levados e Tim se ocupou de relatar cada um dos nossos movimentos; demorou um pouco até Mônica poder se acalmar e conseguir dar sua versão dos fatos.

Precisei repetir várias e várias vezes que a culpa não era dela, afinal quem, ao ver um policial imaginaria que ele seria o bandido, e não o mocinho?

— Mic — Pietro me chamou depois que os policiais terminaram os questionamentos. Em seguida, ele sussurrou em meu ouvido: — Eu abri a janela, você disse que se alguém abrisse a janela, os policiais iriam aparecer.

Olhei o menino, meus lábios se curvaram, o peito se enchendo de orgulho daquele carinha corajoso.

— Você fez a coisa certa, meu rapaz, graças a isso, consegui chegar aqui a tempo.

— Como você prometeu. — Concordei com a cabeça, pelo menos aquela promessa eu não quebrei.

— Você foi um verdadeiro herói, Pê — Mônica me olhou, a palidez em seu rosto começava a sumir, um leve rosado surgia.

— Tentei me esconder, mas o homem mau me achou...

— Fez o certo. — Mônica tentou sorrir, passou a mão pelo rosto, uma lágrima teimosa corria. — Muito obrigada por me proteger.

— Como um bom agente. — Tim se aproximou. — Vou buscar a viatura, vamos todos para a delegacia. — Concordei com a cabeça.

— O que vai acontecer agora? — Mônica perguntou para mim.

— Efetuamos muitos mandados, temos bastante coisa para analisar, alguns prisioneiros já estão falando. — Coloquei uma mecha de seu cabelo atrás da orelha. — Está acabando.

— Rafaelli veio atrás de Pietro porque ele viu o chefe. — Olhei para o menino.

— Vou ter uma boa conversa com ele, mas me diga uma coisa. — Eu a encarei. — Quem foi que bateu em Rafaelli? — Mônica desviou os

olhos do meus, mordendo o lábio.

— Bem... ele me irritou um pouquinho. — Em seguida, abaixou a cabeça com vergonha.

— Sabe, Pietro? Temos uma bela tigresa feroz ao nosso lado.

— A senhorita é valente, igual à menina ruiva do filme, não é, Mic?
— Concordei mais uma vez com a cabeça. Senti um orgulho danado dela, que se mantinha firme nessa situação toda. Só esperava que ela não tivesse medo de mim depois de ter me visto atirando. Precisávamos ter uma conversa bem séria mais tarde.

Durante o depoimento tentei pegar em sua mão, mas Mônica me afastou, como se o distanciamento físico fosse um indício do psicológico. Com ela eu precisava agir com cautela, dando tempo e esperando que viesse ao meu encontro. Só esperava que não fosse o fim de nós dois, pois eu amava aquela Tigresa como nunca pensei que pudesse amar outra vez.



Capítulo 19



Mônica

E mais uma vez me encontrava em uma delegacia respondendo perguntas, dessa vez na presença do delegado e da escrivã. contei todo o meu fiasco, como pude ser tão burra a ponto de deixar aquele policial entrar? Depois de todos os procedimentos de segurança, os dias presa naquela casa, fui cometer um erro tão idiota! Um garotinho de poucos anos de idade foi mais esperto do que eu.

— Aqui. — Um copo descartável foi posto na minha frente, senti o cheiro de café. — Já acabamos, essa noite vamos ficar na casa de Tim, na casa oficial.

— Oficial? — Dei um gole no café, saboreando a bebida preparada da maneira como gostava, bem docinha. Lembrei de um dia, em tantas manhãs naquela casa, quando o mesmo policial na minha frente, com uma expressão triste, se queixou comigo sobre o sacrilégio de estragar um bom café com tanto açúcar. Achei tão fofa a careta, que me joguei em seus braços e ganhei um beijo gostoso e um apertão na bunda.

— Sim, aquela onde ficamos é a casa dele e do irmão. Depois que se casou, se mudou para casa da esposa. — Pietro, deitado no meu colo, se remexeu, o menino dormia um sono tranquilo. A noite corria solta, e os eventos do dia nos esgotaram, só queria um banho e um remédio para dormir a noite toda, na verdade, o mês inteiro e só acordar quando tudo de fato tivesse acabado.

— Não vamos os colocar em risco?

— Não, tigresa. Se você achou que o sistema de segurança dessa casa era bom, precisa ver o da Erika. Sem contar que, devido à sua fortuna, existem muitas pessoas que gostariam de a sequestrar ou coisa do tipo, então há um batalhão de segurança. — Michael pegou Pietro no colo, o menino resmungou alguma coisa em italiano, não entendi muito bem, e voltou a dormir agarrado ao pescoço do loiro.

Concordei com a cabeça. Saímos da delegacia. No estacionamento, Tim nos esperava ao lado do seu carro, uma SUV de quatro portas preta. Eu me acomodei no banco traseiro e pensei que Michael me daria Pietro, porém ele entrou do outro lado com o menino no colo.

Ele não confia mais em mim para garantir a segurança do pequeno.

Apertei as mãos no colo e recostei a cabeça no encosto do carro, fechando os olhos em seguida. O cansaço bateu. Talvez eu tenha cochilado ou meu cérebro desligou por um momento, o solavanco do carro parando me fez abrir os olhos e avistar o interior de uma garagem. Havia outro carro estacionado. Pulei no assento quando ouvi o barulho do portão, meus nervos à flor da pele.

Saí do carro e encarei o outro, mesmo modelo, só que na cor vermelha, brilhante. Não se via nada dentro devido à película na janela. Caminhamos em direção a uma porta lateral. Do outro lado, havia uma cozinha que parecia saída de alguma revista de decoração bem chique, daquelas vistas em programas de televisão quando o entrevistador visita a casa de pessoas famosas. Um cheiro gostoso de carne assada fez meu estômago roncar. Uma mulher com uma menina em seu colo nos recebeu com um sorriso caloroso no rosto.

— Papai. — A garotinha praticamente se jogou no colo de Tim, vi a expressão austera do policial suavizar, parecia outra pessoa.

— O que minha princesa faz acordada a essa hora, hein?! — Tim encheu a menina de beijos, o riso puro de uma criança foi ouvido. — Boa noite, docinho. — Cumprimentou a mulher com um selinho.

— Seja bem-vindo ao lar, G2. — Oi? Que apelido engraçado. — A mocinha ficou acordada até agora porque o tio dela chegou de viagem há pouco tempo e não a deixou em paz.

— Nando está aqui? Mas ele só chegaria no final do mês. — Tim se virou em nossa direção. — Quero te apresentar: Mônica e Pietro.

— Olá, pessoal. — A mulher se aproximou e ofereceu a mão. — Sou a Ericka, aposto que estão com fome e cansados. Já preparei o quarto para vocês.

— Muito prazer. — Ofereci a mão, mas Ericka tinha outros planos, veio me dar um beijo no rosto e um abraço; seu perfume, com notas de floral, me envolveu.

— Agente firme, tudo vai dar certo, pode não parecer, mas está nas melhores mãos — ela me disse em meu ouvido.

Quando nos separamos, encarei os olhos amendoados, não havia um pingo de maquiagem em seu rosto, na pele negra salpicada por sardas. O coque frouxo deixava várias mechas escaparem, aquela mulher não parecia uma CEO poderosa. A silhueta magra, trajando um moletom cor-de-rosa e uma grande camiseta com um donuts vestido de policial, a deixava ainda mais distante do que imaginei. Mas suas palavras me trouxeram conforto.

— Obrigada.

— Michael, quanto tempo, né?! — Havia um tom de reprimenda em sua voz, Mic deu um beijo em seu rosto e a abraçou também.

— Desculpa, Ka, muito trabalho...

— E blá, blá, blá — ela o interrompeu. — Oi para você também, mocinho. — Pietro acordou e esfregou os olhos avermelhados. — Venham todos, suas coisas chegaram, vão tomar um banho e depois comer. Nando na cozinha é um evento que não podemos desperdiçar.

— Realmente — Tim concordou e guiou nossos passos.

O restante da casa era tão bem decorado quanto a cozinha, os outros espaços foram decorados com esmero. Subimos uma escada, e Ericka nos conduziu ao quarto. Quase trombei com Michael, que parou no batente, seu olhar verificava o cômodo com atenção, como se esperasse ter algum inimigo à espreita. Eu só vi uma cama grande, ocupava a maior parte do

quarto, um guarda-roupas na lateral à esquerda e outra porta mostrando os móveis do banheiro. Havia bolsas em cima da cama, reconheci imediatamente a minha mala.

— Um dos funcionários de Ericka foi até a minha casa e trouxe algumas coisas para vocês — Tim informou. — Como pedido por Michael.

— Valeu, cara — o loiro agradeceu.

Tim nos deixou sozinhos, pude ouvir do corredor o cumprimento caloroso de duas pessoas e a voz animada da criança. Cruzei os braços sem saber o que fazer direito.

— Mônica, toma banho primeiro. — Michael indicou com a cabeça o banheiro, resolvendo o meu dilema. Só concordei com a cabeça e fui pegar uma muda de roupa dentro da mala e segui para lá.

O banheiro, abastecido, permitia me lavar da cabeça aos pés. Confesso que demorei mais do que pretendia, mas precisava tirar de mim todo aquele dia, nem que para isso precisasse esfolar toda a pele com a bucha macia. Ao sair do banheiro, Michael e Pietro me esperavam vendo TV.

Todo o tempo em que estive debaixo da água, só pensei em me limpar, mas quando os vi ali sentados, a vergonha veio com tudo. A minha vontade era me esconder dos seus olhos gentis, não merecia nada daquilo.

Michael entrou com Pietro no banheiro, separei uma muda de roupa do menino e fiquei esperando. A conversa do outro lado, abafada pelos sons da água, parecia estar animada. Andei de um lado para o outro, inquieta, e quando não suportei mais ficar ali, saí do quarto. Precisava respirar ar puro, as paredes queriam me engolir. Desci as escadas e abri a porta da frente, o gramado verde me recebeu. Havia uma piscina ao lado e brinquedos espalhados do outro.

— Mônica. — Olhei para trás e vi Tim parado à porta, vestia uma bermuda e camiseta, algo tão fora do padrão conhecido por mim. Eu me acostumei a vê-lo formalmente em suas roupas de policial.

— Só precisava de um pouco de ar. — Ele não disse nada, só sentou nos degraus em frente à casa e ficou me observando. — Me desculpe — falei depois de um tempo.

— Pelo quê?

— Por abrir a porta para aquele policial e...

— Não foi culpa sua — ele me interrompeu. — Nem do Michael. — Abri a boca e fechei em seguida, não sabendo o que responder. — Pela minha experiência, o que aconteceu hoje teria acontecido de qualquer maneira. O policial guardando sua casa aceitou propina, ele teria invadido a casa de qualquer maneira na tentativa de levar o Pietro.

— Mas...

— Não tem “mas”. Ele confessou, esquematizou tudo, veio construindo o plano desde que Pietro saiu do hospital. Levou um tempo, pois como o paradeiro de vocês era sigiloso, precisou averiguar aos poucos.

— Tim deu uma risada sem humor. — O engraçado de tudo isso é que o cara daria um ótimo investigador se não fosse tão mau-caráter.

— Eu...

— Da mesma maneira que está se culpando, Michael também está.

— Não deveria, ele nos salvou e...

— E não voltou para casa depois da reunião, eu o chamei para cumprir uns mandados. Afinal, esse caso é tão dele quanto é meu. Ele se culpa por não estar ao lado de vocês durante o ocorrido. — Tim deu de ombros. — Acredito que poderia ter dado uma merda bem grande se ele estivesse na casa.

— Como?

— A primeira coisa que fazemos quando chegamos em casa é guardar nossa arma, ainda mais se temos crianças em casa. Ele estaria desarmado, por isso as chances de dar merda seriam bem maiores. — Havia uma certa razão no que dizia. — Por experiência própria, converse com ele,

diga como se sente e escute o lado dele. Quase perdi minha Ericka por achar que tinha falhado.

— Michael contou que ela foi sequestrada. — Tim concordou com a cabeça.

— Meu irmão foi baleado no processo, me senti verdadeiramente um nada tendo as duas pessoas que mais amo em perigo e não podendo fazer nada. — Ele se levantou. — Merdas acontecem, mesmo tomando muito cuidado, então não se sinta culpada. Você já perdeu sua liberdade por causa dessas caras, não os deixe tirar mais nada.

Balancei a cabeça afirmativamente. Tim voltou para dentro, me deixando ali sozinha com meus pensamentos. Mesmo com as palavras dele, não consegui afastar o sentimento de que tudo aquilo aconteceu por minha causa.

— Senhorita — Pietro me chamou. — Vem comer. — O menino estendeu a mão, por mais que quisesse me afastar de todo mundo, não podia recusar seu convite. Entramos na casa, fui guiada de volta à cozinha, a mesa posta para nós três. — O Tim tem um clone, senhorita.

Ericka deu uma sonora gargalhada, o cara, que só podia ser irmão gêmeo de Tim, fez uma careta e ganhou uma cotovelada do irmão.

— Meu clone. — E riu também.

— São irmãos gêmeos, querido. — Não consegui conter o sorriso.
— Igual a Tina e ao Vic.

— Mas eles não são iguais, ela tem cabelo vermelho, ele é igual ao Tim, e são menino e menina, então aquele ali é um clone. — A lógica do Pietro poderia ser equivocada, mas não deixava de ser divertida.

— Gêmeos são pessoas que nascem juntos, eles podem ser iguais como Tim e Nando ou diferentes como Tina e Vic. — Não iria entrar na questão de ser extremamente raro o caso da minha amiga para não confundir a cabeça do menino.

— Entendi. Deve ser legal ter um irmão. — Merda, assim como eu, todos os adultos daquele lugar sentiram o peso daquela frase, o menino não tinha ninguém mais na vida.

— Ter um irmão é um pé no saco às vezes...

— Nando, olha a boca. — Ericka ralhou com o cunhado. — Temos crianças aqui, crianças que gostam de repetir tudo, então olha a boca, mocinho. — Ela colocou a mão na cintura, senti a aura de poder emanando dela.

Sentamos à mesa para comer, Ericka, Tim e Nando só nos acompanharam, a conversa girou em torno de família, algo leve. Notei naqueles instantes que sentia falta de sair entre amigos, conversar com

outros adultos. Antes de tudo isso acontecer, minha vida se resumia aos gêmeos, emprego e faculdade.

Algumas vezes, saía com colegas da faculdade, mas era como se fosse uma obrigação ter de socializar. Precisava mudar muitas coisas na minha vida, afinal recebi uma terceira oportunidade.

Nós nos despedimos perto da meia-noite e subimos para o quarto de hóspedes. Pietro, desmaiado no colo de Michael, foi posto na cama. Chegou a hora da verdade, teríamos de conversar.

— Me desculpe — Michael pediu. — Deveria estar na casa com vocês...

— Eu não deveria ter aberto a porta.

— Isso é ridículo. — Michael sentou na beirada da cama, suspirou fundo. — Estamos nos culpando, e não temos culpa de nada.

— Sim. — Fui até ele e sentei no seu colo. — Me sinto estúpida por abrir a porta.

— Não deveria, ele é um policial, eu também teria aberto a porta. — Michael passou as mãos pelo cabelo crescido, pareceu ter passado anos desde aquele dia no apartamento com os gêmeos. — Você deve ter ficado

com medo quando atirei... — Ele não olhou nos meus olhos quando perguntou aquilo.

— A verdade? — Levantei seu queixo e o fiz me encarar. — Minha preocupação ficou toda no fato de ter aberto a maldita porta e ter nos colocado naquela situação.

— Tive que atirar, se ele tivesse colocado você na frente do corpo, não poderia ter feito isso...

— Confio em você, Michael. Agiu da maneira que achou melhor para nos proteger — eu o interrompi e dei um selinho em seus lábios.

— Não quero que tenha medo de mim, prometo que nunca vou te machucar. A arma é um instrumento de trabalho que usei poucas vezes em toda minha vida, e sempre como última alternativa.

— Entendo isso, não tenho medo de você. — Eu o abracei. — Na verdade, é o completo oposto, nunca me senti tão protegida em toda minha vida como quando estou com você.

— E nem precisa. — Ele pegou a minha mão e deu um beijo nas juntas. — Você sabe se cuidar sozinha, é uma verdadeira tigresa.

— Fiz aula de defesa pessoal depois que Bruno apareceu na minha vida uma segunda vez, prometi nunca mais ficar à mercê de ninguém, e,

bem, não consegui...

— Não, não diga isso, havia uma arma na jogada, nesses casos não tem o que fazer. Por mais Mulher-Maravilha que você seja, não é à prova de bala.

— Você me coloca em um pedestal que não mereço.

— Bom, aceita, que dói menos. — Seus lábios se curvaram em um sorriso zombeteiro.

— O que falei de usar frase dos meus amigos? Tenho a custódia delas. — Michael deu de ombros e deu vontade de apertar suas bochechas, aquele tratante.

— Vamos dormir, Tigresa. Só podemos brigar sobre qualquer coisa quando tivermos um lugar mais íntimo para fazer sexo de reconciliação.

— Michael!

— Que foi? Nunca ouviu falar disso? — O descarado me deu um beijo estalado nos lábios. — Vamos brigar, sim, mas não agora, só quando tiver um quarto só nosso, fechado?

— Não quero brigar com você. — Levantei do seu colo. — Mas aceito sexo de qualquer maneira — sussurrei isso em seu ouvido, por cima

do ombro chequei se o menino dormia. — Meu homem da lei. Acho que vou te chamar de Xerife.

— Tigresa, precisa melhorar esses apelidos aí.

— Que tal meu amor? — Os olhos bonitos se arregalaram diante daquela pergunta. Eu me aproximei e passei a mão por suas madeixas loiras. — Amo você, Michael.

— Eu também, Tigresa.

Naquela bagunça toda, minha única certeza era aquela: eu amava o meu policial.



Capítulo 20



Michael

As coisas pioram muito para enfim começarem a melhorar. Entrei em uma briga ferrenha para me manter como policial responsável pela segurança de Pietro e Mônica; o conflito de interesses era real, porém não deixaria os dois na mão de ninguém. O tal chefe foi finalmente descoberto, não pelo testemunho de Pietro, mas sim por outros envolvidos.

Nunca vi uma investigação correr tão rápido tão e minuciosamente como aquela, mas quando se trata de pessoas influentes envolvidas, a própria polícia e alguns órgãos federais, as coisas tendem a ser mais urgentes, para abafar o caso.

Várias pessoas que trabalhavam em portos e aeroportos foram presas, a operação ficou bem conhecida na mídia pela força-tarefa entre a polícia brasileira e italiana e foi amplamente divulgada. Conseguimos manter tanto o nome de Mônica como de Pietro bem longe da confusão.

Foram mais alguns meses de investigação até tudo ir a julgamento. Felizmente tínhamos muitas provas contra todos os envolvidos, e o promotor não usou o testemunho dos dois; seus depoimentos foram incluídos nos autos.

Depois de muito procurar, achamos uma parente de Pietro, uma senhora internada em uma clínica para idosos. Diagnóstico: Alzheimer; o filho pagava o lugar. Ela era muito bem cuidada, mas sem nenhuma condição de cuidar do menino. Naquele dia, tomei uma decisão: não o deixaria, não depois de todo aquele tempo juntos, formamos um laço afetivo. Sem ninguém para cuidar dele, iria para um abrigo.

Só precisava conversar sobre isso com Mônica, nosso relacionamento ainda andava sobre gelo fino. Não tínhamos nem começado a namorar direito e já passamos a viver juntos devido às circunstâncias. Isso não queria dizer que ela toparia ir de “estamos saímos juntos” para “venha morar comigo e vamos criar uma criança”.

A batalha que teríamos pela frente seria enorme, sondei Diana, e ela me garantiu que a ONG das Amazonas nos ajudaria, inclusive falei com uma advogada. O fato de eu já ser um pai adotivo certificado pela vara da infância contava muito.

Estávamos de volta à casa de Tim, onde morava com Ericka, viemos direto da casa segura onde fomos colocados, no interior do estado, depois da prisão de Rafaelli. Pietro brincava com o cachorro da família, Mônica dava de comer à filha de Tim. Vi fruta por todo o babador da menina, não aceitava muito bem ser alimentada, queria fazer as coisas à sua maneira. Mais parecida com o pai, impossível.

— Posso me sentar aqui? — perguntei, apontando a cadeira ao lado dela, na varanda dos fundos.

— Claro. Sua cara diz que vêm más notícias por aí.

— Na verdade, não sei se é má ou boa notícia, queria conversar com você sobre Pietro. — Olhamos o menino jogando a bola e esperando o cão ir buscar. — Eu vou entrar com o pedido de guarda temporária dele, e se tudo der certo, um dia desejo o adotar. — Esperei por sua resposta, Mônica limpou as mãos em um pano, pegou o celular e me entregou.

— Estava pesquisando sobre isso também. — Vi o site com as informações sobre como adotar uma criança. — São muitas etapas até se

tornar apto a ser um adotante...

— Eu sei, já passei por todo o processo. — Vi a surpresa em seu olhar. — Não esperava ter uma mulher no futuro, então, uns anos atrás, comecei todo o processo.

— Como foi?

— Primeiro precisei ir à vara da infância e juventude mais próxima de casa, preenchi um cadastro e levei uma série de documentos, desde atestado de antecedentes criminais, financeiro, mental e de idoneidade, tudo com firma reconhecida.

— Essa deve ter sido a parte mais fácil, não é?

— Sim. Veio então a entrevista com uma equipe multidisciplinar, eles queriam saber de tudo, conheceram a minha casa. A assistente social ficou preocupada com a segurança do menor por causa da minha profissão.

— Pela arma? — Fiz que sim com a cabeça.

— Ela conheceu a minha família, ficou satisfeita com o sistema de apoio que poderia ter.

— Você preferiu por adotar bebês?

— No programa de preparação para adoção, revi meu perfil de criança. Como trabalho por turnos, não podia escolher uma criança com

doenças graves, não teria tempo necessário para cuidar desses anjinhos, não seria justo com elas. Preferi que não fosse recém-nascido, por insegurança de cuidar de alguém tão pequeno. — A menina ofereceu um pedaço de manga, e quando e comi da mão dela, bateu palminhas, animada. — Então escolhi crianças de dois a sete anos, com ou sem irmãos e de qualquer raça ou sexo.

— Então você é certificado?

— Sim. O meu parecer foi favorável uns seis meses antes de tudo isso acontecer, ele é válido por três anos. Posso esperar por uma criança no meu perfil ou então entrar com um advogado para adotar alguém específico. — Peguei em sua mão. — Quero fazer isso por Pietro, mas será uma batalha bem complicada, pois envolve leis internacionais.

— Mesmo o Pietro tendo status que tem? — Fiz que sim com a cabeça. Um pouco depois do ocorrido, um juiz me deu um parecer favorável, definindo o menino como refugiado.

— Falei com a Diana, e ela já me colocou em contato com uma advogada muito boa. — Hesitei. — Não serei mais um homem sozinho daqui para frente.

— Te amo mais por isso. — Senti todo o ar dos meus pulmões se esvaziando, não deveria me surpreender por sua resposta. Mônica era a

mulher certa para mim, só precisava convencê-la disso.

— Talvez me ame a ponto de vir morar comigo? — Não era como se não estivéssemos fazendo isso há algum tempo.

— Podemos ir com calma? — Ela pediu depois de um tempo pensando. — Não tivemos tempo de namorar, e já fomos morar juntos por causa desse negócio de proteção a testemunhas. Que tal dar um passo atrás? — Seu rosto ficou avermelhado. — Tenho medo de daqui a algum tempo nos arrependamos disso por não termos tempo de realmente nos conhecer. — Ela tinha razão, não que a rejeição tenha doído menos. De novo.

— Ok. Entendo seu lado. Mas discordo. Acho que não vou me arrepender dessa escolha, pensei muito bem sobre tudo nos últimos dias e cheguei à conclusão de que gosto da gente junto como uma família. — Levantei da mesa e sorri para ela. — Vou te esperar também chegar nessa conclusão e, quando isso acontecer, serei o homem mais feliz do mundo.

— E se não acontecer?

— Tenha um pouco de fé em mim, mulher. — Dei um beijo em seus lábios. — Sou ótimo na cozinha, preparei a melhor comida de todas, vou começar por aí. Sou ótimo na sala, nem durmo nos filmes de drama que gosta e ainda compro chocolate. — Ela riu. — E, com toda certeza, sou ótimo na cama, tenho tudo ao meu favor.

— Cara. — Olhei em direção da porta e vi meu amigo passando por ela. — Não sei qual é o assunto, mas se precisa falar em voz alta que é ótimo na cama, tem algum problema aí.

— Não tem não, Tim — Mônica falou. — Isso é um fato, ele é muito bom.

— Tem gosto para tudo nesse mundo. — Soquei o braço do meu amigo, de brincadeira.

— Idiota. — Entramos logo depois dessa conversa, o almoço posto na mesa, em um clima leve e descontraído. Finalmente poderíamos relaxar, o pior ficou para trás.

Dias depois

Caralho! Nunca uma pasta com meia dúzia de papéis teve um peso tão grande... Quer dizer, é um monte de papel, na verdade. A advogada da

ONG acabou de me entregar todos os documentos referentes à guarda provisória de Pietro. Um pequeno passo na longa caminhada. Confiei na minha vitória.

Saí do juizado de menores com o sol escaldante querendo me derreter dentro do traje formal. Precisava passar no departamento pessoal da polícia, entregar uma cópia daqueles papéis e pegar a minha licença-paternidade. A advogada ajudou nisso também, eu ficaria os cento e oitenta dias em casa. Um direito de mães, mas, como pai solteiro, tive acesso a esse benefício da lei.

Precisava de um tempo necessário para colocar tudo em ordem, arrumar o cantinho do menino, que só tinha o básico, cama, guarda-roupas, arrumar mais roupas, calçados, brinquedos, além do material escolar e principalmente a escola e ajustar o horário da terapeuta infantil.

Felizmente Mônica estava ao meu lado em cada momento, já organizando um chá de menino grande, como apelidou; fez um evento no Facebook convidando todo mundo para conhecer Pietro. Algo parecido com o chá de bebê, mas ajustado ao tamanho do garoto. Minha cunhada me ligou dizendo que separou um monte de coisas de seus filhos para nos doar, Chay, a mesma coisa. Ericka já queria ser a madrinha do menino e o encher

de coisas, o pessoal do departamento fez uma vaquinha e comprou um videogame.

Mesmo assim, achei melhor ir ao shopping comprar algumas coisas junto com Pietro. Confesso, não entendi metade do que Mônica ia me falando enquanto pegava as peças, Pietro ficou ao meu lado tão perdido quanto, só se soltou quando fomos comprar os tênis. Ali, dei uma contribuição maior nas escolhas, fomos em uma loja de esportes que permitia usar alguns equipamentos, o menino testou algumas chuteiras até que gostou de uma.

Liguei para Quim e perguntei se podia nos encontrar. Como era sábado, o ruivo topou. Meia hora depois, estávamos os dois adultos e três crianças correndo pelo gramado ao lado da loja. O menino se soltou mais com as crianças de sua idade, e o peguei sorrindo para Tina uma ou outra vez.

Esses pensamentos me fizeram lembrar que estava todo mundo na casa do ruivo esperando notícias.

— Mônica, conseguimos. — Foi a primeira coisa que disse quando ela atendeu o telefone. O grito que deu do outro lado me fez quase ficar surdo. Trocamos algumas palavras, e eu rumei para a delegacia. Depois de

resolver meus problemas com o RH, não pude deixar de ir até a minha mesa pegar algumas coisas.

— E aí, mano? — Tim me cumprimentou no corredor, leva consigo uma caixa lacrada com evidências. — Boas novas?

— Estou saindo de licença-paternidade — respondi com um grande sorriso no rosto. Tim colocou a caixa no chão e veio me cumprimentar, demos um sonoro aperto de mãos.

— Estou muito feliz por você, cara, ser pai é uma coisa muito boa. — Concordei com a cabeça. — Vai perder a diversão por aqui. — Ele apontou com a cabeça para a sala de reuniões. — Quanto mais cavamos, mais sujeira aparece.

— Estou de boas, preciso me preocupar com escola, psicólogos, time de futebol, então deixo essa para você, parceiro.

Eu me despedi dele e de alguns colegas, estava tranquilo em deixar a investigação para trás. Só queria chegar em casa e abraçar o meu menino.

Além de toda a papelada da adoção, a advogada me ajudou nos trâmites referentes ao inventário de bens do professor, pai de Pietro; muitos deles foram confiscados por causa da sua ligação com o contrabando de obras de artes, motivo pelo qual foi morto. Restaram somente aqueles bens

frutos do seu trabalho como professor, uma casa alugada, já que morava na faculdade, e uma pensão fruto de uma previdência privada.

A casa, mantive alugada, o dinheiro, destinado a continuar a pagar o lar de idosos onde a avó dele morava. O homem poderia ser um bandido, mas cuidava muito bem da senhorinha. Eu precisava verificar os arranjos da transferência dela para sede em São Paulo, pois seria melhor levar Pietro aos finais de semana para um espaço próximo do que viajar quilômetros até Minas Gerais, de onde ela residia. Tudo dependia do parecer dos médicos, se eles autorizassem a viagem.

A pensão do governo que Pietro receberia pelo status de refugiado garantiria que esse nosso começo fosse tranquilo nas questões financeiras. Não que meu salário como policial não desse conta, mas precisava pensar no futuro. Criaria um fundo de pensão em seu nome em que só poderia mexer depois dos dezoito anos.

Tudo caminhava bem, agora o desafio seria entrarmos em uma rotina. A adaptação estava me deixando acordado à noite, com um medo danado de fazer merda. Até porque o menino já sofreu demais com toda aquela história. Quando falava sobre isso com a minha psicóloga, ela me pedia para ter calma. Como ter calma numa hora dessas?

Ao sair da delegacia, meu celular tocou com um alerta de mensagem, Mônica mandou uma foto dela e de Pietro na cozinha. O menino temperava uma sala. Logo abaixo havia um áudio:

“Tio, Mic, vem logo para casa, para gente comer”, o forte sotaque do garoto estava presente em sua fala, às vezes parecia que saía algo parecido com espanhol. Tina se encantava com essa maneira dele de pronunciar as palavras. A menina não saía de seu pé, o que foi bom, porque o ajudou a ir se soltando. Ninguém resistia à doçura da menininha.

Olhar o rosto sorridente da minha Mônica me lembrava a importância daquela mulher na minha vida. Ela ouvia todos os meus temores e me apoiava em tudo — confesso que sem ela eu estaria pirando de verdade. Lembrei da frase “atrás de um grande homem existe uma grande mulher”, para mim, totalmente errada, deveria ser “ao lado ou na frente de um homem assustado tem uma mulher o apoiando e não o deixando desistir”, ou coisa do tipo.

No caminho da casa da Chay, passei em uma pequena cafeteria onde encomendei bolo e salgados. Aquele dia se tornaria uma data comemorativa para minha pequena família.

Estacionei o carro e vi aquele idiota na porta; respirei fundo e pedi paciência ao meu Deus. Eduardo, uma pedra no meu sapato. Queria ir lá e falar “perdeu, mané, ela é minha”, mas se eu fizesse isso, estragaria tudo com Mônica. Logo agora que estava ganhando, não poderia cometer uma falta dessas.

Falando nela, a vi abrir o portão. Fiquei parado observando os dois, não dava para ouvir a conversa, só sei que o sorriso que Mônica estampava no rosto ao abrir a porta foi murchando até seus lábios formarem uma linha. Seja lá o que o babaca tenha dito fez a minha Tigresa mudar drasticamente. Foi impossível meus lábios não se curvarem em um sorriso vitorioso. Não poderia dizer em voz alta o que passava na minha cabeça, mas eu deixaria bem claro e estampado no meu rosto.

Ah, Eduardo, perdeu, mané.



Capítulo 21



Mônica

Puta merda, Eduardo com as merdas dele, quem ele pensa que é para me cobrar visitas aos meus afilhados? Ainda tem a pachorra de falar: “quem é vivo sempre aparece”. Calma, Mônica, ele, como sempre, não sabe da missa a metade.

Quase fechei o portão quando escutei um psiu, olhei para a rua e vi o loiro acenando do carro. Meu mau-humor foi embora rapidinho, deixei o portão encostado e fui ao seu encontro, Michael me pegou pela cintura, me ergueu do chão, alcançando a minha boca, me deu um beijo rápido e me rodopiou.

— Consegui — disse ao meu colocar no chão, a felicidade transbordando em sua expressão. Comecei a rir de alegria e alívio. Michael

tinha perdido o sono às quatro da manhã, preocupado com a audiência, tentava não transparecer, mesmo que seu nervosismo fosse justificável.

— Parabéns, meu amor. — Ele me colocou no chão, e juntamos nossas cabeças.

— Vou ser um bom... pai?

— Um maravilhoso, o que está fazendo por Pietro já é uma amostra disso — reafirmei o que vinha falando todos aqueles dias. Acompanhei de perto todo o processo, as visitas da assistente social, entrei em um grupo de apoio para pais adotivos e o incentivei a fazer o mesmo.

Mesmo separados, pois voltei ao meu apartamento, nos falávamos quase toda hora, e confesso: sentia muita falta de estar o tempo todo com eles. Afinal, passamos meses juntos. Mas precisava disso, colocar as coisas em ordem na minha cabeça.

Quando pude enfim sair do lugar seguro, passei uns dias com a minha família, voltei à casa dos meus pais, conversei muito com a minha mãe sobre o passado, coisas nunca ditas antes, o que abriu algumas feridas e ao mesmo tempo cicatrizou outras. Ganhei vários conselhos sobre casamento e, quando conheceu Michael, se encantou com ele.

— Comprei algumas coisas para comemarmos. Me ajuda? — Balancei a cabeça afirmativamente, pegamos tudo dentro do carro.

— Eduardo está aqui — falei, hesitante.

— Eu sei, vi quando chegou, quanto estacionei o carro. —
Impressão minha ou vi uma expressão de contentamento com a chegada do
outro? — E Pietro, como anda?

— Ah, Tina o puxa para todos os lados, começou a ensinar a ele
golpes de caratê, acho que você vai precisar inscrevê-lo em um dojo.

— Esperava futebol, mas caratê é tão bom quanto. Já faço artes
marciais, vai ser mais uma coisa para fazermos juntos, assim fico mais
perto dele.

— Acho que vou precisar entrar na academia, assim posso
acompanhar vocês dois.

— É sempre bom rever os golpes de defesa pessoal que aprendeu,
quero minha Tigresa com as garras afiadas. — *Não é sobre o meu peso?*,
pensei. — Aliás, sua mãe disse que você fazia dança do ventre, quando vou
ganhar um show particular?

— Acho que não lembro mais como se faz...

— Não tem, problema, só de imaginar você naquelas roupas, ai, ai,
ai. — Rio de sua cara de safado quando entramos na garagem de casa.

— Tio Mic! — Tina gritou, animada, e veio correndo com os outros dois meninos atrás dela. — Você trouxe bolo, está fazendo aniversário? — ela perguntou quando o gigante loiro agachou no chão.

— Não, esse bolo é para comemorarmos outra coisa. — Ele deixou as sacolas com refrigerante e suco no chão e pegou uma pasta em cima da caixa. — Aqui dentro tem um papel muito importante em que está escrito que o Pietro poderá ficar comigo. Lembra quando conversamos, amigão? — Michael perguntou para o menino.

— *Sì*. — Pietro encarou a mim e depois as crianças. — Vou ter que te chamar de pai?

— Não, você pode me chamar do que você quiser.

— Eu contei para ele que tenho um amigo que tem dois pais e nenhuma mãe — Vic disse. — É bem legal.

— Verdade, cara. — Mic fechou a mão e mostrou para o menino, Vic fez o mesmo, e eles se cumprimentaram dessa maneira. Tina fez o mesmo, e Pietro os imitou. — Pê, eu só quero cuidar de você, tudo bem me chamar de tio Mic.

— Tá bom. — O menino sorriu. Um grande sorriso mostrando todos os dentes, como queria apertar as bochechas dele. — E a senhorita, posso chamar de tia Momo?

— Mas é claro. — Pisquei várias vezes para que as lágrimas não caíssem. — Agora vamos almoçar, depois tem bolo.

— Vem, Pê, vamos lavar as mãos para os bichinhos que não vemos não invadirem nossa barriga. — Tina agarrou a mão dele e o puxou.

— Foi assim o dia todo — comentei com Michael.

— Preciso ver com a Chay se posso levá-los lá em casa para brincar, assim a casa vai parecer menos estranha a ele. — Concordei com a cabeça e fomos em direção à cozinha.

— Quanta coisa. — Chay exclamou, olhando o que trazíamos nos braços.

— Pensei em tornar esse dia memorável, como um aniversário ou algo do tipo. — O rosto de Michael ficou avermelhado. Que bonitinho, ele ficou com vergonha.

— Faz bem, precisamos comemorar as coisas boas. — Colocamos o bolo e as bebidas na geladeira, e os salgados, no forno. A casa toda cheirava à comida. — Agora posso te dar um abraço. Parabéns, novo pai, bem-vindo aos melhores e piores anos da sua vida. Não vou te enganar, cada dia é um desafio diferente, você vai perceber que às vezes a gente vai falhar e em outras, acertar. Aproveite cada minuto, porque ele pode ser único, se posso te dar um conselho. — Michael concordou com a cabeça, prestando bem

atenção nas palavras dela. — Não se cobre tanto, sei que é difícil, eu mesma tenho dificuldade de seguir o meu próprio conselho, mas no fundo tudo vai dar certo no final.

— Obrigado, Chay. — Ele entrelaçou os dedos no meu. — Não tem sido fácil, mas Mônica está ao meu lado. Ainda não estou no ponto...

— De fugir para as colinas? — minha amiga interrompeu.

— Sim. — Riu Michael. — Tenho conversado bastante com meu irmão e com Quim também, pegando umas dicas.

— Ih, cara, precisando de dicas? — Claro que Eduardo tinha de aparecer logo agora, não é?!

— Sim, Eduardo. Quando eu não sei das coisas, pergunto ou estudo. — Michael apertou a minha mão. — Ainda mais se tenho tão bons exemplos como Chay e Quim no assunto.

— Viu, Quindim, sou um exemplo — Chay tentou fazer graça para desanuviar o clima.

— *Mãeee*. — Tina veio correndo. — Tô com fome.

— Aí vai uma pérola de sabedoria do livro da Chay, Mic. — Chay apontou a filha. — Sempre alimente os monstros, assim eles ficam quietos. Por cinco minutos.

— Anotado, mestra Chay. — Mic fez uma reverência.

— Vê, aprende com ele, Duuu, assim, quando você tiver filhos e quiser que eu te dê dicas, vai ter que me tratar como uma mestra.

— Mic, não alimente a senhora mostrinha. — Quim ganhou um tapa da esposa. — Michael é pai de primeira viagem, Edu. — Quim esclareceu ao babaca. — Tudo é novo e desafiador. — Ele pegou a filha no colo. — E maravilhoso, não é, minha princesinha?

— *Papito* lindo do meu coração. — Tina pegou o rosto do pai na mão. — Minha barriguinha está fazendo nhoc, nhoc.

— Então vamos encher, lavou bem as mãos? — A menina balançou a cabeça, suas trancinhas foram de um lado para outro.

Fomos guiados à mesa do lado de fora. Chay fez macarronada, porque Pietro não comia outra coisa, outro motivo para Michael ficar obcecado por todo tipo de comida italiana. Ele procurava receitas para todas as refeições, achou um empório no Bexiga que vendia produtos importados. Estava tentando fazer o máximo possível para alimentar bem o menino e só relaxou um pouco quando Quim disse a ele que Vic entrou em uma fase que queria comer brócolis todos os dias; aquilo era coisa de criança.

— Quer que eu corte a sua carne, campeão? — Michael perguntou a Vic.

— Por favor, tio Mic. — Pietro observou o amigo e ofereceu seu prato para que a carne fosse cortada. Michael depois teve de fazer o mesmo com Tina. — Tio, cadê sua arma?

— Ficou em casa.

— Mas você não é policial? Não tem que usar ela sempre?

— Não, Vic, só uso a minha arma quando estou trabalhando.

— Para proteger as pessoas, não é, tio Mic? — Pietro perguntou. — Igual você fez aquele dia com o moço ruim que ia machucar a tia Momo.

— Como assim machucar a tia Momo? — Eduardo perguntou.

— Estava sendo protegida, pois presenciei um crime — respondi.

— É, tio Duuu, a tia Momo foi uma *eloina*. — Tina falou orgulhosa.

— Heroína — Chay a corrigiu. — Foi danada de corajosa, isso, sim. — Ela contou nos dedos. — Salvou Pietro de sequestradores, fugiu de um lugar cheio de seguranças...

— Com sua ajuda — interrompi.

— Chamei um Uber, larga de ser boba. — Revirei os olhos. — Depois teve que ficar na proteção à testemunha, lutou pela vida contra malfeitores.

— Michael me salvou.

— Tigresa, aceita, que dói menos, você é fo... — Michael se interrompeu, olhando as crianças. — É uma heroína.

— É, sim, senhorita, você me salvou — Pietro concordou.

— Faria tudo de novo. — Abracei o menino. — Mas o senhor também foi muito corajoso, contou para Tina e para o Vic sobre a janela? — Ele balançou a cabeça em negativa. — Pietro aqui acionou o alarme da primeira casa segura onde ficamos, foi assim que Michael soube que estávamos com problemas e veio nos ajudar.

— Uau. — Tina bateu palmas. — Quero ser policial também.

— Você não ia ser uma ninja, Tina? — Olhei o rosto de Eduardo adquirindo uma expressão de desgosto.

— Posso ser uma ninja policial, tio Mic?

— Você pode ser o que você quiser, mas vai ter que estudar bastante para ser policial.

— E comer os legumes. — Chay apontou o prato da menina.

— Tem que comer beterraba, tio? — A cara de nojo da menina me fez segurar o riso.

— Precisa ter uma alimentação balanceada, com todas as vitaminas. Se você não gosta de beterraba, pode comer outra coisa no lugar. — Quim veio ao socorro de Michael, que olhava os meus amigos sem saber o que responder. — Por exemplo, cenourinha.

— Eu gosto de cenourinha. — Tina começou a falar todos os alimentos que sabia e perguntar a Mic se precisava os comer para ser uma policial-ninja.

Eduardo ficou quieto o restante do tempo, percebi os olhares lançados à minha pessoinha. No final do almoço, quando levava os pratos para cozinha, ele me encurralou, pedindo mais explicações sobre o assunto da mesa. Apenas contei a ele por alto o ocorrido.

— Por isso você sumiu? Achei que estava me evitando.

— Nunca estragaria meu relacionamento com as crianças a fim de te evitar, Eduardo. Você sempre tirando conclusões precipitadas.

Um cansaço tomou conta de mim. Com Eduardo era sempre assim, se eu fosse parar para pensar, nosso relacionamento começou com os preconceitos dele.

Ele olhou, trocou meia dúzia de palavras comigo e fui taxada de arrogante e esnobe.

Quando não quis um relacionamento com ele, me chamou de vazia.

Agora que fiquei longe das crianças, e o problema foi meu ponto final com ele.

— Sabe, Eduardo, você se dá muito crédito. Minha vida não gira em torno de você. Porque simplesmente não vai ser feliz com sua namorada, ou sozinho, ou com quem quer que seja? — Não o esperei responder, naquele momento eu não estava sentindo absolutamente nada, nem tristeza, nem raiva, nada. — Daqui para frente, vou pedir a você que seja cordial quando estivermos perto das crianças, somos padrinhos deles, fora isso, não me dirija mais a palavra, não precisa nem ser educado. Vamos manter a cordialidade.

— Mônica...

— Não, para mim chega. Você aqui me cobrando, como se tivesse algum direito, atacou meu namorado...

— Agora é namorado?

— Sim, Michael é meu namorado.

— Então eu teria que te sequestrar para ser aceito?

— Você me perguntar isso só mostra o quanto precisa urgentemente de tratamento da cabeça. — Respirei fundo. — Acabou, Eduardo, quero que

me entenda, não tem mais volta, não quero você na minha vida nem como amigo.

— Foi só uma brincadeira...

— Não quero saber. Enquanto estivermos no mesmo ambiente, evite falar comigo.

— Tudo bem aqui? — Michael entrou na cozinha.

— Sim, está tudo bem.

— Vem cá. — Michael estendeu a mão e esperou, eu me aproximei e ele me abraçou; não disse mais nada. Fiquei ali, cercada por seu amor, um amor tranquilo sem cobranças, sem amarras, fácil.

Lembrei da primeira vez em que nos vimos, Michael sendo profissional, distante. Eu o achei bonito, mas não tive muito tempo para formular qualquer coisa a respeito. Na segunda vez, as minhas feridas físicas e na alma não me deixaram enxergar nada; na terceira vez, conversamos, foi como se já nos conhecêssemos há anos. A conversa fluiu, e quando vi, falamos sobre vários assuntos. A atração física nasceu, e terminamos em um quatinho. Agi totalmente fora dos meus padrões, nunca fiz sexo com alguém no primeiro encontro. Não dava para contar os outros dois como encontros.

— Obrigada.

Michael balançou a cabeça e desviou o olhar, seus traços tranquilos mudaram drasticamente. Encarou Eduardo, a frieza fez um calafrio percorrer minha espinha.

— Eduardo, quero deixar uma coisa bem clara para você. — O tom baixo das suas palavras só reforçou o ar de perigo. — Apesar de a Mônica ser capaz de lutar suas próprias batalhas sozinha, ela não está só. Estou na casa de seus amigos, e isso é a única coisa que me impede de partir sua cara. Não sei o que houve aqui, mas basta ver a chateação no rosto de Mônica para já ser o bastante. Eu só vou falar isso uma vez: afaste-se ou você não saberá de onde veio meu punho e aprenderá a respeitar a minha mulher.

Bom, esse “minha mulher” no final me derreteu toda, mesmo sendo bem possessivo.

— Estou indo embora.

— A casa não é minha, faça o que achar melhor, *parça*. — Michael deu um sorriso de canto de lábios, lá vem bomba. — Vamos, tesouro, não se junte com essa gentalha.

— Meu Deus, eu estraguei você. — Caí na gargalhada.

— Se vocês estão rindo, quer dizer que não vou precisar dar na cara de ninguém? — Chay perguntou da porta. — Dá para trazer o bolo? Tenho três formiguinhas querendo açúcar.

— Estou levando. — Eu me soltei do abraço do meu policial, dei um beijo em seu rosto e agradei em silêncio.

Dali para frente as coisas correram tranquilamente, Eduardo ficou e comeu um pedaço de bolo porque Tina quis que ele ficasse. Mas foi só terminar o prato, se despediu. O clima melhorou muito, ficamos mais à vontade, passamos a tarde rindo e conversando enquanto as crianças brincavam e corriam pelo quintal.

— Precisava conversar contigo sobre me mudar para casa do Mic.
— Estávamos na cozinha, expulsei todo mundo para poder conversar com a minha amiga.

— Vão morar no apartamento dele?

— Está quitado.

— Vamos precisar de sal, água benta e um pé de cabra.

— Oi? — Parei de cortar a cebolinha, estávamos fazendo cachorro-quente.

— Ele não morou com a esposa lá? — Fiz que não com a cabeça. —
Vai que o fantasma dela resolva te assombrar.

— Charlene. — Coloquei as mãos na cintura.

— Piadinha idiota e insensível, mas temos um ponto: acha que a ex
será um problema?

— Na verdade, o problema do nosso relacionamento sou eu. Não me
sinto intimidada pela ex, sinto que vou estragar tudo.

— Quer saber a real?

— Sim.

— Toma vergonha nessa sua fuça e para de *bichice*. — Delicada
como uma pata de elefante. — Vocês dois se conhecem há bastante tempo,
ficam nesse chove e não molha, só ficando. — Ela deu ênfase na última
palavra. — Tá, sexo é bom, não ter compromisso também, mas sabe o que é
melhor?

— O quê?

— Dormir de conchinha. Chegar em casa e ter com quem falar,
dividir as alegrias e tristezas de ser mãe, contar seus sonhos, tomar uma taça
de vinho depois que as crianças vão dormir e ser abraçada. Brigar pelo
controle, fazer sexo de reconciliação, querer matar alguém por deixar a

toalha molhada em cima da cama e dar um monte de beijos quando recebe café na cama.

— Suportar a TPM. — Quim apareceu na cozinha e foi até a geladeira, retirou latas de cerveja de dentro. — E amigas ligando à uma da manhã, ou invadindo sua casa e dormindo contigo na mesma cama.

— Se fecha, mala velha. — Quim foi até ela e puxou suas tranças até os lábios de ambos se tocarem em um selinho. — Casar é um saco, não recomendo para ninguém. Mas casar também é incrível, e eu totalmente recomendo para todo mundo.

— Você foi muito confusa agora.

— Meu querido docinho estragado, se joga, vê no que vai dar. E se não der certo, porra, você tentou, pare de viver no passado. Michael não é o Bruno, o Hambúrguer está morto e bem enterrado. — Chay tomou fôlego para continuar. — Vi vocês dois juntos, o jeito como ele cuida de você, a maneira que seus olhos brilham quando fala dele...

— Falo muito dele, né?!

— Sim. O homem gosta de crianças, para aguentar a Tina no pé sem surtar... Vamos dar uma medalha ao homem.

— Meu anjinho é perfeito — Quim resmungou.

— É uma miniatura de mim.

— Por isso é perfeita. — Concordei com Quim. — Mônica... Michael é o cara certo para você, e vou intervir aqui, coisa que não fiz com Eduardo, porque meu amigo de longe não era bom para você.

— Mas seria um casal perfeito, Eduardo e Mônica — Chay disse.

— O perfeito nem sempre é o bom, minha linda. O policial é todo sério e certinho, e Mônica é toda fofa, como você diz. Se for ver, eles são como nós, imperfeitos perfeitos.

— Meu Deus, que homem, Senhor! — Chay deu um gritinho. — E aí, gato, tem namorada?

— Tenho uma esposa e uma filha, só preciso dessas duas garotas na minha vida.

— Oh! Que garotão esperto. Momo linda do meu coração, aceita, se não der certo, paciência. Sempre estarei aqui, nós expulsamos o Quim da cama e ficamos juntas.

— Sério, Charlene?

— Cara, ela é minha pessoa, você pode ser o meu amante, eu deixo.
— Ri gostoso com sua cara sapeca.

— Vou pensar...

— Faz lista de prós e contras, igual àquela que fiz com Quim. —
Lembrei de uma noite, uma garrafa de vinho e a lista que fizemos ali
mesmo naquela sala.

— Sua lista só tinha contras — lembrei.

— O que eu posso fazer? Foi o tanquinho definido e o cabelo
vermelho que me convenceram.

— Você aceitou casar comigo só por causa do meu corpo? —
perguntou Quim, indignado.

— Não, aceitei ter um relacionamento com você por causa do
tanquinho, quando ainda não tínhamos nada. Estava bêbada e com raiva de
você por algum motivo que não lembro.

— Você viu Quim aos beijos com uma loira oferecida que não
segurou o elevador para você.

— Ah! Verdade, era por isso.

— Você estava tão na minha. — Quim gargalhou.

— Ela estava, sim, e você também, só eram teimosos demais. — Os
dois estavam revirando os olhos.

— Se você for agora na sala, vai encontrar um homem de dois
metros de altura, policial, que enfrenta bandidos, deixando uma garotinha

prender o cabelo dele com presilhas. — Quim puxou o celular do bolso e mostrou para ela. — Estou fazendo um mural de fotos de vítimas da Tina.

— Que maldoso, Quim. — Chay pegou o celular da sua mão. — Se usarmos isso como chantagem, conseguiremos mandar as crianças para uma faculdade boa e internacional, tipo Harvard.

— Adoro essa sua mente maquiavélica.

— Meu Deus, Chay, você está estragando o Quim — acusei.

— Chayezei ele. — Gargalhei. — Agora chispa, que temos que fofocar. — Depois que Quim saiu, Chay virou para mim. — Vai dar tudo certo, seja qual for a sua decisão.

A decisão foi tomada há muito tempo.



Capítulo 22



Michael

Finalmente conseguimos entrar em uma rotina. Pietro e eu acordávamos cedo, quando o menino não tinha pesadelo. Eu o levava até a escola, a mesma de seus novos amigos inseparáveis, os gêmeos. Ela ficava uma meia hora longe de casa, porém não dava para negar os benefícios de Pietro ficar com as crianças. Como a psicóloga me lembrava: um dia de cada vez.

Conciliar tudo foi uma tarefa difícil, pois na segunda-feira tínhamos psicóloga, na terça era dia de encontro com psicopedagoga, para tratar da adaptação que envolvia as questões da escola, entrou para o caratê, duas vezes por semana; a sexta era o único dia livre, mas ficava de tempo

integral na escola, a fim de ir se acostumando. No tempo em que fiquei de licença-paternidade fui Uber Kids, nome dado pela Chay. As três cadeirinhas ficaram praticamente instaladas somente no meu carro.

Sentirei falta disso, agora que volto para minhas atividades.

— Mic. — Pietro veio do quarto com duas mochilas. — Você lembra que hoje vou ficar com a tia Momo, né?

— Claro que sim, arrumou tudo que precisa? — Haveria uma festa do pijama na Mônica, aparentemente a presença de homens adultos estava fora de cogitação, sendo assim, iria a comer uma pizza com Quim e Tim depois do serviço. Ericka foi convidada também. Não sei por que, mas algo me dizia que as mulheres juntas aprontariam.

— Você vai me buscar amanhã? Para comprar os presentes? — Amanhã seria a festa de aniversário dos gêmeos.

— Sim, senhor.

Parece que minha resposta o agradou. Não consegui segurar o riso, o garotinho ergueu o queixo e segurou suas duas mochilas e caminhou até a porta. Meu pequeno homenzinho, como dizia Mônica.

— Vamos, Mic.

— Sim, senhor.

Levei o mocinho até a escola, Quim estava na porta do colégio com seus filhos ao lado, se eu chegasse primeiro, precisava esperar Quim. Se chegasse primeiro, precisava me esperar. Os três mosqueteiros precisavam entrar juntos, não sei se Mônica pediu para os meninos o acompanharem, mas parece que os gêmeos, bem, o adotaram.

— Pêêê! — Tina correu até o carro quando nos avistou. Assim que meu garoto saiu, ela gritou. A menina sempre pegava em sua mão, e os dois entravam na escola juntos. Vicente ia ao lado de meu filho, os três conversando em seu mundo. Antes de passarem pelos portões, se viravam e acenavam para nós, pais vigilantes, que acenávamos de volta.

Quim se despediu, e segui meu caminho. O congestionamento de São Paulo me fazia querer ter uma sirene no alto do carro para poder cortar o trânsito e assim chegar cedo na delegacia. Como não tinha o que fazer, liguei a minha playlist no Amazon Music e fui cantarolando até chegar à delegacia. Estacionei, e a música *Iris*, do Goo Goo Dolls, começou, a música da minha Mônica — nas casas seguras, sempre a escutava. Meu inglês estava meio enferrujado, mas sei que a música é triste pra caralho.

Ela queria ser vista.

Queria ser entendida.

Quem a conhecesse como era.

Uma garota quebrada.

Minha garota quebrada.

— Vou juntar seus pedacinhos, minha anjinha, juro — prometi.

Eu a pediria em casamento todos os dias, até ela aceitar, mostraria que poderia ser feliz.

Preciso de um plano.

O dia passou voando, havia tanta coisa para colocar em ordem. Cheguei no fim do dia cansado, querendo um banho e cama, mas precisava socializar com adultos depois de meses em que a única coisa que tinha na geladeira eram caixinhas de suco e bolachas de carinha nos armários. Nada de queijos caros ou cervejas artesanais.

O telefone tocou, Quim me perguntou se poderíamos mudar um pouco de planos: iríamos a um bar-restaurante com a temática de jogos,

pois os sobrinhos adolescentes deles também iriam. Pesquisei o lugar e achei interessante. Havia mesas de sinuca e videogames, o que seria uma boa.

O dia correu tranquilo, foi mais serviço de mesa. O caso de Pietro foi fechado e a maioria dos culpados, presos, a continuidade da investigação ficaria nas mãos da Polícia Federal em conjunto com os italianos. Na semana seguinte, uma assistente social iria até a minha casa verificar como andava a adaptação, principalmente depois de ter voltado a trabalhar. Ficava meio apreensivo com essas visitas, esperando que a qualquer momento viriam me tirar o menino.

Saí da delegacia junto com Tim no final da tarde e seguimos até o local do restaurante; foi uma noite bem agradável, entre goles de cerveja e partidas de sinuca, a conversa girou em torno de nossas mulheres, cada um tentando adivinhar o que aprontariam. Na saída do restaurante, nos despedimos de Breno e dos meninos.

— Roger tattoo. — Quim apontou para o outro lado da rua. — Acho que é uma boa hora para fazer outra.

— Agora?

— Nunca tenho tempo de fazer isso, dia de semana é trabalho e mais trabalho, e no final de semana sou pai em tempo integral, não tenho

tempo. — Ele começou a atravessar a rua.

— Quem ouviu você falando pode achar que está reclamando — comentei, sorrindo. Entramos na loja, e uma moça em um balcão levantou a cabeça e nos encarou.

— Eu amo os meus anjinhos, mas às vezes precisamos de um tempo longe deles. — Quim parou em frente ao balcão. — Gostaria de tatuar o nome dos meus filhos.

— Onde?

— No peito, na altura do coração, Valentina e Vicente, pode colocar alguma coisa que lembre computadores perto do nome do menino. Eu acho que vou ter um supergênio de informática, ele puxou a mãe. Pena que minhas calculadoras não sobrevivam a isso. — O orgulho na voz era perceptível.

— Vai precisar falar isso para o tatuador.

A mulher indicou a sala ao lado, com armários nas laterais, uma maca e uma cadeira. Lá havia um cara grande com uma prancheta, do vidro dava para notar as inúmeras tatuagens pelo corpo. A moça deu um salto da sua cadeira e caminhou até o local, cabelo curto, vestida em roupas de couro, parecia um personagem de algum filme gótico de vampiros. Trocou algumas palavras com o cara e voltou.

— Pode entrar.

Enquanto Quim foi fazer sua tatuagem, fiquei olhando o mural em uma parede, as fotos de tatuagens prontas e desenhos. Devo ter ficado uma meia hora analisando tudo, conversando com Tim sobre amenidades, até que um desenho me chamou a atenção. Um pássaro, mas não era qualquer coisa que tinha visto nem era desse mundo.

A imagem de Mônica me veio à mente, seu sorriso, a risada, o gesto de sempre levar a mão ao rosto quando ri, o tom avermelhado de sua pele quando ficava nervosa ou animada. Aquele desenho era único como minha garota.

— Que desenho é esse? — perguntei à moça no balcão. Antes de responder, a porta da loja se abriu e uma mulher de feições asiáticas passou por ela. Creio que era japonesa.

— Boa noite, Lee — a moça do balcão cumprimentou. — Acho que o loiro se interessou por um dos seus desenhos. — A moça veio até mim, e apontei o pássaro.

— É uma fênix.

— Azul?

— Licença poética, acredito que as fênix são avermelhadas devido ao mito de que entram em combustão e ressurgem das cinzas. Como há vários tipos de fogo, fiz a minha em azul.

— Pode desenhá-la em mim?

— Agora? — Fiz que sim com a cabeça. — Podemos começar hoje, mas essa aquarela vai demorar um pouco. Posso começar o traçado.

— Ok.

— Por que esse desenho? — Ela me chamou com a mão até a outra sala.

— Vou ficar aqui. — Tim acenou do sofá. Mexendo no celular, pela cara parecia estar falando com Ericka, o rosto animado o traía.

— A fênix representa renascimento, certo? — perguntei ao entrarmos na outra sala.

— Sim, precisa renascer?

— Na verdade, já fiz isso. — Sentei na cadeira a qual ela apontou. — Eu era um outro homem, mas esse ano foi minha prova de fogo, tive uma segunda chance de ser pai, ter uma família... Essa fênix representa essa minha nova vida, e o tom azul representa alguém que amo. — De uma

certa maneira, a fênix representava as duas mulheres significativas em minha vida.

Acabamos saindo do estúdio quando o dia ameaçava nascer. Nós nos despedimos, nos veríamos mais tarde no aniversário dos gêmeos de Quim. Assim que cheguei em casa, mandei uma mensagem para Mônica:

Fiz uma tatuagem.

Certeza de que seria acordado com um telefonema dela, minha mocinha sempre muito curiosa.

— Quem é? — a voz infantil do outro lado da porta perguntou.

— Sou eu, Pietro. — A porta do apartamento de Mônica foi aberta por um mocinho sorridente. — Bom dia — disse a ele depois de abrir a porta.

— Onde está?

— O quê?

— A tatuagem. — Mostrei a ele meu antebraço coberto por plástico.

— É um pássaro?

— Sim, ele se chama fênix.

— Graças a Deus. — Mônica apareceu na porta. — Juro que se você aparecesse com um coelho azul, eu te mataria.

— Não acho que um coelho combine comigo, apesar de que quando terminar, a fênix terá tons de azul. A artista fez o desenho desta maneira. — Ela veio até mim e pegou o meu braço, analisando as linhas pretas. — Quando vi esse desenho, me lembrei de você, de mim, de Miranda. Não sei como será nosso futuro, se vamos ficar juntos ou não, mas quero lembrar de você, do homem que me tornei por sua causa.

— Merda, Michael. — Mônica mordeu o lábio. — Eu fiz a maquiagem, e vai me fazer chorar.

— Não era a minha intenção...

— Eu gostei. — Por fim, deu um sorriso.

— A gente tem que ir buscar as roupas para a festa.

— Ok, mocinho, já se decidiu sobre o que vai se fantasiar?

— Vou de astronauta ninja, mesmo isso não existindo. — Encarei Mônica, e ambos sorrimos.

— Por causa da Tina e do Vic.

— Sim, a Tina ficou chateada quando Vic disse que ninjas são chatos.

— Teve uma senhora discussão sobre isso ontem à noite — Mônica falou. — Ambos foram dormir brigados.

— Hoje de manhã, disse a eles para darem as mãos e fazerem as pazes, senão não ia falar com nenhum dos dois. — Pietro cruzou os braços. — Falei mesmo, não é, tia Momo?

— Sim.

— Muito bem, garotão, vamos pegar logo sua fantasia e depois vamos para a casa de seus amigos. Por que não vai buscar suas coisas?

— Tá bom. — Esperei o menino sair da sala e encarei Mônica.

— Não quero que se sinta mal por causa da tatuagem — comecei a falar, meio hesitante. — Não fiz por sua causa, lembrei de você ao ver o desenho, mas a tatuagem foi uma decisão minha, algo para mim, o significado da fênix, do renascimento, do meu crescimento e evolução.

— Confesso que quando li sua mensagem pensei: mais um ficando bêbado e tatuando um coelho. — Ela olhou por cima do ombro. — Na bunda.

— Eu amo você, Tigresa, só que nunca faria isso, desculpa.

— Por favor, nunca faça isso.

— Que tal um desfile com elefantes e palhaços igual à música do U2?

— Nem pense. — Coloquei a mão em sua cintura e a beijei de forma carinhosa, respeitando nosso momento leve.

— Casa comigo, Mônica? — Ela respirou fundo e negou com a cabeça. — Vou pedir outra vez em um futuro próximo.

— Já podemos ir? — Pietro perguntou.

Concordei com a cabeça, peguei suas coisas, e fomos para loja de fantasias.

Precisava remoer mais aquela recusa. Será que estava sendo muito insistente? Estava na hora de aceitar que seria somente um eterno namorado. Só isso estaria bom para mim? A longo prazo?



Capítulo 23



Mônica

Michael ficou calado depois que saímos do meu apartamento, e foi difícil conter minha ansiedade. Queria ter dito sim naquele momento ao seu pedido, mas todo o plano elaborado ontem à noite iria por água abaixo.

Finalmente me senti pronta, daria aquele passo, enterrei o passado bem fundo. Vivenciaria o meu futuro com Michael. Sim, foi um longo caminho, cheio de drama e incerteza, e se eu estivesse no lugar de Mic, já teria desistido de mim. Mas ele ficou lá, firme e forte.

— Amigão, quer uma ajuda com essas caixas? — Michael perguntou quando saímos de dentro do carro na rua da casa da Chay.

— Não, pai, eu dou conta. — A boca de Michael abriu e fechou, várias vezes. Pietro não percebeu isso, ia pela calçada tentando segurar as duas caixas de presente em seus bracinhos curtos.

— Pai... — Michael pronunciou a palavra em um sussurro.

— Sim. — Pisquei meus olhos várias vezes, na tentativa de evitar que lágrimas caíssem. Entrelacei os meus dedos nos dele. — Vamos, senhor pai.

— Não esperava por isso.

— Assim é melhor. — Ampliei meu sorriso. — Vamos antes que os mocinhos venham nos buscar.

— Olá, pessoal. — A mãe da Chay veio nos cumprimentar no portão. — Sejam bem-vindos de novo, nem preciso dizer que a festa é nos fundos.

Nós ajudamos a montar o aniversário dos gêmeos antes do dia da festa pijama. Tina queria como tema um desenho em que a menina era ninja, e Vic queria outro, no qual o menino era um viajante do espaço. Assim, montamos tudo com base nessas duas ideias, por isso uma mistura de preto com rosa era vista por todo lado. Acredite ou não, o astronauta usava o uniforme rosa.

Pietro entrou como um meteoro, na ansiedade de ficar com os amiguinhos.

O tempo estava fresco, as crianças não passariam calor com seus uniformes. Tina em um collant preto com espadas vermelhas nas costas. Chay cortou sua franja e prendeu o cabelo ruivo em um rabo de cavalo.

— Tia Momo. — A sapeca veio para o meu lado. — Ainda bem que você chegou, precisa passar reboco na minha cara, assim fico bonita igual a você.

Agachei até ficar na sua altura e sorri.

— Você é linda sem maquiagem nenhuma, mas podemos colocar um pouquinho de cor nesse rostinho.

— Ganhei da vovó Fátima um kit especial para crianças. — Peguei a mão dela, levantei, mandei um beijo para Michael e entrei na casa pela cozinha. — Mamãe, tia Momo vai passar reboco na minha cara.

— Ela é especialista nisso, quero também. — Subimos as três para o andar de cima, comecei com a Tina e suas maquiagens novas.

— Tem certeza disso? — Chay perguntou enquanto Tina foi até o seu quarto buscar as maquiagens.

— Tenho, sim, é o que eu quero. — Chay veio até mim, me abraçando forte.

— Estou muito feliz por sua escolha. Conte sempre comigo, e eu e Quim temos que ser os padrinhos para eu o pegar na sacristia.

— Sua safada.

— Olha quem fala.

— Aqui, Tia. — Olhei a maleta prateada gigante na mão da menina.

— Meu Deus!

— Sim, Fátima é exagerada, tem de tudo aí, desde maquiagem, coisas para unha, aplique de cabelo... Eu não sei mexer em metade disso.
— Chay olhou como se a qualquer momento um bicho estranho fosse pular da maleta.

— Vamos aprendendo aos poucos. — Comecei a trabalhar na menina.

Estávamos no meio da sessão de passar “reboco” no rosto das duas mulheres quindins. Tina, permaneceu quietinha, o que era raro. Deixei suas sardas à mostra, achava um charme. De repente, Vic entrou como um tornado.

— Mãe, tia... — Vic entrou correndo no quarto. — Tio Duuu e tio Michael estão brigando, e papai falou para chamar você.

— Ah, meleca. — Chay levantou em um pulo. — Vou dar na cara desses dois, já conversei com o paspalho do Duuu, agora vou dar uma chamada no Mic.

Chay saiu batendo o pé. *Como assim os dois estavam brigando?*

— Por que tio Mic está brigando com o tio Duuu? — Tina perguntou para o irmão.

— Não sei. — Vic deu de ombros. — Mas tio Mic deu um soco na cara do tio Duuu, e ele caiu igual uma batata podre.

— Meninos, isso não pode ser feito. Não sei o motivo da briga, mas seu tio Michael não deveria ter batido no Eduardo. — Saí do quarto com os gêmeos na minha cola. Quando chegamos ao quintal, o loiro estava em pé em um canto, e o moreno, sentado em uma cadeira com um pano no olho, enquanto Chay lhe dava um sermão. Ainda bem que os convidados ainda não chegaram.

— Essa é a minha casa, a festa dos meus filhos! Querem brigar, vão para o lado de fora! Não me importo nem um pouco com o diacho do motivo para começarem isso, mas temos crianças aqui.

— Em defesa de Michael, Eduardo mereceu — Breno falou. — Teria feito o mesmo.

— Você, cala a boca. — Chay apontou para o cunhado. — Os dois fazem parte desta família, Eduardo é o padrinho de Vic e Tina, e Michael é meu padrinho de casamento, os dois vão frequentar a minha casa nas festas, e se quiserem ser convidados, vão ter que fazer as pazes e resolverem seja lá o que aconteceu aqui lá fora. Minha casa é a porra da Suíça.

— Mamãe falou palavra feia. — Tina riu. — Ela tá muito brava.

— E você não deve repetir — falei com a ruivinha.

— Não mesmo — Vic concordou. — Será que mamãe vai botar os titios de castigo?

— Vai, sim, certeza. Não se deve agir com violência, devemos sempre conversar — Tina falou.

— Eduardo, peça desculpas para Michael...

— Não vou — Eduardo começou a falar.

— Você vai, sim, ou vou te pôr de castigo. Quer agir como criança, vai ser tratado como uma.

— Não disse que ela ia colocar os dois de castigo? — Tina deu um sorriso banguela, perdeu o dente de leite fazia duas semanas.

— Sinto muito, Chay — Michael deu um passo à frente —, por tumultuar sua festa. Peço desculpas também, Eduardo, por ter te socado. — Essa última parte foi dita como um sussurro e com a mandíbula travada.

— Eduardo, sua vez. — Chay cruzou os braços, encarando o moreno.

— Desculpa, Chay. — Foi só o que ele disse.

— Eduardo — Chay falou novamente.

— Não vou pedir desculpa para esse babaca, vou fazer uma queixa formal...

— Então vai ser assim. — Quim tomou a frente. — Sai da minha casa, Eduardo.

— Quim, você vai ficar do lado dele?

— Vou ficar do lado dos meus filhos. — O ruivo passou a mão pelos cabelos. — Respeite a minha casa e a minha família e pare de ser babaca. Se você não percebe que está errado, então precisa rever seus conceitos. Agora sai, por favor. — Ele apontou em direção ao corredor lateral.

— Tio Duuu. — Tina correu até o moreno. — Peça desculpas para o Tio Mic, ele já pediu. Devemos sempre desculpar as pessoas, é o que a Luísa fala, assim somos melhores. — Luísa, o nome da personagem do

desenho que Tina gostava. Eduardo observou a menina e depois ergueu a cabeça, encarando o loiro.

— Desculpa, Michael, pelo que disse — falou por fim.

— Agora vocês têm que dar as mãos e vão ficar sem doce, porque é feio brigar e estão de castigo. — Os adultos ao redor deram risadinhas. A pequena menina estava com as mãos na cintura, imitando a mãe.

— Sim, mocinha. — Eduardo levantou e estendeu a mão para Michael, que a pegou.

— Ótimo, agora vou brincar na piscina de bolinhas. — A menina saiu saltitando para o brinquedo, seguida pelas outras crianças. Caminhei até Michael.

— Podemos conversar lá dentro? — Ele fez que sim com a cabeça, e seguimos até o andar de cima. — O que foi que aconteceu?

— Perdi a cabeça. Não gostei de como Eduardo se referiu a você.

— Como assim?

— Quando cheguei nos fundos a conversa girava em torno de casamento e filhos, Quim estava tendo dificuldades em acender a churrasqueira e me ofereci para ajudar. Breno comentou que eu devia começar a me acostumar com churrascos e crianças agora que sou pai.

— Certo.

— Eduardo se virou para mim e disse: “E aí, cara, Mônica ainda está te enrolando?”

— Puta que pariu, será que esse babaca não perde a oportunidade de ficar com a boca fechada?

— Fingi que não era comigo e continuei a acender a churrasqueira. Foi quando Maria veio trazendo a carne e Breno mexeu com ela, dizendo que ela estava linda com aquela roupa.

— Ok.

— Depois de ela voltar para a cozinha, Breno nos confidenciou. Maria não anda muito contente com o próprio corpo, está com alguns quilos a mais, uma coisa levou a outra e começamos a falar sobre roupas.

— Depois diz que mulher é fofoqueira.

— Não é nada disso. — Vi o loiro ficar vermelho. — Bom, claro que fui me gabar de você ser modelo e de eu ter um monte de foto das investigações.

— Ei, não sabia disso.

— Bem, pedi para Tim pegá-las para mim. — Michael abriu um sorriso travesso. — Eduardo virou em um momento e soltou que se você

fosse a namorada dele, não deixaria você desfilar. Então eu devolvi: “ainda bem que ela não é”. — Senti a raiva subir, agora eu queria dar na cara daquele babaca. — Ele disse que você se expõe desnecessariamente, o tom dele me irritou, é o mesmo tom que escuto diariamente em alguns dos meus colegas quando atendem alguma vítima, como se fosse sua culpa. Quando vi, já estava socando a cara dele.

— Não sei o que dizer.

— Não tem nada o que dizer. Nunca, nunca mesmo, ache que o que aconteceu foi culpa sua, ponha isso na sua linda cabecinha. — Concordei com a cabeça. — Estou falando sério.

— Sim, senhor. — Michael estreitou os olhos. Saí do meu lugar e me joguei em seus braços, calculei muito mal e ambos caímos no chão do corredor. — Ops.

— Minha Tigresa desastrada. — Michael riu, e acabei o acompanhando enquanto levantamos. — Ainda vou ficar sem meu docinho? — Ganhei um abraço apertado com direito a aberto na bunda. Ele segurou a minha cabeça, seus lábios bem próximos dos meus. Os olhos azuis ganharam um tom escuro que diziam que não se referia a nada de comer, ou melhor dizendo, não a um alimento.

— Tenho uma surpresinha para você mais tarde.

— Algo a ver com a festa no pijama de ontem?

— Sim, mas só isso que vou falar.

O restante da festa aconteceu com tranquilidade, os gêmeos foram o centro das atenções como deveria ter sido desde o começo. O único momento em que fiquei perto de Eduardo foi durante as fotos. Fiz meu papel de madrinha, e o restante do tempo evitava sequer olhar no rosto do babaca. Nunca fiquei tão contente com uma decisão tomada. Dar um basta em Eduardo foi o certo a se fazer.

— Pronta? — Chay me perguntou na cozinha, e fiz que sim com a cabeça. Os gêmeos e Pietro estavam animados em participar do meu plano. Ontem passei à noite junto das meninas fazendo as camisetas e os cartazes que os meninos usavam agora. Passei um mês pensando na maneira certa de fazer o pedido de casamento, queria que fosse único, então por que não ter uma ajudinha dos meus anjinhos?

No quintal ficaram somente nossos amigos mais íntimos e a família, todos aqueles que eu amava e que me apoiaram de alguma maneira.

Praticamente marchei até lá fora, o som foi desligado e parei onde todos podiam me ver.

— Oi, gente. — Sorri quando todos ficaram quietos me olhando, uma baita pressão. — Hoje, além de comemorarmos nossos pequenos milagres Tina e Vic, eu tomei a liberdade de pedir para eles um espacinho na comemoração...

— Titio Mic! — As três crianças não me deixaram terminar o meu discurso muito bem ensaiado e apareceram no quintal pulando e sacudindo os cartazes onde estava escrito “Quer casar com a Tia Momo?”.

— Crianças! — Chay gritou da porta. — Ainda não era para sair.

— A tia *tava* demorando muito, então viemos ajudar. — Tina sorriu, e todo mundo gargalhou.

— Bem, então, Michael, quer casar comigo? — Michael levantou da cadeira e caminhou até as três crianças, lendo os cartazes e as blusas.

— Muito bem, o que temos aqui? — perguntou.

— A Momo quer casar com você, ela me perguntou ontem e acho que vai ser bem legal — Pietro respondeu. — Ela vai precisar fazer comida, trabalhar, te dar beijinhos na boca, é meio estranho, mas os pais da Tina fazem isso. — Pietro foi contando nos dedos as coisas que eu teria de fazer.

— Papai também deixa a mamãe ver o negócio de médico na TV — Vic contou. — Vai precisar fazer café da manhã e levar na cama, e comprar chocolate quando ela estiver doente da barriga.

— Entendi. — Michael falou, sério, aquele suspense estava me matando. — Tenho que dividir os brinquedos com ela também, não é? — Tina fez que sim com a cabeça.

— Então vai dizer sim? — Pietro perguntou.

Michael virou-se enfim para mim, seus olhos brilharam, e ele balançou a cabeça em negativo. Achei que aquele seria o fim, eu me arrisquei e deu errado, esperei tempo demais. Abaixei a cabeça e segurei com força a caixinha em minha mão.

— Você sempre vai querer ter a última palavra, Tigresa? — Michael segurou meu queixo e ergueu o meu rosto. — Te pedi em casamento hoje, e recusou.

— Sim, queria fazer algo especial.

— Sim, Tigresa, quero me casar com você. Dividir meus brinquedos, assistir seriado de médico, comer sua comida, fazer café da manhã e tudo mais que envolva um casamento. — Michael ofereceu a sua mão. — Onde está minha aliança de noivado? — Escutei mais risadinhas

enquanto me atrapalhava toda, colocando o aro dourado em seu dedo. —
Agora sim.

Michael me puxou e me deu outro beijo leve, como se tivesse todo o tempo do mundo. O que tínhamos ali era o começo de nossas vidas. Se um tempo atrás me dissessem que eu iria pedir alguém em casamento, querer ter uma família, um marido e um filho, eualaria que a pessoa estava doida. Finalmente deixei o medo de lado e me permiti amar novamente.

Não foi um caminho fácil e provavelmente não seria sempre um mar de rosas dali para frente, mas me sentia confiante de que conseguiria.



Epílogo



Pietro

Anos depois...

A porta da frente bateu com tudo contra a parede, e grandes homens passaram por ela. Ouvi meu pai gritando para que eu fosse para o quarto. Eles falavam em uma língua estranha e depois usavam o meu idioma materno. Perguntavam onde estavam os diamantes, eu não entendia nada, mas fiz o que meu papai falou. Fui para nosso quarto e espiei pela porta. Um dos homens começou a bater em meu papai, e o outro vasculhava tudo, quebrando as nossas coisas. Os livros voavam, e eu chorava baixinho.

O homem veio em minha direção, e eu fugi, me escondendo embaixo da cama, mas não adiantou nada. Ele me achou, me arrastou para frente do meu pai, me pegando pelo pescoço e sacudindo, perguntando sobre os diamantes. Papai implorava para me deixar vivo e finalmente falou que os diamantes estavam na universidade.

Os homens ficaram ainda mais bravos, e tudo que eu lembro depois disso é de sangue. Eles me levaram para um lugar onde muitas pessoas choravam. Vi uma mulher de pernas para o ar e um médico mexendo nela, eu não entendia nada. Depois me levaram para uma outra sala e fizeram com que eu engolissem várias bolas. Eu não podia mastigar, então doía bastante. Eu queria meu papai, e eles me batiam para ficar de boca calada.

— Pietro! — Uma voz linda me chamava, parecia a de um anjo, eu queria falar para ela correr dali. — Pê, acorde.

Abri os olhos e vi tudo embaçado, o coração batia com força contra o peito, respirava rápido, como se tivesse corrido muito. Não sabia onde estava, minha cabeça zunia. Senti braços me segurando, um odor doce, conhecia aquele cheiro de algum lugar. As lágrimas banharam meu rosto, e me agarrei àquela pessoa e deixei todo o medo sair do corpo.

— Você está salvo, seguro, estou aqui para você. — Abri os olhos e vi um borrão vermelho. Aquela voz, Valentina. A ruiva que não saía da

minha cabeça há dias.

Quando foi que as coisas mudaram entre a gente? Quando ela passou de minha melhor amiga para algo mais? Queria beijar aquela boca vermelha, queria apertar sua dona em meus braços e nunca mais soltá-la.

Ela se soltou de mim, como se pudesse ouvir meus pensamentos. Por um instante, queria pedir para ela ficar, não ir embora, mas onde estava a coragem?

— Aqui. — Voltei a ver com clareza quando os óculos foram postos no meu rosto. — Pesadelo?

— Uma lembrança. — Senti o rosto quente, a menina que eu gostava me viu chorando como um bebezinho.

— Deve ter sido um bem ruim. — Fiz que sim com a cabeça, fazia anos que não sonhava com a morte do meu pai, não sei o motivo de aquilo voltar de repente. — Eu tenho a solução para os seus problemas. — Ela deu aquele grande sorriso lindo, que fazia brilhar seus olhos escuros. — Vou até a cozinha esquentar um pouco de leite e...

— Não precisa se incomodar, já passou. — Desviei o olhar.

— Você lembrou do seu passado. — Balancei a cabeça afirmativamente.

Tina sentou na minha cama e encostou as costas na cabeceira. A menina não ia sair dali.

Tínhamos chegado na casa da sua avó fazia dois dias, passaríamos parte das férias de verão lá. Era janeiro, e logo mais nosso último ano no colégio iria começar. Dessa vez, ela e o irmão iriam comigo para a mesma escola. O último ano foi bem chato sem os gêmeos, mas eles não tinham passado no vestibular para a escola de elite a qual sou bolsista.

— Quer conversar?

— Na verdade, não, eu.. — Voltei a deitar no travesseiro. Dormia no quarto da tia dela, que fora viajar para o exterior. Tina e Vic estavam no quarto de hóspedes. — Voltei a sonhar com a morte do meu pai. — Tina deitou ao meu lado, ficamos em silêncio, olhando para o teto.

— Quer me contar? Prometo não falar para ninguém — Tina sussurrou.

— É algo triste e sangrento...

— Eu aguento. — Ela virou de lado, e eu também, ficamos olhando nos olhos um do outro, até ela começar a se aproximar de mim. Achei que estivesse sonhando, então me aproveitei do momento e avancei também. Antes de a beijar, dei mais uma olhada para o rosto belo.

O beijo começou hesitante, meio atrapalhado. Já beijei outras garotas, mas essa era a Tina, a garota mais incrível e corajosa que eu conhecia. Divertida, meio maluquinha, o que só acrescentava mais ao seu charme. Com um corpo maravilhoso, de deixar qualquer um de boca aberta. Eu me sentia perdendo o BV novamente.

— Foi bom? — ela me perguntou assim que terminamos, a pouca luz vinda do corredor me permitia notar seu rosto corado.

— Não sei, acho que tenho que provar de novo. — Levei um beliscão e comecei a rir. — Foi delicioso, mas quero outro.

— Foi meu primeiro... — Quase não a ouvi confessando. — Pode falar, foi ruim.

— Não mentiria para você, Tina, mas a perfeição vem com a prática, é o que dizem. — Dei de ombros, e ela voltou a me beijar. Ficamos naquela cama trocando beijos após beijos. Nós nos empolgamos, na verdade me empolguei mais do que ela, e senti meu pau ficar duro, então achei melhor pararmos por ali. Sentei na cama e coloquei o travesseiro no colo, esperando que ela não notasse.

— Tudo bem? — Suspirei, não conseguia a encarar. — Fiz algo errado?

— Não, é que... — Não podia dizer para ela que estava tão bom, que queria mais. — Cabeça cheia com o pesadelo, eu... — Então contei tudo, as lembranças para ela. Foi como se tivesse tirado um peso do coração.

— Ah, Pê. — Tina sentou em meu colo e voltou a me abraçar, chorando. Eu me sentia aliviado, confuso, com medo, excitado, muita coisa ao mesmo tempo. — Isso tudo foi horrível, ninguém deveria passar por isso.

Ficamos em silêncio por alguns minutos com os nossos pensamentos, até que confidencieei um desejo meu.

— Quero me tornar advogado e conseguir proteger pessoas como eu. — Esperei Valentina me dizer como aquilo era ridículo ou coisa assim.

— Então precisamos encontrar uma faculdade onde tenha jornalismo, ciência da computação e advocacia.

— Não entendi.

— Vou ser jornalista investigativa, desvendando crimes e mostrando esquemas de pessoas corruptas. — Ela se ajoelhou na cama, animada. — Agora que estamos juntos na mesma escola chique, vamos garantir uma vaga em uma faculdade boa, vamos alugar um apê, eu, você e o Vic.

— Você planejou tudo? — Coloquei um cachinho vermelho atrás da sua orelha.

— Bom, sempre imaginei nós três juntos na faculdade, pensa diferente? — Ela mordeu o lábio, e fui até ela e lhe dei um selinho.

— Gosto do seu plano. — Acariciei seu rosto em formato de coração. — Já disse como você é incrível?

Tina balançou a cabeça em negativo. Não resisti e voltamos a nos beijar.

Alguém puxou a minha coberta. Abri os olhos e vi um vulto perto da cama. Já ia xingar e mandar ir embora quando ele falou:

— Vovó pediu para acordar vocês. — Era a voz do meu amigo.

Vic saiu do quarto, e já podia imaginar a encrenca em que estava metido. Dormi com sua irmã.

— Tina. — Chamei a menina, nós estávamos em uma confusão de pernas e braços, verdadeiramente não queria sair dali.

— Me deixa, quero dormir. — A ruiva se aconchegou em meu peito, gostei muito daquilo.

— Sua avó está esperando para o café, se ela subir e nos encontrar na cama, seu pai e avô vão me matar. — Não era exagero, eles realmente iam me cortar em pedaços e dar para o cachorro da família.

— Você é tão chato... — ela reclamou enquanto esfregava o rosto em meu peito. — Já vou.

— Ruivinha preguiçosa.

— Moreno chato. Ai, meu Deus! — Tina colocou a mão nos meus olhos. — Fecha os olhos.

— Por quê?

— Você não pode me ver quando eu acordo, devo estar parecendo um monstro.

— Tina, isso é impossível. E estou sem óculos, então não vou ver muita coisa. — Senti a boca de Tina na minha e nos beijamos novamente, seu corpo cheio de curvas grudou no meu... Dava para sentir cada parte, e era gostoso.

— Bom dia para você. — Ela terminou de me beijar e saiu da cama. — Vou para o meu quarto ficar *maravilinda* e te encontro lá embaixo.

Levantei da cama e peguei minhas coisas para tomar um banho, de preferência gelado, pois as coisas lá embaixo estavam agitadas. Eu me arrumei e caprichei na aparência, também queria impressionar minha ruivinha. Desci as escadas e fui para a cozinha, dando de cara com Vic, todo sério.

— Dia, cara. — Sentei à sua frente.

— O que aconteceu ontem? — E lá veio a primeira prova de fogo.

— Tive um pesadelo, Tina foi no meu quarto e ficamos uma parte da noite conversando sobre o meu passado.

— Só isso?

— Não, nós ficamos. Eu gosto dela, Vic, esse último ano me mostrou isso. Não ver Tina todos os dias nem frequentar a mesma escola, só conversar por mensagem, isso tudo me mostrou que eu sinto por ela algo que vai além da amizade.

— Geralmente não me envolvo nas coisas da minha irmã, mas isso não quer dizer que não vou quebrar sua cara se a fizer sofrer.

— Realmente gosto dela e te prometo, vou cuidar dela e a fazer feliz.

— Bom, você é meu irmão, como diz a minha mãe, de alma, meu melhor amigo, mas ela é sangue do meu sangue, minha gêmea, a pessoa que eu mais me importo em todo mundo, então veja bem o que vai fazer.

— Certo. — Nós nos encaramos por um tempo.

— Nossa, quanta tensão aqui. — Tina entrou na cozinha e foi até o irmão, o abraçando pelo pescoço. — Já ameaçou Pietro de todas as maneiras possíveis? Fez com que promettesse que não vai me magoar e tudo mais?

— Algo do tipo — Vic resmungou.

— Não se preocupe, se ele fizer isso, eu mesmo chuto a bunda dele. — Ela olhou para mim e piscou, me fazendo lembrar de quando éramos pequenos e entramos no caratê. Os dois estavam muito mais avançados do que eu, e a mocinha me fez comer poeira sem misericórdia.

Nós começamos a tomar café, rindo e nos divertindo. Aquele ano prometia coisas boas. Estava com a minha ruivinha, ia me formar e fazer faculdade de direito. Podia respirar aliviado, os tempos escuros já tinham passado. A partir dali, era só curtir o restante da estrada com ótimas oportunidades.

A vida era muito boa.

Continua em Mentes Brilhantes...

-
- [1] Fonte: IMP - Instituto Maria da Penha
- [2] Uma seleção de pessoas para determinado tipo de trabalho, usado por vários ramos.
- [3] Ao fazer um ensaio fotográfico, o fotógrafo tem um número limitado de fotos, e isso é acordado em contrato.
- [4] Desenho animado de uma família que morava no espaço.
- [5] Nota da Autora: O salto alto foi inventado para o rei Luís XV porque ele era baixinho.
- [6] Marca famosa de lençóis no litoral paulista.
- [7] Filho da puta.
- [8] A senhorita está bem?
- [9] Fala português?
- [10] A placa do carro é composta por C de Chay Q de Quim e M de Mônica e os números são a data do meu aniversário.
- [11] Esse trecho foi retirado da REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, artigo A Proteção Brasileira para crianças refugiadas e suas consequências, disponível no site da Scielo.
- [12] Serviço de cuidados médicos em casa.